

Sexta-feira
21 Dezembro 2007

P



ípsilon

Em balanço

XÃO INZENDA - ESTE SUPLEMENTO FAZ PARTE INTEGRANTE DA EDIÇÃO Nº 6475 DO J. PÚBLICO E NÃO PODE SER VENDIDO SEPARADAMENTE

Clint Eastwood M.I.A James Gandolfini Mário Cesariny Madalena Victorino Rauschenberg

Guardámos o melhor de 2007

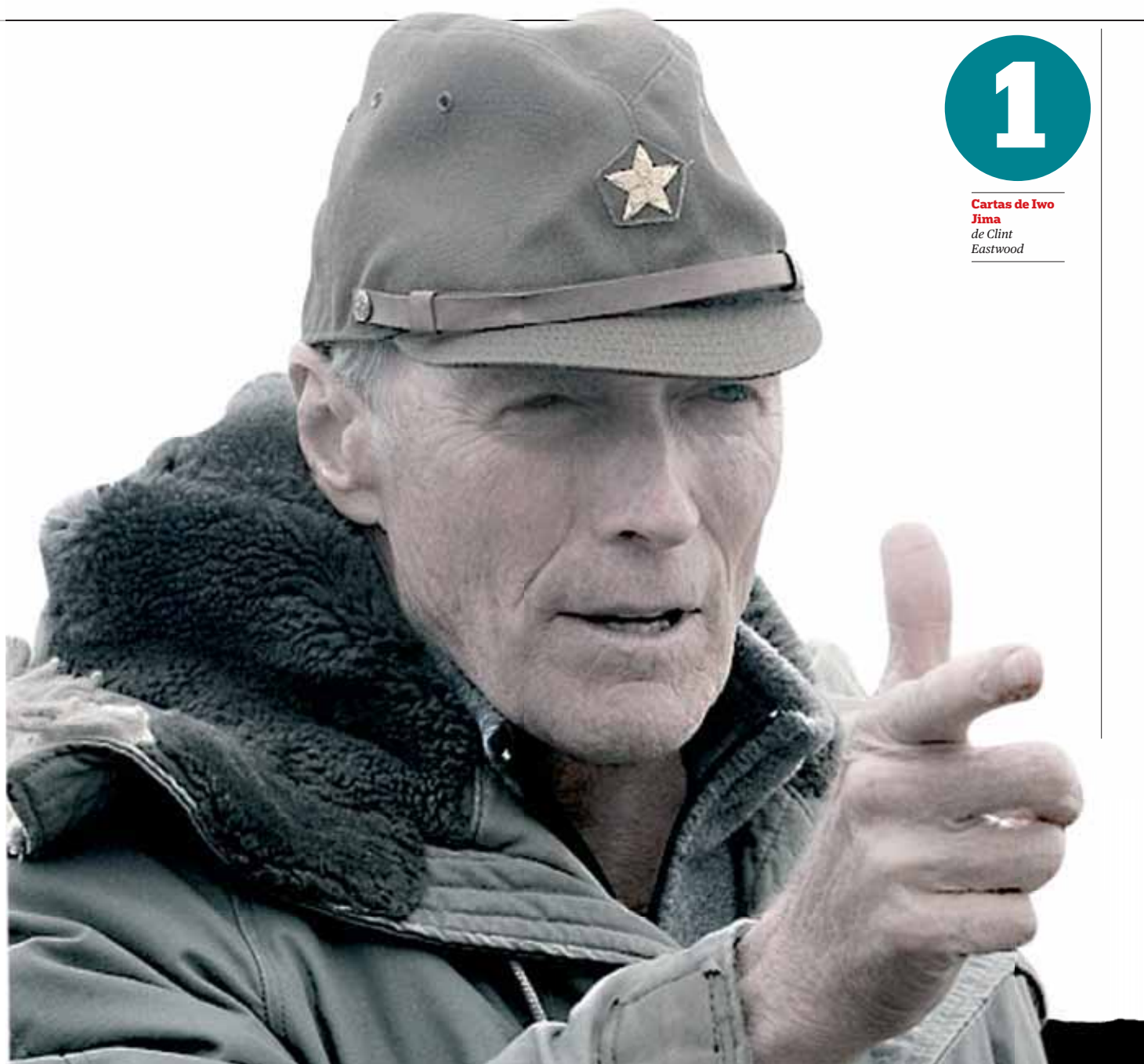
Clint Eastwood, M.I.A, Robert Rauschenberg, Gonçalo M. Tavares, Jonathan Littell ou J. K. Rowling. Ou José Maria Vieira Mendes, Diogo Infante, Madalena Victorino. São figuras do ano que passou. Em que se falou da morte da indústria musical, em que se correu atrás do “blockbuster” nacional, em que se afirmou o jazz português. O rock não tem idade, provou-se. Na pop quebrou-se a maldição do segundo disco. Foi um ano que acentuou a mudança no consumo de séries de TV (como passar sem “Os Sopranos”?). 2007: em Portugal ano Shakespeare e ano de Salazar. **Ilustração João Fazenda**





1

Cartas de Iwo Jima
de Clint Eastwood



Lady Chatterley
de Pascale Ferran

2

Sensualíssima adaptação de D. H. Lawrence por Pascale Ferran: espreitámos - com "voyeurismo" mas também com ternura e com o tremor de quem se aventura - a descoberta da intimidade por um par. A questão, nesta obra ao nu, também era: eles despem-se ou não? VC.

Natureza Morta
de Jia Zhang-ke

As ruínas vivas de uma cidade na margem do rio Yangtze, condenada ao desaparecimento pela construção da barragem das Três Gargantas. Depois de "O Mundo", Jia Zhang-ke continua a medir o pulso da China contemporânea em transformação. Filme sobrenatural (não tanto pelo OVNI que lá se vê, mais pela espantosa capacidade de atracção daquele formigueiro feito de carcaças de prédios), crónica do desaparecimento e da mutação, parente próximo de Tati e da "Juventude em Marcha" de Pedro Costa, é magnífico e necessário. L.M.O.



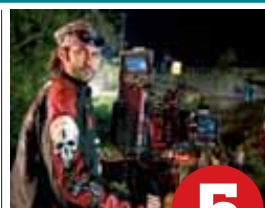
3

Belle Toujours
de Manoel de Oliveira

Regressando às personagens de "Belle de Jour", de Luis Buñuel, Oliveira filma uma pantomima, uma corrida inglória para apanhar o desejo... - inglória foi a corrida das personagens, libertinos envelhecidos, porque o filme, esse é glorioso... VC.



4



Planeta Terror
de Robert Rodriguez

Estava tudo à espera de Tarantino mas, na volta, foi Rodriguez quem melhor encarnou o espírito xunga dos filmes de "exploitation" com a sua metade do projecto "Grindhouse" - "Planeta Terror" é um concentrado destilado dos lugares-comuns das séries B e Z feitas por meia-dúzia de tostões, recriados sem ponta de cinismo, com uma convicção nascida do prazer puro e com uma energia de meter inveja a muita gente. JM.

5

Honra de Cavalaria
de Albert Serra

Com meia-dúzia de tostões, um grupo de amigos e dois actores amadores recrutados nos cafés da vila onde vive, o catalão Albert Serra enfiou-se por bosques e planícies a filmar o "Dom Quixote" (ou a sua lembrança). Como dois saltimbancos a exibirem-se para espectador nenhum, Quixote e Sancho vivem a sua



Beleza

majestosa

Clint Eastwood encenou a derrocada do Império japonês num tom elegíaco, recortando figuras na paisagem para as fazer contemplar a iminência da perda total. *Luís Miguel Oliveira*

O díptico de Clint Eastwood sobre a batalha de Iwo Jima chegou-nos com uma passagem de ano pelo meio. "Bandeiras dos Nossos Pais" no final de 2006, "Cartas de Iwo Jima" no princípio de 2007. Está claro que são filmes que se relacionam estreitamente, propondo, como propõem, uma perspectiva do mesmo conflito pelos dois lados antagónicos - assim como se pode dizer que se "Bandeiras dos Nossos Pais" fazia uma crítica do "heroísmo" na cultura americana, "Cartas de Iwo Jima" comenta o peso (e a especificidade) de semelhante noção na cultura japonesa.

Mas enquanto "Bandeiras dos Nossos Pais" tinha, no que ao comentário do contemporâneo diz respeito, uma agenda bastante extensa (é o Iraque, estúpido), "Cartas de Iwo Jima" surgia, nesse plano, muito mais aliviado. E ainda esta diferença fundamental - o primeiro filme, não importa quão acidentadamente, filmava uma "vitória", o triunfo de um mundo que assim pode

continuar a ser cada vez mais ele próprio; "Cartas de Iwo Jima" - no que será a mais decisiva inversão "especular" - não filma apenas uma derrota militar, filma uma derrota militar que implica o fim de um mundo. Talvez seja a partir daqui que "Cartas de Iwo Jima" mais se autonomiza do primeiro filme, até porque a temática do "crepúsculo", umas vezes em farsa outras em tragédia, tem sido um interesse frequente do cinema de Eastwood nas últimas décadas. Livre da obrigação de contar uma história - já contada no filme anterior - "Cartas de Iwo Jima" encena a derrocada do império japonês num tom elegíaco e interiorizado, recortando umas quantas figuras na paisagem para as fazer contemplar a iminência da perda total. É falso que, como alguns disseram, Clint feche os olhos aos horrores do militarismo japonês, pois isso está tudo lá, puxado a um absurdo tão expressivo que quase se dá a ver em "metáfora" (a cena do suicídio colectivo, por exemplo). O que

"Cartas de Iwo Jima"
serve-se de uma
"mise-en-scène"
e de uma montagem
que atenuam o cliché
("o último dos
clássicos") que
se colou a Eastwood

não está são os habituais trejeitos de desumanização do "outro", ou de empobrecimento da sua visão do mundo (porque nem sempre um inimigo é um homem das cavernas) - pelo contrário, "Cartas de Iwo Jima" é um filme sobre o antagonismo enquanto pura (mas devastadora) contingência, política e/ou militar, não necessariamente "civilizacional".

De uma beleza majestosa, toda em inteligência e subtilidade, "Cartas de Iwo Jima" serve-se de uma "mise-en-scène" e de uma montagem (é prodigiosa a estrutura dos "flashbacks" pessoais) que atenua um bocadinho o cliché ("o último dos clássicos") que se colou a Eastwood. O "classicismo" das "Cartas..." é altamente heterodoxo, e faz lembrar o do menosprezado John Huston, homem que acabou a carreira a filmar Lowry e Joyce e cuja reflexão sobre a guerra ("The Red Badge of Courage", baseado em Stephen Crane) valia a pena aproximar deste filme.



representação até ao ponto em que esta se confunde com um limite da resistência física, como convém a um filme sobre a abnegação e o triunfo sobre a exaustão (é "a honra da cavalaria"). Houve plano mais bonito do que aquele com Sancho, Quixote, a noite e uma lua de Méliès? L.M.O.



O Livro Negro
de Paul Verhoeven

Regresso à Holanda de Verhoeven, sabendo de cor e salteado as artimanhas do artesanato clássico americano. Billy Wilder? Seria pedir muito, mas é por esses caminhos... Desesperado e cáustico, "O Livro Negro" é um filme de aventuras e uma meditação sobre a moral humana na Europa nazi - ou será em Abu Grahb?

Promessas Perigosas
de David Cronenberg

A violência é uma história de família e a família é uma história de violência. Não há outra moral em "Promessas Perigosas", filme que é a reiteração prática de um filme teórico (o anterior "Uma História de Violência"). Os paralelismos são mais que muitos - Viggo Mortensen é nos dois filmes um homem que esconde outro homem dentro de si. Fiquemos com a crueza depurada de "Promessas Perigosas", com as suas farsantes alegorias (a "natividade" deixa-nos de queixo caído), que é mais do que o suficiente para fazer dele um dos melhores deste ano. L.M.O.



Bug
de William Friedkin

Talvez (já) não haja muitos filmes assim, tão obsessivos, tão à flor da pele, obcecados por "complots" e conspirações e pedido ao espectador que embarque na obsessão. Mas isso - e essa histeria e essa paranóia e essa forma de se colocar veementemente do lado da exclusão - é a marca do cinema de William Friedkin, que no século XXI filma como se estivesse nos anos 70. O mais poderoso disto tudo? É que "Bug" faz sentido, hoje. V.C.

Ratatui
de Brad Bird

A Pixar continua a subir a fasquia do que se pode fazer na animação por computador e a apropriar-se do manto criativo da Disney - "Ratatui", depois das reticências levantadas ao (contudo magnífico) "Carros", foi uma "prova de fogo" da sustentabilidade da marca. GANHOU em toda a linha: por trás da sumptuosa animação está um maravilhoso elogio da diferença e da novidade e uma parábola sobre os sonhos e a arte como já nem a Disney consegue fazer. A concorrência continua a milhas. J.M.





Foi você que pediu um blockbuster?

"CORRUPÇÃO": ESTREOU-SE ASSIM O PRIMEIRO FILME "SEM AUTOR" DA HISTÓRIA DO CINEMA PORTUGUÊS. **LUÍS MIGUEL OLIVEIRA**

No cinema português foi o acontecimento "mediático" do ano, com direito a cobertura diária da rodagem e tudo. Falamos de "Corrupção", cuja história é bem conhecida. Catarina Salgado escreveu um livro com "revelações" do foro pessoal, desportivo e, eventualmente, judicial; Leonor Pinhão, com base nele, escreveu um argumento cinematográfico; Alexandre Valente produziu-o e João Botelho realizou-o, completando-se o círculo da atenção pública quando, já com a pós-produção avançada, produtor e realizador se desentenderam quanto à forma final do objecto a apresentar ao público, facto que motivou, por exigência dos próprios, a retirada dos nomes de Botelho e Pinhão do genérico.

Estreou-se assim - toda a publicidade é boa publicidade - o primeiro filme "sem autor" da história do cinema português. Segundo afirmou o produtor, "Corrupção" fez uma boa "performance" na bilheteira mas um pouco abaixo das suas expectativas. No clima tão viciado onde respiram (?) habitualmente os discursos públicos sobre o cinema português é fácil perder a serenidade. Julgamos não a perder totalmente se dissermos que esta questão das "expectativas" se arrisca a continuar a gerar psicodramas e depressões colectivas. É como se cada filme novo se visse investido da responsabilidade de resolver de uma vez por todas o famigerado "divórcio" entre o público e o cinema português (esperando que o público português divorcie do

cinema americano para se casar em segundas ou terceiras núpcias com o português), e mais nada o justificasse. É uma pressão terrível, a que se acrescenta a tendência para fazer de cada filme um putativo repositório de tudo que está estruturalmente mal/bem no cinema português, como se cada filme fosse obrigado a propor um "caminho" (deliciosa expressão) para um tempo de idílica felicidade em que todos gostaremos exactamente dos mesmos filmes portugueses, e estes serão todos grandes sucessos de bilheteira.

Uma cinematografia assim, completamente sufocada em responsabilidades, justificações e recriminações, não pode deixar de viver na iminência de um ataque de nervos. Filmes são filmes - uns bons outros maus, uns polémicos outros pacíficos, uns muito vistos outros pouco vistos, uns de vida curta outros de vida longa. São coisas normais. Ninguém contesta a legitimidade da existência de filmes como "Corrupção" ou "O Crime do Padre Amaro", muito menos o desejo de um produtor multiplicar o seu investimento pessoal. É uma opção tão nobre como qualquer outra, mas é este o "caminho" (de via única) que queremos para o cinema português? Um perpétuo anseio pelo próximo "blockbuster"?

Contabilizar e esquecer? É que nós até podemos esquecer, mas os filmes não nos esquecem - e para o bem e para o mal ficamos lá, sempre, desde há cem anos.

Carolina Salgado e **o produtor Alexandre Valente**

Olha o género...

É O FILME "CHUNGA". OU O "FILME DE SÉRIE B". OU O "FILME DE GÉNERO". TARANTINO ANDA NISTO, MAS HOUE (HÁ?) COISA NO AR. **VASCO CÂMARA**

Já aborrece quando se faz de Quentin Tarantino aquela borboleta que, de cada vez que bate as asas do lado de lá do mundo, os efeitos sentem-se do lado de cá. Mas temos que voltar a falar nele. Para notar que tem estado ocupado - porque a isso tem sido convidado... - a apadrinhar operações de reabilitação de "géneros" ditos mortos. (Gosta de dar vida aos cadáveres).

O ano passado no Festival de Veneza Quentin apresentou os seus "personal favourites" filmes italianos de série B, coisa dos anos 70. Este ano, só uma indisposição o impediu de ir outra vez a Veneza falar de alguns dos seus "western

spaghetti" (de novo coisa dos anos 70) de eleição.

Não é coisa de massas, como antes eram esses filmes - houve um momento em que o "western spaghetti", por exemplo, era global. Fica-se pelo labor de cinefilia, parece que alguém anda a limpar o catálogo lá de casa e a anunciar com saudade títulos que se esqueceram. Mas essa saudade é sinal de inquietude, talvez face à uniformidade das coisas: é que se vê sempre o mesmo, em todos os ecrãs.

Serve isto para dizer que nos últimos anos se tem voltado ao cinema esquecido e, por razões não excessivamente misteriosas (o DVD tornou o passado mais presente, ao alcance de um comando televisivo...) a indústria cheira algo no ar e vai atrás. Dura o que dura uma vaga, mas até os festivais de cinema começaram a incorporar nas suas competições (Johnnie To, o cineasta de Hong Kong, que o diga...) exemplos de "cinema de género", de "thrillers" a "westerns" - este ano em Veneza falou-se no "regresso do western", por exemplo, algo que em 2008 vamos ver se se confirma, já a pensar no novo de Paul Thomas Anderson, "There Will Be Blood", em "The Assassination of Jesse James by the Coward Robert Ford", de Andrew Dominik, ou em "3:10 to Yuma", de James Mangold, "remake" do filme homónimo.

Que o tempo não volta mesmo para trás, prova-o o insucesso do díptico "Grindhouse", de Tarantino/Rodriguez, com os seus "zombies", raparigas petulantinas, carros assassinos e toda a restante parafernália do "exploitation" - mas do segundo título, de "Planeta Terror", podemos dizer que foi o mais lúdico dos filmes vistos em 2007, não era apenas um menino a competir sozinho consigo mesmo, como Tarantino em "A Prova de Morte".

Talvez poucos tenham aguentado sem se rir o feroz contrato com a paranóia que o norte-americano William Friedkin solicitava do espectador de "Bug" - mas foi um ano interessante para Friedkin, porque também se reabilitou em DVD um dos seus títulos mais polémicos, e igualmente próximo do "exploitation", "A Caça".

A mostrar que foi aí, da veemência do "cinema do género" (às vezes do lixo), que se afirmaram algumas das mais selvagens

propostas do ano, tivemos também o caso do holandês Paul Verhoeven, que, fazendo-se passar por Billy Wilder (não deu para confundir, mas foi uma ótima tentativa...), destilou toda o seu cepticismo em relação ao ser humano num filme de aventuras, que também era um "thriller" de espionagem, que também era... e chamou-se "O Livro Negro".

Raparigas & carros, por Quentin Tarantino





Um cinema particular

ENQUANTO TUDO SE GLOBALIZA, UM CINEMA FAZ DO "PARTICULAR" UMA RUGOSIDADE NA SUPERFÍCIE DO MUNDO. **LUÍS MIGUEL OLIVEIRA**

Sabemos a cantiga: o mundo "globaliza-se" e o corolário utópico ou distópico desse movimento é ter toda a gente em todo o lado e ao mesmo tempo a fazer, ver, ler ou ouvir as mesmas coisas. A mais velha dinâmica do mundo: o avanço do "universal" à custa do "particular". Como num aforismo de Godard: "Faz parte da regra querer a morte da excepção". Talvez a "globalização" não seja mais do que uma variação ideologicamente investida e algo agressiva desta "regra", tanto quanto é verdade que o "global" e o "universal" existem em várias escalas (e se manifestam tanto na queijaria artesanal que é fechada por não cumprir os requisitos comunitários como no espectador que deseja que os filmes feitos no seu país sejam parecidos com os americanos).

Precisamos desta hipótese - uma nova consciência, mas também uma nova amplitude, da permanente ameaça do "particular" face ao "universal" - para falar de cinema, cinema esse que, de resto, teria mil e uma razões (históricas e contemporâneas) para ser associado a esta história. Fiquemos com uma, suscitada pelo "Natureza

Morta", de Jia Zhang Ke, e que vem na esteira de algum do mais importante cinema contemporâneo (a obra anterior do próprio Jia, inclusivamente): o interesse pelo testemunhar de momentos precisos de transformação, ao mesmo tempo um trabalho de memória e uma observação do esmagamento do que está "aqui" e só "aqui" pode estar (eventualmente substituído pelo que pode estar, ou já está, em "qualquer outro lado"). O seu filme sobre a cidade de Fengjie, destruída pela construção de uma barragem que não é só uma barragem, mas também uma expressão da China em modernização, confirma ainda outra "tendência": a do "abraço" entre documentário e ficção, literalmente implodindo classificações genéricas, como modo electivo de abordagem desta temática (pensamos num filme como a "Juventude em Marcha", e noutros infelizmente não estreados comercialmente por cá). E a sua singular relação com o cinema de Jacques Tati, homem que fez da sua obra uma paciente observação de algo (um modo de vida, uma paisagem) a "transformar-se".

Embora não sejam filmes tão marcantes como "Natureza Morta", encontramos algo de bastante aproximável no que Aki Kaurismäki faz com Helsínquia em "Luzes no Crepúsculo", e ainda no curioso par de filmes romenos ("A Morte do Sr. Lazarescu" e "12.08 a Este de Bucareste") recentemente estreado. Mesmo o "localismo" de um filme como o "Honra de Cavalaria", de Albert Serra, tem algo a ver com isto: um cinema que faz do "particular" uma rugosidade na superfície do mundo.

Da Roménia, "A Morte do Senhor Lazarescu"

A morte dos autores

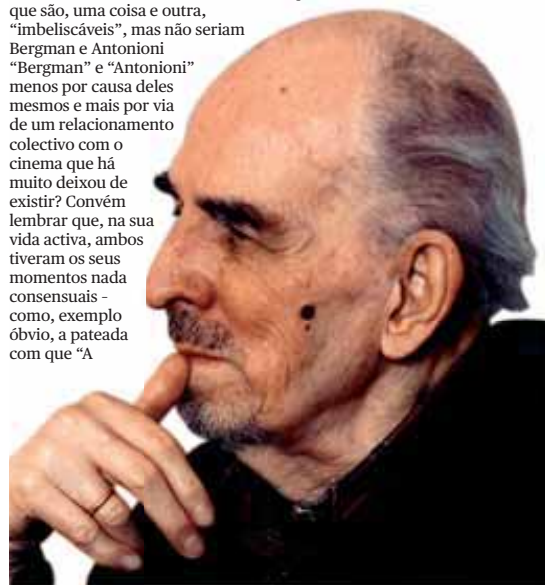
BERGMAN E ANTONIONI: NÃO FORAM OS DOIS ÚLTIMOS "AUTORES" QUE MORRERAM - FORAM AS DUAS ÚLTIMAS TESTEMUNHAS DE UMA ÉPOCA EM QUE OS "AUTORES" TINHAM ALGUÉM COM QUEM FALAR. **LUÍS MIGUEL OLIVEIRA**

Um dos acontecimentos mais significativos do ano 2007 foi a morte, ocorrida no mesmo dia (30 de Julho), de Ingmar Bergman e Michelangelo Antonioni. Dos poucos gigantes de "outros tempos" ainda vivos, sendo que não deixavam por isso de ser do "nosso tempo" (ambos com filmes feitos já no século XXI, no caso de Bergman, com "Saraband", mesmo um filme maior), bastaria a morte de um deles para ser um "acontecimento" de 2007. Morrendo os dois no mesmo dia, o sucedido passou a ser simbólico: a "morte dos autores".

Mas morreram mesmo os "autores" enquanto "espécie"? Ou a morte simultânea de Bergman e Antonioni, em todo o seu simbolismo, assinala apenas um epitáfio para uma época que morrera, já, há muito mais anos do que eles? Não se trata de beliscar nem a importância das suas obras nem a dimensão do seu talento, que são, uma coisa e outra, "imbeliscáveis", mas não seriam Bergman e Antonioni "Bergman" e "Antonioni" menos por causa deles mesmos e mais por via de um relacionamento colectivo com o cinema que há muito deixou de existir? Convém lembrar que, na sua vida activa, ambos tiveram os seus momentos nada consensuais - como, exemplo óbvio, a pateada com que "A

Aventura" de Antonioni, foi recebido em Cannes, perfeito sinal dos equívocos e ambiguidades que sempre convivem com o reconhecimento da excepcionalidade, raras vezes imediatamente evidente. Num editorial escrito na altura, Nuno Pacheco fez aqui no PÚBLICO uma observação certa, quando exprimiu dúvidas sobre se seriam capazes de reconhecer e aplaudir os Bergmans e Antonionis do nosso tempo, ou Bergman e Antonioni se fossem do nosso tempo. Há uma resposta pessimista: não seríamos. Vamos pouco ao cinema, deixámos de ir, ainda menos ver filmes europeus. Outros "autores", polarizadores de atenção e interesse nos anos 60 e 70, foram perdendo

público: Rohmer ou Resnais, mesmo Godard, estreiam hoje na indiferença quase geral. Moretti ou Almodóvar, "autores" relativamente populares, não são Bergman nem Antonioni, mas ainda que fossem nunca seriam "Bergman" e "Antonioni". O lugar do cinema mudou, a própria maneira de ver cinema mudou, e com ele a importância que atribuímos ao que têm os "autores" a dizer e mostrar. Todos têm culpa: os adultos porque deixaram de ir ao cinema, o cinema porque se desinteressou dos adultos. Bergman e Antonioni: não foram os dois últimos "autores" que morreram - foram as duas últimas testemunhas de uma época em que os "autores" tinham alguém com quem falar.



Ingmar Bergman

MICHEL DANTAS



Pedro Borges.
Midas Filmes



LAURA DERN Mudou de casa, e o acaso levou-a para a vizinhança de David Lynch. Encontraram-se na rua e ela pediu-lhe: "pensa num filme comigo". Ele fez-lhe a vontade e ofereceu-lhe um "império" labiríntico, por onde Laura se perdeu ou se encontrou, e nós todos com ela. **L.M.O.**



SAM RILEY Não sabemos como Ian Curtis andava nem como falava, ou como se mexia (fora do palco). Também não sabemos se andava e falava como Sam Riley em "Control", de Cornjin, mas não esqueceremos a maneira como se entregou à personagem, coração e alma ("one will burn" - mas foram os dois) em lenta combustão. **L.M.O.**



SYLVESTER STALLONE O "loser" foi comovente: como se tivesse saído dos anos 70, prolongando o sortilégio do primeiro "Rocky" - saltando por cima das sequelas - para reafirmar a verdade do (anti-)herói americano; e a sua, solitária, de realizador, porque em "Rocky Balboa" o retrato de um foi o retrato de outro. **V.C.**

TEZIANA FAUSTO



Midas

obrigado por cuidar da nossa cinefilia

A produtora e distribuidora surgiu há ano e meio e fez-se logo notar - porque começou a editar DVD que poucos atreveriam. Há razões para querer que 2008 chegue depressa. *Kathleen Gomes*

Lisboa não é Londres, mas de vez em quando até parece - culpa de alguns irredutíveis teimosos e, desta vez, até podemos dizer nomes.

A geografia de "Zidane - Um Retrato do Século XXI", de Douglas Gordon e Phillippe Parreno, deve ser qualquer coisa do género: estreia comercial em Londres, Paris, Nova Iorque (até aqui tudo bem)... e Lisboa. Que sítio é esse que em tempo de vacas magras e salas vazias se dá ao luxo de estreiar no cinema um ovni ("não é bem um filme, não é bem futebol", era o chamariz de "Zidane" e dizê-lo era quase excluir os espectadores mais prováveis)?

É reconfortante saber que anda alguém a cuidar da nossa cinefilia, nas salas como em casa. Pedro Borges tem experiência (durante 16 anos foi a outra metade da Atalanta Filmes) e idade para saber que essas coisas custam caro, mas se calhar os 50 são os novos 25.

A Midas Filmes, produtora e distribuidora, surgiu há ano e meio e fez-se logo notar - porque começou a editar DVD que poucos atreveriam (Sergei Paradjanov, dois Kitano quase desconhecidos, Derek Jarman...) e apostou em dar-nos mais do que o filme, materiais extra (a cinefilia, hoje, também passa por eles).

A novidade é que a Midas começou a fazer isto quando outros estavam a recuar (a Atalanta, inicialmente tão ciosa nos extras dos seus DVD, desinvestiu nesse campo) e aventurou-se na produção própria, chamando a si uma "família" para comentar e contribuir (Cassavetes por João Canijo, Kiarostami por Jorge Silva Melo, John Ford por João Botelho...).

Digamos apenas isto: quando se entra numa casa onde há DVD Midas, sabe-se o chão que se pisa. Mesmo que o catálogo da Midas seja menos puritano do que se possa suspeitar: vale tudo, de Tarkovsky a Russ Meyer.

Há razões para querer que 2008 chegue depressa: Midas vai editar em DVD todo o Pedro Costa que faltava ("O Sangue", "O Quarto da Vanda", "Juventude em Marcha"), mais Godard, mais Pialat, um documentário de Jon Savage sobre os Joy Division, outro sobre Patti Smith, mais estreias na sala de cinema ("Persépolis", a animação baseada na BD de Marjane Satrapi, já em Janeiro), e um desejo - editar integralmente as obras de António Reis e António Campos. Já estamos a torcer.

Há razões para querer que 2008 chegue depressa: Midas vai editar em DVD todo o Pedro Costa que faltava ("O Sangue", "O Quarto da Vanda", "Juventude em Marcha"), mais Godard, mais Pialat, um documentário de Jon Savage sobre os Joy Division, outro sobre Patti Smith



ROSE MCGOWAN

Antes, houvera as pernas de Sydney Tamiia Poitier ou de Rosario Dawson em "A Prova de Morte", mas o fetiche das pernas que atravessou o projecto "Grindhouse" de Tarantino & Rodriguez floresceu gloriosamente com o coto-metralhadora de Rose McGowan no desvairado "Planeta Terror" - uma das imagens do ano, no cruzamento da "exploitation" mais básica, do "trash" assumido e do "girl power" pós-moderno. **J.M.**

REUTERS/REUTERS



JORGE CRAMEZ Estreou-se com o fantasma de Nick Ray, e reunindo, em participações especiais, cineastas que são afinidades electivas (de Teresa Villaverde a Manuel Mozos). "O Capacete Dourado" foi uma elegia por um cinema que já não existe. Chamámo-lhe solitário, poderão chamar-lhe reaccionário. Mas foi bonito. **VC.**

REUTERS/REUTERS



RYAN GOSLIN Foi o primeiro ano dele. Por causa do Óscar que não ganhou (por "Half Nelson - Encurralados") e por causa do duelo que ganhou nas calmas com Anthony Hopkins (em "Ruptura"): tem 27 anos, meia-dúzia de filmes e um talento ao qual vale a pena estar atento - apostamos que vai haver mais anos dele.. **J.M.**



James Gandolfini

Cosa nostra, coisas nossas

Mais do que o mafioso no divã, Tony foi o herói americano em rota de colisão com o sonho. O que vamos fazer sem Os Sopranos? *Jorge Mourinha*

Quando David Chase o convidou para o papel principal da sua nova série, foi a sorte grande que saiu a James Gandolfini – ou talvez apenas o proverbial albatroz à volta do pescoço, já que dificilmente vamos olhar para ele daqui para a frente sem vermos Tony Soprano, o capo mafioso de New Jersey a tentar negociar os tempos que mudam ao longo de seis temporadas de episódios.

Pode ter sido Chase, o criador e eminência parda da série, a ter criado as neuroses deste homem entalado entre duas famílias (que na prática é como se fossem uma), mas foi Gandolfini a dar-lhe (literalmente) corpo, projectando Tony Soprano para lá do lugar-comum mafioso e emprestando-lhe uma humanidade que apanhou muitos espectadores de surpresa. Como quem diz que, no fundo no fundo, heróis e vilões, polícias e ladrões, somos todos feitos da mesma massa e estamos sozinhos no mundo.

De certa maneira, as seis séries de “Os

Sopranos” tornaram-se numa espécie de radiografia da América vista pelo microcosmos de uma família muito especial, guiada pela navegação à vista que Tony teve de fazer não só pela paisagem que o rodeia como também pelo interior de si próprio, extraordinariamente traduzida na vulnerabilidade mercurial de Gandolfini. E o maravilhoso do apenas aparentemente abrupto final é que confirma precisamente isso: essa navegação não tem fim à vista e deixamos Tony Soprano tão à toa como quando viu o pato na piscina.

Gandolfini projectou Tony Soprano para lá do lugar-comum mafioso e emprestou-lhe uma humanidade que apanhou muitos de surpresa



MICHAEL C. HALL Como é que se faz um assassino um herói? Pergunte-se a Michael C. Hall, o cangalheiro “gay” de “Sete Palmas de Terra” reconvertido em “Dexter”, o “serial killer” de “serial killers”: é a sua interpretação no fio da navalha que faz dela uma das melhores novas séries americanas recentes – e dele um dos raros actores televisivos a não ficar preso a uma só personagem. **J.M.**

HUGH LAURIE É uma das figuras mais populares da vasta descendência das séries norte-americanas dos últimos anos. Estirpe: médico. Nacionalidade: norte-americano, mas britânico na essência (Hugh Laurie é o extraordinário actor que já conhecíamos de “Blackadder”). Género: CSI clínico com toques de malvadez. Descendência: livros, CDs, filosofia de bolso. Dr. Gregory House (TVI e Fox), um insulto inteligente ao seu dispor. **J.A.C.**



Argumentista

o herói na sombra

A greve nos EUA ameaça fazer soçobrar uma indústria baseada em talentos visíveis e que raramente glorifica os que ficam na sombra. *Joana Amaral Cardoso*

São os cristos das produções televisivas: se a série é má, a culpa é deles; se o produto é bom, o mérito é dos actores. A greve que perdura nos EUA ameaça fazer soçobrar uma indústria baseada em talentos visíveis, mas que raramente glorifica aqueles que ficam nas sombras. Quando falamos das figuras das séries de televisão, a primeira linha está recheada de caras conhecidas. Mas há que honrar os escritores, desde os que adaptaram "Conta-me Como Foi" para a RTP1 até aos estrangeiros que dominam a produção exibida em Portugal.

Aqueles como David Chase, que admitiam odiar a televisão e que pas-

saram 20 anos de carreira sem conhecer os prazeres do reconhecimento crítico ou institucional. E que depois nos ofereceram "Os Sopranos" e mudaram a face das séries de televisão. Os tais, como Karl Pilkington, Stephen Merchant e Ricky Gervais, que respectivamente eram crianças tímidas, não acabaram o liceu e foram "managers" dos Suede antes de mostrarem ao mundo uma outra forma de fazer comédia. O estilo é o "mockumentary" e na prática isso traduz-se na estranheza que todos sentimos pela primeira vez ao assistir a "O Escritório". Ou os que, como Tim Kring, dizem nunca ter lido um livro de BD

na vida e depois criaram "Heróis". Há os outros que detêm os segredos desejados por milhões, como Carlton Cuse e Damon Lindelof ("Perdidos"), e que já têm a sua própria alcunha dúplice (Darlton) como se um casal de Hollywood se tratasse. Também vêm à cabeça os que criam homens impossíveis de questionar (ou não), como Joel Surnow e Robert Cochran fizeram com Jack Bauer de "24". E os tantos, tantos outros que escrevem o miolo das séries enquanto os criadores e argumentistas principais se guardam para os episódios mais importantes ou de viragem.

Também há aqueles que serão

São os cristos das produções televisivas: se a série é má, a culpa é deles; se o produto é bom, o mérito é dos actores

conotados com um nicho "sci-fi" a vida inteira, mas que têm t-shirts em sua honra usadas por orgulhosos fãs. "Joss Whedon is my master now", homenageiam os seguidores do criador de "Buffy", "Serenity" e "Firefly" nos piquetes dos grevistas americanos. A greve preocupa os estúdios mas ainda não está a afectar directamente os espectadores, que se calhar só se vão aperceber da importância dos que passam horas em frente a um computador a criar intrigas quando forem engolidos por uma onda de "reality-shows". Seja qual for o desfecho da greve, a programação continuará dentro de momentos.



MARY-LOUISE PARKER

Aqueles grandes olhos castanhos fazem qualquer um perder-se, como diz Conrad Shepard, um dos seus sócios no negócio de cultivo e venda de marijuana em "Erva" (as duas primeiras temporadas passaram este Verão na RTP2). É uma das protagonistas mais carismáticas da televisão, pelo equilíbrio periclitante que a sua expressão consegue fazer entre a normalidade dos seus actos mais desviantes e a sensualidade da sua inocência. **J.A.C.**



Always on

JÁ NÃO VEMOS SÉRIES COMO ANTES. MAS CONTINUAMOS A VÊ-LAS FIELMENTE. **JORGE MOURINHA**

Há muito, muito tempo, as séries de televisão passavam uma vez por semana, a uma hora certa, num dia certo. Quem não viu não viu: episódio falhado era episódio perdido. E assim se fizeram as memórias da nossa infância: das séries que eram um acontecimento ("Espaço: 1999", por exemplo), das noites em que o país parava para as ver ("Gabriela"), dos dias seguintes em que não se falava de outra coisa.

Mas isso era antes dos canais privados, antes da televisão por cabo, antes do DVD, antes da internet de banda larga e dos "torrents". Hoje, as séries ainda são um acontecimento, mas já ninguém pára à sua espera. E esse, num momento que muitos consideram ser uma nova era de ouro para a ficção televisiva americana, é o desafio que a televisão enfrenta. A série é um forte atrator de audiências - veja-se um "Dr. House" na TVI, um "CSI" na SIC - mas o facto é que as pessoas precisam cada vez menos de uma televisão para as ver. Quem não vê na televisão terrestre, pode sempre apanhar num dos canais por cabo que

reciclam séries (Fox, Fox Life, Fox Crime, AXN, FX, MOV...), e se não pode ver deixa a gravar no disco rígido. Ou pode ir directo ao DVD, onde os editores esperam cada vez menos que as séries passem na TV para as lançar (ainda a terceira série de "Perdidos" está a correr na RTP-1, já a temporada completa está aí à venda; "Os Sopranos" ainda agora acabaram a última temporada na RTP-2 e "Heróis" na TVI e o DVD acaba de sair). Ou, se não puder esperar pelo arranque da série num canal local, tira-se de cuidados e vai à internet sacar os últimos episódios, em alguns casos até com legendas em português.

Que o mesmo é dizer, os tempos da série como centro social do serão já não voltam mais. Que ela tenha sobrevivido a essa mudança de paradigma é um reflexo incontornável da sua qualidade actual - ainda é possível haver fenómenos, como "Perdidos" ou "Heróis" provam, mas são fenómenos que já não se alimentam da exclusividade do episódio semanal, antes da proliferação e ubiquidade de ecrãs e de momentos em que podem ser vistos. A série deixou de ser o jantar em família - o momento de convívio à volta de um assunto que todos tinham em comum - para passar a ser o "snack" consumido quando o ratinho se queixa - onde o espectador quer, quando quer, como quer. Na íntegra (45 a 55 minutos limpos de anúncios, é o tempo de uma pausa para almoço) ou em "highlights" partilhados através do iTunes ou do YouTube (foi assim que os Gato Fedorento saltaram para o horário nobre da RTP).

Há um risco - chama-se "saturação": quando já não se consegue dar mais um passo sem estar rodeado pelos universos virtuais que, por exemplo, "Perdidos" e "Heróis" criaram à sua volta e - como acontece a qualquer série que perdeu o encanto (vide "24") - o espectador desliga. Mas, aí pelo menos, não há diferenças em relação ao passado, mesmo com todos estes outros ecrãs que agora proliferam e estão sempre em "on".



1

Os Sopranos

Considere-se o seguinte: nos dias antes, durante e depois da transmissão do último episódio de "Os Sopranos", exibida no canal por cabo HBO e não em sinal aberto, ninguém nos EUA falava de outra coisa. Por aqui se mede o impacto da série criada por David Chase, que pegou na fórmula central da telenovela para lhe dar uma dimensão de tragédia quase grega abordando tudo aquilo que nos perturba no quotidiano através de uma família cujo pai acontece ser mafioso. O que vamos nós fazer agora que já não há mais "Sopranos"? J.M.

Dexter

No papel, é um risco: fazer uma série cujo herói seja um assassino em série. Mas nem é um risco por aí além numa era em que quase todas as séries americanas os correm, e o segredo de "Dexter" (FX), desenvolvida por James Manos a partir da personagem criada pelo romancista Jeff Lindsay, chama-se humor. Negro. No limite do aceitável. Mas perfeitamente modulado pela interpretação de Michael C. Hall no papel do psicopata que resolve crimes de dia e os comete à noite, capaz de pegar nesse humor e de no-lo devolver transformado numa personagem de carne e osso. J.M.

2



3

Erva

Henry Miller fê-lo com o sexo, Alberto Moravia com o fastio da sociedade italiana da primeira metade do século passado. Agora, Jenji Kohan, a criadora de "Erva", fá-lo para os subúrbios americanos, todos iguais, com os canteiros arranjadinhos e marijuana a crescer sob lâmpadas especiais. Uma comédia dramática sobre uma jovem viúva que vende e cultiva marijuana. Tudo é assustadoramente normal e imoralmente aceitável. O que parece impossível é comum e essa é a beleza de séries antinormativas como "Erva", que a RTP2 exibiu este Verão. J.A.C.

Figurantes

Depois de "O Escritório" (RTP2), já adaptado nos EUA, Ricky Gervais junta-se novamente a Stephen Merchant para fazer uma série impagável sobre o percurso de um figurante com aspirações de protagonista. "Figurantes" (produzido pela HBO e BBC) teve apenas duas temporadas, como "O Escritório", e segue o estilo da sua precursora: parece real, mas é a brincar. O extra de "Figurantes" são os "cameos" de estrelas como Orlando Bloom, David Bowie ou Ian McKellen a ridicularizarem as suas "personas" públicas. J.A.C.

4



Perdidos

O final da terceira temporada de "Perdidos" (RTP1 e Fox) está para chegar a Portugal e com ele abrem-se novas portas no mundo Alice no País das Maravilhas de Carlton Cuse e Damon Lindelof. É a série ícone da era pós-"Sopranos", a mais complexa e consciente dos potenciais das novas tecnologias para a televisão. Desdobrou-se em jogos, fóruns e "wikis" na Internet, é riquíssima em referências literárias e mesmo com a irregularidade dos argumentos ao longo de 23 episódios anuais (passará a 16 por temporada a partir da 4ª trache) destaca-se como produto televisivo que fideliza audiências. J.A.C.

5



Informações 21 790 51 55 - culturgest.bilheteira@cgdp.pt - www.culturgest.pt
 Bilhetes à venda Culturgest, Bliss, Trive, Livrarias Bulhosa (Oeiras Parque), Lojas Abreu,
 Worten e www.ticketline.sapo.pt Reservas 707 234 234

Preço único
 até aos 30 anos
 5 Euros



O RAPAZ DE BRONZE

Música de Nuno Côrte-Real

Embora o libreto seja baseado num conto para crianças, esta não é uma ópera dirigida ao público infantil.

Libreto de José Maria Vieira Mendes segundo o conto homónimo de Sophia de Mello Breyner-Andersen **Orquestra Sinfónica Portuguesa** - Dir. musical Christoph König
Rapaz de Bronze Eduarda Melo **Florinda** Nora Sourouzzian **Gladiolo** Daniel Norman
Tulipa Margarida Reis **Rosa** Alexandra Moura **Begónia** João Sebastião **Cravo** Job Tome
Orquídea Ana Barros **Encomenda** Casa da Música e Teatro Nacional de São Carlos
 Co-produção Casa da Música, Teatro Nacional de São Carlos, Culturgest

ÓPERA EM VERSÃO DE CONCERTO SEX 21, SÁB 22 DE DEZEMBRO
 21h30 - Grande Auditório - €15 - M/3 **Paisagens do Teatro Contemporâneo**



Grupo Caixa Geral de Depósitos



casa da música

Um corte de 45%



Assinatura para a temporada 2008 Ciclo de Jazz

Reserve o seu lugar cativo e torne-se um amigo da Casa da Música com todas as mais-valias inerentes.

Assinatura Temporada 2008
 (26 concertos, 45% desconto, 213€)

Entre na Casa onde a música vive.

1º Semestre

André Fernandes Quarteto
 Anthony Braxton Septet
 Marta Hugon Quarteto
 Fieldwork
 San Francisco Jazz Collective
 Dhafer Youssef Quartet
 Umo Jazz Orchestra
 Orquestra de Jazz de Matosinhos
 Brussels Jazz Orchestra
 Jeffery Davis Quarteto
 Bernardo Sassetti & Convidados
 Jason Moran
 Scorch Trio
 Michäel Attias Quartet
 Carlos Bica
 (13 concertos, 35% desconto, 124€)

Saiba tudo e adquira
 a sua assinatura em
www.casadamusica.com
 Call Center 220 120 220

APOIO INSTITUCIONAL

MECENAS DA CASA DA MÚSICA



DAVID fONSECA
DREAMS IN COLOUR LIVE

17 NOV 22h00 Cine-Teatro de ESTARREJA
 23 NOV 22h00 Casa das Artes FAMALICÃO
 24 NOV 21h00 CAE PORTALEGRE
 01 DEZ 21h00 Teatro Virgínia TORRES NOVAS
 07 DEZ 21h00 Cine Teatro Louletano LOULÉ
 28 DEZ 21h00 Cine Teatro S. Mamede GUIMARÃES
 31 DEZ 21h00 Praia do Pescador ALBUFEIRA

INFORMAÇÃO
www.davidfonseca.com
www.davidfonseca.com/assinatura
www.davidfonseca.com/assinatura

NOVO DISCO JÁ À VENDA

M.I.A.

A nova desordem mundial

Arte pop sincrética, colorida, das ruas das grandes cidades, do mundo de hoje, num álbum chamado "Kala".

Vítor Belanciano

Há dois anos, quando se estreou com "Arular", não faltaram os que vaticinaram que Maya Arulpragasam, mais conhecida por M.I.A., uma inglesa com ascendência do Sri Lanka, seria fenómeno passageiro. Mas era evidente que a sua música colorida, de agitação física, captava melhor do que qualquer outra algumas das ideias centrais para pensar o mundo de hoje.

Através da música, mas essencialmente da energia desassombrada e insubordinada que emerge nas ruas das periferias das grandes cidades (exposta em músicas como o baile funk, kuduro, dancehall, Bollywood indiano ou Baltimore club music), o segundo álbum, "Kala", prossegue pela mesma via, revelando-se um disco sem lugar, descentrado, reflectindo uma nova desordem mundial onde tudo se sobrepõe - identidades, cidades, músicas - mas nessa corrente, criando qualquer coisa nova e muito intensa.

É um álbum urbano absoluto, marcado por síncope electrónica, ramificações de linguagens desqualificadas e códigos de arte-pop, jogando permutações inéditas, num ambiente sincrético colorido.

Há dois anos não havia prateleira para ela. Agora, depois dos brasileiros Bonde do Role, dos portugueses

Buraka Som Sistema, dos americanos Spank Rock, da inglesa Lady Sovereign ou do inglês Switch - seu principal aliado na produção de "Kala" - já não está só. Na paisagem actual é ela que desafia de forma mais consistente ideais de homogeneidade cultural, movendo-se entre zonas difusas, intersecções, margens, interrogando no processo quem contamina quem, e surgindo aos nossos ouvidos, vibrante, foliona, uma agente pop revitalizante no melhor sentido da expressão.

Há dois anos não havia prateleira para ela. Agora, depois dos brasileiros Bonde do Role, dos portugueses Buraka Som Sistema, da inglesa Lady Sovereign ou do inglês Switch já não está só

1



M.I.A.
Kala



3

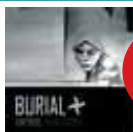
LCD Soundsystem
Sound Of Silver

O homónimo álbum de estreia estava tão imbuído do espírito dos tempos que julgámos impossível que reincidissem como em "Sound Of Silver". Mantendo como método criativo a aglutinação de referências - o kraut, o punk, a house, a pop - mas fazendo de cada canção uma eufórica, humorada ou deprimida elegia aos tempos que vivemos. Os LCD de James Murphy como actores (ainda e renovadamente) indispensáveis da música popular urbana actual. M.L.



Panda Bear
Person Pitch

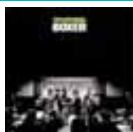
Não lhe chamaríamos o ONNI do ano porque há nele demasiado de reconhecível - é a alquimia da montagem que causa perplexidade. Com um computador, um generoso banco de sons pilhados às mais diversas proveniências e dois microfones, Panda Bear (Noah Lennox) criou um objecto tocante e inclassificável. Um álbum único. Incomodaria alguém chamar-lhe "obra-prima"? M.L.



5

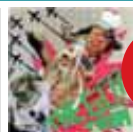
Burial
Untrue

Um ano depois da estreia, o esteta londrino Burial regressou com outra obra admirável. Disco de silhuetas, evocando cidades adormecidas povoadas por seres solitários, tateando na escuridão. Há cadências rítmicas disjuntas que se desenvolvem vagarosamente e vozes que se diluem por entre camadas de som vindas de paragens longínquas. São canções, mas rodeadas de abstracção. São indícios, fantasmas que se agitam ao som de música remota, distorcida no contexto de um sonho. Assombroso. V.B.



The National
Boxer

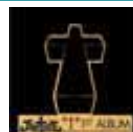
Dos metais de "Fake empire" que abrem o disco ao "Gospel" que o fecha, são 12 quadros de tensão doméstica, pianos e cordas suportados por um baterista endiabrado, uma "não inocente, elegante queda nas vidas não magníficas dos adultos". Harmonicamente irrepreensível, sem priapismos orquestrais, é um herdeiro directo de um Cohen de classe média Sublime. J.B.



7

The Go! Team
Proof Of Youth

Quando chegou "Proof Of Youth" e percebemos que "Grip Like a Vice", o primeiro single, não enganara ninguém, não tivemos tempo para erguer os braços ao céu e agradecer às divindades - estávamos eufóricos demais para isso. Os Go! Team são a banda mais cool do mundo e têm a música e as referências ideais para acompanhar a distinção: "Blaxploitation", hip-hop velha guarda, policiais da década de 1970, Sonic Youth... "Proof Of Youth" é o seu melhor álbum. M.L.



Justice
Cross

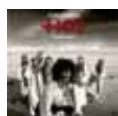
Excessivo e barroco, emblema geracional entre o tecno, o metal e a pop, eis o álbum de uma dupla francesa que restituiu o frenesim às pistas de dança. Há temas que parecem blocos sólidos de metal à beira da deflagração, esforçando por se balancear, enquanto os outros parecem carregados de afectividade infantil, aproximando-se de estruturas pop, numa imparável orgia sónica onde tudo é triturado de forma irregular, construindo um universo radical. V.B.

8



Tinariwen

a guitarra é uma arma



Tinariwen
Aman Iman

Enclacrados no fim do mundo do deserto do Sahara, beneficiaram da fimbria do holofote que se virou para o maliano Ali Farka Touré, no fim da sua vida. O mundo ocidental, fosse por verdadeiro fascínio com aquela música, fosse pela boa consciência burguesa que precisa constantemente de causas, descobriu no Mali um filão de música extraordinária e os Tinariwen vieram por arrasto (o Sahara atravessa o Mali). Mas a música dos rapazes de turbante é dos mais enigmáticos e transcendentales blues que a Terra conheceu. Ex-guerrilheiros, habituados à aspereza e a confiarem a sorte na metralhadora e no colega do lado, criaram três discos em consecutiva ascensão. Tudo começou quando Ibrahim, o líder do grupo (de formação variável), viu em Tamanrassit (Argélia), em 1965, filmes de Elvis, despertando-o para o rock'n'roll. (James

Esta música merece chegar a toda a gente, é boa demais para a maior das gentes mas merece chegar a toda a gente

Brown, Hendrix, Dylan, também fazem parte dos americanos favoritos do grupo). À velha música tradicional aplicaram electricidade e uma intensidade compreensível em quem cresceu com a maior violência.

"Aman Iman", o último disco, aperfeiçoa ao limite a estética dos anteriores ("Rádio Tidas Sessions", de 2002, e "Amassakoul", de 2004): rendilhados à guitarra, riffs obsessivos que regressavam invariavelmente à casa da partida, crescendos rítmicos, psicadelismo, cantos berberes. A tensão entre polifonia, ritmo e harmonia cria espirais hipnóticas que obrigam à dança compulsiva - nem os ocidentais resistem. Faz por isso todo o sentido que tenham assinado por uma editora de guitarras em vez de uma de "world music": esta música merece chegar a toda a gente, é boa demais para a maior das gentes mas merece chegar a toda a gente.

João Bonifácio

2



9

Pedro Jóia
À Espera de Armandinho

Ao estudar e abordar, por impulso apaixonado, o universo criador do "pai" da guitarra lisboeta, Pedro Jóia supera-se e a sua guitarra clássica transfigura-se. Para se deixar possuir, de forma brilhante, pela alma da guitarra portuguesa. Jóia, que é na verdade um virtuoso, tem aqui a modéstia de refrear o virtuosismo para nos brindar com uma recreação autêntica, tocante e musicalmente genial do universo de Armandinho, expoente da alma do fado. N.P.



David Maranha
Marches of the New World

É o disco mais importante de um ano imparável para o português David Maranha, membro da instituição experimental Osso Exótico. Álbum notável, situa-se algures entre a hipnose minimalista de Tony Conrad e o lado mais exploratório de uns Velvet Underground. Em círculos constantes sobre si mesmo, interminável e estático, o seu som revela-se plenamente quando tocado em alto volume. P.R.

10



Joe Henry
Civilians

É possivelmente o melhor disco de Joe Henry, certamente o mais celebrado. Repositório das tradições americanas, que celebra o jazz fumarento, a country amarga e o sujo do vaudeville. Desde "Scar" que Henry aplica essas matérias primas a música que parece constantemente prestes a tombar. "Civilians" olha para histórias de americanos de hoje como se fossem as de sempre desde que a noite escura deu lugar ao "american dream". J.B.



Arcade Fire
Neon Bible

Ao segundo álbum confirmam-se como a banda rock mais relevante da actualidade. As canções são sobre a linha tênue que separa o confiar que a vida pode ser estupidamente feliz ou um tremendo equívoco, numa música que aceita a desordem, supera-a, acredita na transcendência. Há muito que o rock não tinha nada assim. V.B.

12



Beirut
The Flying Club Cup

Um conjunto de irrecusáveis canções pelo jovem Zach Condon, 21 anos, que ao segundo álbum se revela um autêntico cidadão do mundo virtual. Encantando-se, tocando e administrando uma panóplia infundável de instrumentos, devolve-nos, ao mesmo tempo, um punhado de canções sonhadoras, inspiradas pela canção francesa ou pela música dos Balcãs, numa espécie de orquestra ambulante ou fanfarra nostálgica que nos envolve serenamente. V.B.



Robert Wyatt
Comicipera

Um veterano que soube adaptar-se e transcender as mudanças do tempo, num disco dividido onde aborda a fragilidade das relações, o caos e as possibilidades de o transfigurar. Quarenta anos depois da estreia, desafia certezas, faz a ponte entre lutas íntimas e planetárias, melodias pop à flor da pele e investigação sónica inspirada no improviso do jazz. V.B.

14



O fim da indústria: agora é que foi a sério

PRINCE OFERECEU O NOVO ÁLBUM COM UM JORNAL. MADONNA ABANDONOU AS EDITORAS CONVENCIONAIS E OS RADIOHEAD DISSERAM QUE NÃO TÍNHAMOS DE PAGAR PELO DOWNLOAD DE "IN RAINBOWS". NUNCA COMO EM 2007 SE FALOU TANTO E TÃO ALTO DO FIM DA INDÚSTRIA DISCOGRÁFICA

MÁRIO LOPES

A notícia não foi nova, a novidade esteve nos mensageiros. Há vários anos que se fala da crise da indústria discográfica, há muito que se esgrimem argumentos pró e contra pirataria, pró e contra partilha de ficheiros na Internet. Cada vez se vendem menos discos, mas cada vez se ouve mais música, cada vez há mais público nos concertos. Ouvimos falar de tudo isto em 2001, em 2002 e em todos os anos que se seguiram até a este que agora termina.

Em 2007, porém, tudo ganhou outros contornos. Pesos pesados entraram na discussão e o rumor apocalíptico ergueu-se como nunca antes. Prince ofereceu gratuitamente o seu último álbum, "Planet Earth", com uma edição do jornal britânico "News Of The World" e milhões levaram-no para casa sem encargos - a Sony Music cancelou o contrato de distribuição no Reino Unido e Prince assegurou que os seus concertos O2 Arena, em Londres, esgotariam num ápice.

Depois de Prince, Madonna. Desde sempre atenta a todos os pormenores de gestão da sua carreira, antecipou-se aos sintomas. Abandonou a Warner, a sua editora

de sempre, e assinou pela Live Nation, promotora de concertos que passará não só a assumir a edição dos seus álbuns, mas também as digressões e todo o "merchandise" relacionado com a marca Madonna.

Por fim, os Radiohead. Anunciaram o lançamento do aguardadíssimo sucessor de "Hail to The Thief", "In Rainbows", e a surpresa maior não foi a música. Disponibilizaram-no na Internet, com o download a ser efectuado ao preço que o consumidor bem entendesse - incluindo preço nenhum. Fãs empenhados e colecionadores tiveram, mais tarde, acesso a uma edição especial, essa de preço bem definido, com o álbum em vinil, CD, grafismos diferentes e demais "prendas" para quem preza o disco como objecto.

Cada uma das acções apontou aquilo que muitos defendem ser o futuro (ou o fim) da indústria discográfica. A concentração de funções numa estrutura apenas, que assegurará edição, agenciamento, promoção e merchandise. O peso determinante dos concertos e digressões como fonte de rendimento dos músicos e, dado a quebra acentuada nas vendas de música em formato tradicional, o investimento decisivo nas vendas online e, paralelamente, no enriquecimento do disco físico como objecto de colecção.

À entrada de 2008, não há certezas e o futuro mantém-se nebuloso e imprevisível. Aquilo que fizeram Prince, Madonna ou os Radiohead só foi possível e só teve o impacto que teve por se tratarem de nomes com uma imensa dimensão mediática. Ainda assim, tomaram-nos como prenúncio de uma inevitabilidade e nunca se ouviram tantos falarem tão alto do fim da indústria discográfica como em 2007.

Madonna



JP Simões
1970

Já em "La Toilette Des Étoiles", segundo disco dos Belle Chase Hotel, ele namoriscava a canção brasileira clássica e mais tarde, com o Quinteto Tati, o namoro deu em noivado. "1970", o disco de estreia a solo, é o casamento, mas a bossa de perfeitos arranjos serve para narrar separações, cabeçadas, e aquela melancolia que é mais portuguesa que brasileira. Disco de canções imaculadas e palavras de uma justeza que chega a ser cruel. J.B.



Battles
Mirrored

Confirmação dos novaiorquinos como uma das bandas mais desafiantes dos nossos dias, capaz de esticar os limites do rock. É um daqueles registos onde a estridência do rock, o som metalizado, estruturas jazzísticas, formas de apreender espaço e tempo inspiradas nas electrónicas ou minimalismos se confundem num ritual que coloca tudo em causa. Como se decomposessem fragmentos de rock, jazz ou das electrónicas abstractas, para exercitar o físico e a mente. V.B.



Fiery Furnaces
Widow City

A Inconstância dos Fiery Furnaces é tão lendária quanto o seu sopro de génio. Num minuto, editam singles pop irrepreensíveis; no seguinte, lançam-se a uma experiência falhada como "Rerhearsing My Choir". "Widow City" é dos bons. Equilibrado entre pop aromatizada de vaudeville, explosões de rock e acessos experimentais, há até quem arrisque dizer que supera a obra-prima "Blueberry Boat". M.L.



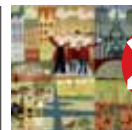
Amélia Muge
Não Sou Daqui

Dos cinco discos que Amélia Muge gravou a solo, "Não Sou Daqui" é o mais ambicioso e, do ponto de vista conceptual, o mais conseguido. Ao interrogar a canção como "lugar de lugares", inclui canções belíssimas, ao nível das melhores que já escreveu: "Arena", "Entre o deserto e o deserto", "Na noite mais escura". "O anjo" ou "Quem vier que venha". Os poemas (dela mas também de Ramos Rosa, Sophia, Hélia Correia e Eugénio Lisboa) são muitos bons, a música e os músicos idem. Um registo essencial. N.P.



Matthew Dear
Asa Breed

Entre configurações rítmicas próximas do techno minimalista, a electrónica mais fantasista e as estruturas pop mais inventivas, eis o trabalho que confirma o norte-americano como um dos mais fascinantes criadores da actualidade. Ao terceiro álbum, assume-se como um dos mais estimulantes reformadores da pop em canções com vista para as ramificações pós-punk ou sequências techno, criando um híbrido excitante. V.B.



Norberto Lobo
Mudar de Bina

Se os concertos indicavam que daqui sairia algo de especial, o álbum foi uma epifania. Norberto Lobo e uma guitarra. Uma homenagem a Paredes, no título e na versão de "Mudar de vida", uma alma portuguesa respirando nas seis cordas e a sua tradição devidamente globalizada. Encontramos John Fahey nas versões de canções tradicionais portuguesas, encontramos o blues num miradouro lisboeta. Encontramos Norberto Lobo e descobri-lo foi uma das melhores coisas deste ano. M.L.

O rock não tem idade

JÁ NINGUÉM SE ESPANTA DE VER MÚSICOS ROCK COM 40, 50, 60 OU MAIS ANOS, EM PALCO. ESTE ANO DESCOBRIMOS QUE, AOS 11, 12, 15, 18 ANOS NO MÁXIMO SE ORGANIZAM CONCERTOS ONDE OS ADULTOS NÃO ENTRAM. **VÍTOR BELANCIANO**

Cinquenta anos depois da cultura rock se ter imposto um pouco por todo o mundo, ainda dizemos que é a música dos jovens. A ideia está de tal forma sedimentada no imaginário colectivo que é raro interrogarmo-nos se será mesmo assim. Na verdade, nos tempos que correm, o rock é uma realidade bem mais difusa.

Não é só o facto de os criadores e do público consumidor que tomou contacto com ele ao longo das últimas décadas ter também envelhecido, é também o facto do seu alcance social se ter transformado. Entre o final dos anos 1950 e o final dos anos 1970, criar e consumir rock era intitular-se jovem. Fazer parte de uma revolução. Sentir que se participava no movimento da história.

O rock concedia identidade. Era lugar de afirmação. Entretanto, propagou-se. Foi assimilado. Não significa que tenha perdido alcance social, mas evidentemente os propósitos de criação são hoje distintos e as motivações por que é consumido são diversas.

Em parte, por isso, a ideia de que existe uma espécie de ritual

de iniciação juvenil associado ao rock pulverizou-se por completo. Já ninguém se espanta de ver músicos rock - como no jazz ou na clássica - com 40, 50, 60 ou mais anos, em palco. Tal como já ninguém se admira de ver regressar ao activo bandas compostas por veteranos, dos Police aos Led Zeppelin, passando pelos Sex Pistols. Longe vão os tempos em que Jagger declarava que nunca cantaria "(I can't get no) Satisfaction" aos 40 anos.

Mas o facto de vivermos num tempo onde as novas tecnologias provocaram uma enorme revolução na forma como a música é criada, consumida, distribuída e vendida teve outro efeito no extremo oposto da escala das idades. Há uma nova geração que já cresceu a descarregar música da Internet. Para eles o acesso à música é fácil e resulta em milhões de escolhas. Não mistificam a sua relação com o acto de criar música. Por isso, fazem-na, desde cedo. De tal forma que, aos 11, 12, 15, 18 anos no máximo, já organizam concertos onde os adultos não entram.

E foi assim que o mundo descobriu em 2007 bandas rock juvenis como os Cajun Dance Party, Pull In Emergency, Poppy And The Jezebels, Operator Please ou Bombay Bicycle Club. Os mais surpreendentes terão sido os novaiorquinos Tiny Masters Of Today, formados pelos irmãos Ivan, 13 anos, e Ada, 11, que mostraram o seu rock sujo e nervoso no álbum "Bang Bang Boom Cake", para o qual contribuíram membros dos Yeah Yeah Yeahs, Jon Spencer Blues Explosion ou B-52's. De notar que um dos fãs do grupo é David Bowie, que completou 60 anos em 2007. É caso para dizer que o rock não tem idade.



Tiny Masters of Today

A força dos mais velhos

É UM VELHO? MAS TEM MAIS CRIATIVIDADE, IMAGINAÇÃO E PROPOSTAS NOVAS QUE 99 POR CENTO DOS PUTOS QUE ANDAM AÍ. **JOÃO BONIFÁCIO**

Velhos. As sociedades antigas respeitavam-nos, pela experiência e porque o saber era transmitido por via oral, directamente. Num mundo acelerado eles têm menos lugar. Na cultura pop, em que a morte é a palavra proibida e a juventude é o Graal, os velhos não existem. E no entanto, ainda há pouco tempo Scott Walker mostrou como a mais radical música pode vir de um velho. 2007 é um ano anormal em termos de música boa vinda de velhotes, com destaque para Springsteen, Richard Thompson (ótimo "Street Warrior"), Bettye Lavette, Kevin Ayers (grande, grande regresso), Robert Wyatt, Rickie Lee Jones, e, por cá Janita Salomé. Ayers surgiu mais requintado do que nunca, Wyatt continua a imaginar novos sons, Jones continua a ter uma entrega formidável (e, muito possivelmente, assinou o melhor disco da sua longa carreira),

Lavette está aos 60 anos cada vez melhor, Thompson demonstra, uma vez mais, ser um tremendo escritor de canções, Salomé passou, de novo, despercebido na sua apologia dos prazeres e defeitos do vinho e Springsteen parece ter descoberto uma segunda vida. Cantam cada vez melhor, refinam refrões, ainda arriscam - mas estão cada vez mais confinados a uma cultura nostálgica, em que só os velhos fãs os ouvem. Porquê? Difícil dizer, mas a verdade é que a cultura pop é uma não cultura, isto é: nunca se assiste ao crescimento de um autor, nunca se aprende o que está para trás. Arrasa-se o passado porque a existência de um passado implica velhice e a velhice é o que a pop rejeita. É pena que olhemos para esta gente como se fossem burgueses anafados a pregar sermões a peixes proletários e viçosos. Um último exemplo: Danny Cohen vive com a mãe numa terrinha chamada Paradiso (que é um retiro para velhotes) já é bem velhote, e pura e simplesmente ninguém o conhece. Editou este ano "Shades Of Dorian Gray", disco es-pan-to-so, tão imaginativo de arranjos (de kazoos a melódicas, de rabecas e banjos, passando por violinos e órgãos vintage, há de tudo ali), tão surpreendente em cada melodia, que chega quase a ser criminoso que um homem destes passe despercebido. É um velho - mas com mais criatividade, mais imaginação e mais propostas novas que 99 por cento dos putos que andam aí.



LCD Soundsystem

Fácil segundo disco

UMA CARREIRA PODE - MESMO EM TEMPOS INSTÁVEIS - DURAR MAIS QUE UM PAR DE ANOS. **JOÃO BONIFÁCIO**

A história da pop tem os seus mitos e, de entre eles, há dois que são obrigatórios: o primeiro diz-nos que a boa história é a que corre mal. Basta lembrar que é impossível falar dos Stones sem mencionar as mortes, as (des)intoxicações e as prisões, para percebermos que durante muito tempo este mito prevaleceu. O segundo resume-se a uma expressão: "difícil segundo disco". A teoria é simples: sendo a pop um território em que a ideia é mais importante que a técnica, o factor novidade é essencial. Se o segundo tomo da vida dos Stone Roses é citado para confirmar a tese, 2007 é o ano que destrói esse mito: entre os melhores discos do ano estão um sem número de segundas obras, cujos autores são MIA, LCD Soundsystem, Burial, Go!Team, Arcade Fire, Beirut, Battles - e a estes podemos acrescentar os National (é que mesmo que "Boxer" seja o quinto, é o disco após a explosão de "Alligator", e o segundo com verdadeira distribuição). Há uma razão para que as atenções se tenham este ano concentrado no melhor da turma de 2005: o estilhaçar das redes habituais de divulgação da pop fez com que, entre milhões de MySpaces, discos sacados em blogs e em torrents, e dezenas de milhares de reedições, ninguém soubesse para onde virar-se.

Faz sentido que todo o fã de música pop estivesse pronto a dar uma oportunidade aos seus heróis de dois anos antes - e estes não desiludiram. Se a pop hoje se move em ciclos de dois anos, a classe de 2005 soube sobreviver, tirar ilações da exposição a que esteve submetida e introduzir alterações, aproveitar pistas deixadas no disco de estreia: MIA alargando o leque de recolha musical, os LCD introduzindo instrumentos até aí não usados, os National recuando para música de câmara, etc. Talvez 2008 volte a ser um ano de novidades intensas, mas pode começar-se a pensar que a pop já não é assunto de miúdos, que não é obrigatório morrer de sobredose na estrada, que uma carreira pode - mesmo em tempos instáveis - durar mais que um par de anos.

Bettye Lavette





Zeca Afonso

Ano da continuidade

PARECE SER UM TEMPO LIMINAR, DE TRANSIÇÃO.
VÍTOR BELANCIANO

Numa frase: foi um ano de continuidade na grande arena pop. Doze meses que serviram para os sons, as ideias fortes, os conceitos, as imagens e os protagonistas que se revelaram nos dois últimos anos se afirmarem, em 2007, de forma inequívoca.

A realidade pop está mais caótica nestes dias, mas também mais vibrante. Uns dizem que a omnipresença da música, no espaço público e privado, vulgarizou a experiência. Outros referem que o problema não será tanto a proliferação, mas a forma como é consumida (quem tem espírito crítico amplia horizontes e quem tem uma relação passiva com ela tenderá a ser menos curioso).

Seja como for, globalmente, a qualidade da experiência parece ter sido substituída pela quantidade. À distância de um clique, temos à disposição as mais diferentes músicas, das mais diversas épocas. Como

O passado redes-coberto

2007 FOI UM ANO EM QUE, DE FORMA CONSISTENTE, COMEÇAMOS A VASCULHAR O POUCO RECORDADO PASSADO DA MÚSICA PORTUGUESA.

MÁRIO LOPES

Se parece ser congénita a difícil relação dos portugueses com o seu passado, no caso específico da música tal torna-se quase uma evidência. Basta, para tal, reparar na errática e habitualmente pouco cuidada política de reedições levadas a cabo pelas editoras. No que é quase um paradoxo, dado o estado actual de crise da indústria discográfica nacional, a verdade é que 2007 parece ter sido o ano em que público e agentes começaram a acordar para todo um legado pouco recordado e ainda menos acarinhado.

José Afonso foi figura omnipresente ao longo do ano, mas não é a isso que nos referimos. A reedição dos seus três últimos álbuns e da homónima antologia de 1983, a par da multiplicação de álbuns a ele dedicados, deu-se quando se completavam 20 anos da sua morte e a verdade é que nunca fomos mancos em celebrações póstumas.

Aquilo a que nos referimos é, por exemplo, a recuperação do incompreensivelmente esquecido Adriano Correia de Oliveira, que ouvimos recriado por Dead Combo, Mazgani, Valeta ou Vicente Palma no óptimo "Adriano - Aqui E Agora", ou a reedição de pérolas perdidas

como "Hoje Há Conquilhas, Amanhã Não Sabemos", da Banda do Casaco, ou "Mestre", dos Petrus Castus, dois álbuns emblemáticos da música popular urbana portuguesa da década de 1970.

Num país onde o rock é tido como fenómeno nascido com o boom de início da década de 1980, assistimos ainda ao lançamento em vinil daquela que é considerada a primeira gravação do género, o "Tutti-Frutti" que Joaquim Costa gravou na Rádio Graça em 1959 - e acompanhámos toda a história que se lhe seguiu, durante os anos 1960, na série "Portuguese Nuggets", exclusiva ao vinil e que vai já no quarto volume de LP's, esteticamente irrepreensíveis, agrupando Steamers, Quarteto 1111, Jet, Daniel Bacerlar, Titãs e demais pioneiros do rock'n'roll em Portugal.

Mais do que a mera disponibilização desta música ao presente, assinala-se o interesse que ela desperta, não só no público seu contemporâneo - como o provam, por exemplo, o sucesso dos concertos recentes de Sheiks ou Quarteto 1111 -, mas também em gerações que não a conheceram em primeira mão - foram maioritariamente elas que esgotaram os primeiros volumes de "Portuguese Nuggets".

Este final de ano, com a chegada às lojas da colecção "Do Tempo do Vinil", cujos primeiros lançamentos incluem obras nunca editadas em CD como o mítico "Independança", dos GNR, o primeiro álbum a solo de Jorge Palma ou a integral dos Sheiks - completam-na o álbum único de Manuela Moura Guedes, "Álibi", e uma nova edição de "Mistérios e Maravilhas", dos Tantra -, deu-nos a confirmação de que começamos, por fim, a prestar atenção àquilo que foi o passado da nossa música popular urbana.



Cansei de Ser Sexy

consequência, existe uma sensação de eterno retorno, como se todas as músicas não fossem mais que duplicações de outras músicas. A questão está em saber se não terá sido sempre assim e se a diferença não estará na nossa consciência de que assim é.

Parece ser um tempo liminar, de transição. Talvez por isso, não sendo o ano em que se revelaram - nem sequer, para alguns deles, do ponto de vista criativo, o mais relevante - 2007 ficará marcado por figuras e grupos que, até há pouco tempo, eram apenas valorizados por públicos das franjas, como os Arcade Fire, LCD Soundsystem, Animal Collective, M.I.A. ou The National.

É evidente que aquilo que era macro - grandes editoras, estrelas de implantação planetária ou grandes concertos em estádios - não desapareceu (alguns astros desse panteão até se afirmaram este ano, como Amy Winehouse ou Rihanna), mas a tendência parece ser o micro, a especialização, a fragmentação. Por isso há também novos ícones. Menos inalcançáveis. Menos idealizados. Mais próximos de nós, como a cantora dos Gossip, Beth Ditto, ou as brasileiras Cansei de Ser Sexy, que também se deram a conhecer em anos anteriores, para se imporem decididamente em 2007.

O amor está no ar

FOI UM ANO DE ESPÍRITOS IRREFUTAVELMENTE ROMÂNTICOS
VÍTOR BELANCIANO

Foi um ano de canções fora de tempo, não porque não reflectam memórias do passado, mas precisamente porque o assumem de forma descomplexada. Canções sem aspirações de serem adultas, justamente porque assumidamente juvenis, desarranjadas e soltas, sem necessidade de seguirem o cancionero tradicional. A maior parte sobre o tema mais versado nas canções - o amor.

Curiosamente, a maior parte delas vindas de espíritos boémios, descentrados. Do americano Zach Condon - mais conhecido por Beirut - apaixonado pela música de Brel ou dos Balcãs. Do sueco Jens Lekman, que reflectiu sobre o seu bairro em Gotemburgo com irrefutável apelo global. Da americana exilada em Paris, Brisa Roché. Do americano, com costela venezuelana, Devendra Banhart, que canta no último álbum como se fosse Caetano Veloso. Ou da cantora canadiana, a viver em Paris, Feist.

Foi um ano de espíritos irrefutavelmente românticos. Grupo de estouvados que tenta desenhar canções desajeitadamente, mas no meio do desarranjo há sempre uma linha tênue que fica do lado da razão. O suficiente para colocar canções evocadoras, como as de Richard Hawley ou de Patrick Wolf, ou misteriosas, o quanto baste místicas, próximas do paraíso, como as de Panda Bear ou do canadiano Patrick Watson ou da inglesa Bat For Lashes.



Beirut

SAMUEL KUBSZ/REDA/UM

Amy Winehouse

estrela **fulgurante**
e improvável

Autora do álbum mais ouvido do ano, foi notícia pelas mais diversas razões. Do vozeirão às histórias de curas de desintoxicação. *Vítor Belanciano*



Para muitos não será mais do que uma nota de rodapé na velha trama mitológica do “sexo, drogas e rock & roll”, apesar de já ter afirmado muitas vezes que rock e guitarradas não é nada com ela.

Para os menos cínicos personifica apenas a dificuldade em encontrar um equilíbrio entre a expressão pessoal e a exposição pública, num contexto extremamente competitivo. Para os restantes será apenas um vozeirão com um composto de soul, ska, jazz e pop-para-cantar-no-chuveiro dos anos 1960 lá dentro. Ela é Amy Winehouse, autora do álbum mais vendido do ano, das canções mais trauteáveis do ano, da presença cénica mais inverosímil e da digressão - entretanto cancelada, claro - mais polémica do ano. Ela já tinha lançado um álbum de estreia há três anos, mas foi com “Back To Black” que alcançou projecção. Inicialmente foi isso que atraiu o grande público. Depois vieram as histórias ininterruptas de hospitais, prisões, curas de desintoxicação, desavenças de namorados e cancelamento de concertos e nunca mais largou as primeiras páginas dos jornais e revistas. Agora, toda a gente parece ter algo a dizer sobre ela.

E no entanto, esta mulher que ainda não chegou aos 25, figura cómica, soli-

Figura cómica, solitária, exala vigor e tem uma atitude tão desajeitada quanto espontânea

tária, exala vigor e tem uma atitude tão desajeitada quanto espontânea. Para além disso, tem uma voz fenomenal e o naipe de canções mais trauteáveis do ano, respirando a exuberância pop dos 60, a leveza da soul e o frenesim do ska. É a estrela mais fulgurante, e improvável, do ano.



DAFT PUNK A sua sombra pairou sobre 2007. Deram espectáculos ao vivo em impressionantes orgias de som e luz, e foram reverenciados por todos, do “rapper” Kanye West, aos Justice, Boys Noize, Digitalism, Simian Mobile Disco ou Klaxons. Não é apenas o som. Para eles uma obra de arte não pode ser dissociada das suas condições de comunicação, distribuição. Em tempos de desagregação, também os Radiohead aprenderam com eles. **VB.**



MICRO AUDIO WAVES O falecido John Peel adorava-os mas, por cá, continuavam segredo bem guardado. Isto até “Odd Size Baggage”, álbum editado este ano que levou a pop electrónica de Cláudia Efe, Flak e Carlos Morgado aos quatro cantos do país. Um suplemento de elegância digital no éter nacional, cortesia do single “Down by flow”. **ML.**

The National

quatro tipos **normais** e um aforista

Nunca explodiram: expandiram-se sempre. Ao quinto disco assinam a primeira obra-prima e tornam-se figuras maiores da canção perfeita sobre adultos imperfeitos. *João Bonifácio*



Devem estar mais ternas as noites de Matt Berninger, o beerrão vocalista dos National: em 2007 casou-se, a sua banda assinou um tremendo disco ("Boxer"), toda a publicação ao cimo da terra gastou páginas a falar deste quinteto de Cincinnati, Springsteen diz maravilhas deles.

Não sendo um trabalho de Hércules, a tarefa que se apresentava perante o National era de tomo: "Alligator", o disco anterior, conseguiu o milagre de unir o indie-rock à literatura, criando, com torpor e delicada decadência, um universo em que a saída dos anos da juventude esbarrava contra uma muralha de

guitarras, em que o despir da curta saia de uma musa era acompanhado de enlevos de cordas. Terceiro disco de uma, até aí, quase invisível discografia, "Alligator" teve o tempo - e intensas apresentações ao vivo - do seu lado, criou fãs, ganhou público entre os miúdos que gostam de uma boa melodia e os velhos cinicos que admiram quem ainda grita. Mas "Boxer" arriscou e inflectiu para dentro: menos raiva, menos patética decadência. Agora os protagonistas daquelas canções tomam banho, não traem a namorada, engolem a raiva e aguentam até ao dia seguinte. As guitarras deram lugar a uma delica-

díssima música de câmara em que a crueldade humana é uma mudança de andamento da bateria.

Tudo parece ao contrário no mundo destes rapazes: nunca foram "hype", cresceram sempre devagar e sustentadamente, não fazem declarações bombásticas, não tomam drogas, não insultam ninguém, não se armam em génios. O disco mais humanamente carregado do ano vem pela mão de dois pares de gémeos normalíssimos e um rapaz com um talento para o aforismo que envergonharia a pobre Agustina. O melhor do mundo pertence aos derrotados.

Justice

vigor na pista de dança

Nenhum projecto simbolizou tanto o nosso tempo como a dupla francesa. *Vítor Belanciano*

Foi o ano em que a música de dança recuperou a aura perdida nos últimos tempos, operando em várias direcções. Seja na via minimalista (The Field, Matthew Dear, Ricardo Villalobos, Portable, Gui Boratto, Chloé), na maximalista (Justice, Digitalism, Boys Noize ou Simian Mobile Disco) ou na procura da transcendência através da recuperação do legado "disco" (Map Of Africa, Studio, Mudd). Mas nenhum projecto simbolizou tanto o nosso tempo como a

dupla Justice. Qual o segredo? Imagens de grande eficácia, um single e vídeo viciantes, "D.A.N.C.E.", uma pequena mas lúcida editora por trás, Ed Banger, um designer criativo, So Me, ideias fortes e um álbum, "Cross", representado por uma cruz e por um som barroco, entre o tecno, o metal e a pop. Talvez um dos objectos contemporâneos que melhor reflecte uma geração de identidade fluída, capaz de consumir, com a mesma descontração insolente, tecno, rock,



metal, electro ou hip-hop. Uma geração já não atraída pela qualidade do design sonoro, mas por tudo o que seja imediatamente excitante. Uma geração cujas referências são uma imensa amálgama apreendida nos canais de massas e já não em círculos exclusivistas. É por isso que a sua

música é como uma ópera tecno, sucessão desregrada de referências (tecno, "disco", funk, metal, rock e um triunvirato constituído por Daft Punk, AC/DC e Michael Jackson) que desembocam numa sonoridade virulenta, distorcida, impetuosa, metaliçada.



RIHANNA Corpo perfeito em corpete negro, fez de "Umbrella" o single do ano (é uma valente metáfora fálica) e é a mulher a quem melhor fica uma chuva de faíscas. Herdeira do trono pop feminino, com a dose exacta de classe, melodia e potencial para o deboche. **J.B.**



JP SIMÕES O imaginário da bossa casa bem com as histórias de gente pequena aos tropeços nos buracos da cidade grande, em "1970". O Brasil ficou deslumbrado, e da TV Globo à Folha de São Paulo o homem recebeu os elogios que, por cá, toda a gente parece ter medo de dar. **J.B.**



BURAKA SOM SISTEMA Actuaram nos grandes festivais europeus, foram alvo de atenção das revistas do mundo - a inglesa "Clash" considera-os uma das revelações do ano. Em 2007 a confirmação, dentro e fora de portas. Para o ano, com novo disco, nova editora e nova formação se verá. **V.B.**

Burial

o fantasma

O segundo álbum pode não constar no topo de muitas listas, mas são de Burial os sinais mais convincentes de vitalidade no presente. *Vítor Belanciano*

O ano passado, quando Burial se estreou, dizíamos que apesar do seu álbum homónimo funcionar como excepcional síntese de uma época (como o foram, nos anos 90, "Blue Lines" dos Massive Attack, "Dummy" dos Portishead ou "Timeless" de Goldie), dificilmente seria reconhecido como tal. Não era só o facto da sua música poder ser encarada como claustrofóbica, para poder aspirar ao epíteto de clássico, mas também o facto dos tempos serem de decomposição da indústria e de novos conceitos para a entender.

Estávamos enganados. Este ano, com o segundo álbum "Untrue",

poderá não constar no topo de muitas listas, no confuso supermercado da eleição dos melhores registos do ano, mas são seus os sinais mais convincentes de vitalidade no presente. A sua identidade continua envolta em mistério, não para ampliar o efeito de reconhecimento, mas porque acredita mesmo que a música fala por si. E nunca tal tese foi tão verdadeira. A sua música tem esse poder. Vulnerável, aberta, convite para cada um mapear a sua geografia íntima, feita para cada um guardar, apenas, para si.

Se os Massive Attack ou os Portishead eram electrónica, hip-hop e soul, Burial é a sua face fantasmagó-

rica e espectral, música melancólica, futurista, urbana, feita de ritmos e ambientes sombrios, subaquáticos, vagamente inspirados na corrente dubstep. Mas, essencialmente, depurados pela mente de alguém que já filtrou memórias através da Net, mp3, jogos-vídeo. É difícil vislumbrar no presente música mais evocadora, feita por um poeta sonoro capaz de estruturar o mal-estar de uma era mas também os sinais de esperança, apenas com vozes, ritmos quebrados e efeitos de música concreta. Ninguém sabe quem ele é. Podemos ser todos nós. Ou talvez tudo não passe de um sonho.



Panda Bear

uma luz na cidade

Encontramo-lo em dois dos discos mais celebrados do ano. *Mário Lopes*

Primeiro foi "Person Pitch" e, hipnotizados, observámos um caleidoscópio de luminosidade primaveril onde vozes se harmonizavam em direcção ao céu, onde a pop se transformava em matéria etérea, onde se descobria uma comovente criatura digital com respiração humana. Primeiro "Person Pitch", o álbum a solo de Panda Bear, gravado em Lisboa e com a micro-Lisboa onde se move - é homem discreto e, ao contrário da sua música, prefere ficar pelo que conhece bem - a emprestar-lhe algum do seu melancólico vagar.

Depois, o regresso aos Animal Col-



NUÑO FERRERA SANTOS

lective e "Strawberry Jam", o aguardado sucessor de "Feels", a confirmar aquilo que secretamente sabíamos: continua admirável a admirável pop da banda de Panda Bear, Avey Tare, Geologist e Deakin; continua fascinante aquela música de fantasia que descobre matéria cantarolável em todas as proveniências.

Dois dos discos mais celebrados do ano partilham uma mesma personagem: Panda Bear, baptizado Noah Lennox há vinte e muitos anos em Baltimore, Estados Unidos. "Person Pitch" é ele, totalmente, completamente; "Strawberry Jam" é ele bem

no centro da criatividade dos Animal Collective.

A sua peculiaridade, onde não incluímos a predilecção por futebol e pelo Benfica, nasce de uma certa insularidade, da forma como, com os Animal Collective ou a solo, depurou uma linguagem musical que, nascida entre mesas de sons e instrumentos avulsos em prédios de Brooklin, partiu em busca de um novo universo e descobriu uma luz brilhando como nenhuma outra. Já sabíamos que os Animal Collective eram especiais. Em 2007, descobrimos que Noah Lennox, Panda Bear, é único.



MIKA Como escapar a Mika? De todo impossível desde que "Grace Kelly" anunciou a estrela andrógina. Voz de Freddie Mercury convertido ao "disco-sound", exuberância Scissor Sisters e o sentido de espectáculo de Robbie Williams. Com "Life In Cartoon Motion", o álbum, nasceu uma estrela. **M.L.**



NORBERTO LOBO Num ano tépido para a produção musical portuguesa, Norberto Lobo foi uma surpresa admirável. Em "Mudar de bina", na consequente dedicatória a Paredes e nas suas canções para guitarra apenas, aquela ideia de que esta música, belíssima, só aqui poderia ter nascido. **M.L.**



JOY DIVISION Já eram uma assombração nas milhentas bandas que lhes pilham o legado. Em 2007, o fantasma ganhou corpo. Lembramo-nos deles quando morreu Tony Wilson, o homem que os assinou. Voltámos a ouvi-los com a reedição dos discos e vimo-los de perto em "Control", de Anton Corbijn. **M.L.**



Fred Anderson / Hamid Drake
From the River to the Ocean
Thrill Jockey / Dwitz

1



Derek Bailey
Standards
Tzadik / Flur

Inesperado e surpreendente... talvez para alguns. O último registo do genial guitarrista surge na sequência de outra gravação, "Ballads", e encena o confronto entre a linguagem fragmentária e livre de Bailey e as estruturas mais formais da canção jazz. Um diferente ponto de vista, tão necessário como benéfico à regeneração da linguagem jazz. R.A.

4



Maria Schneider
Sky Blue
ArtistShare

5
Veio reafirmar Maria Schneider como a mais extraordinária compositora e orquestradora de jazz. No conjunto da sua discografia, "Sky Blue" brilha bem alto, constituindo os cinco temas que o compõem um verdadeiro manifesto de criatividade, conhecimento e integridade artística. Gil Evans ficaria orgulhoso. R.A.



João Paulo Esteves da Silva
Memórias de Quem
Clean Feed / Trem Azul

6
É um prazer assistir à crescente afirmação daquele que é, para muitos, o grande pianista de jazz nacional. Principalmente porque, se há um jazz português, esse é concerteza o de João Paulo. Em "Memórias de Quem", o seu disco mais pessoal, o piano solo evoca melodias portuguesas e sefarditas, e constrói um registo pleno de poesia e espiritualidade. R.A.



Dave Douglas
Live at the Jazz Standard
Greenleaf Music / Dwitz

7
"Live at the Jazz Standard", gravado ao vivo em Nova Iorque, reúne Douglas, o "whiz kid" do trompete, a Donny McCaslin, Uri Caine, James Genus e Clarence Penn. Com temas retirados de um conjunto originalmente editado para "download" apenas através do site da editora, este registo apresenta 16 composições de Douglas nunca antes editadas em CD. Pós-bop vibrante e de alto impacto! R.A.



William Parker Raining On the Moon
Corn Meal Dance
AUM Fidelity / Trem Azul

8
William Parker esteve no nosso país, integrado no trio de Matthew Shipp, para nos relembrar da força que o seu contrabaixo transporta. Em "Corn Meal Dance" reúne de novo o projecto Raining On The Moon e arranca um dos mais inspirados registos da sua carreira. Mais próximo das vibrações soul e R&B do que do free-jazz, o contrabaixista evoca os sons de Don Cherry e Pharoah Sanders. R.A.



André Fernandes
Cubo
Toneofapitch / Dargil

9
O mais recente registo de André Fernandes vem confirmar a sua posição na linha dianteira do jazz nacional. Salto evolutivo e brilhante depuramento de complexidades musicais, "Cubo" regista a música da grande formação jazz do momento; a guitarra do líder junta-se a Mário Laginha no piano, Nelson Cascais no contrabaixo e Alexandre Frazão na bateria. R.A.

Fred Anderson

veterano na linha da frente

“From the River to the Ocean” constitui-se como inspiração conciliadora das múltiplas linguagens do jazz. *Rodrigo Amado*

Registo vibrante, gravado em quinteto, com direcção espiritual de um dos maiores saxofonistas tenor vivos, Fred Anderson. Reafirmando um momento de excelente forma do lendário saxofonista de Chicago, “From the River to the Ocean” é um capítulo maior na sua discografia. Anderson exercita aqui o seu lado mais “mainstream” ao realizar uma música simples e directa, altamente eficaz, que atinge pontos de maior intensidade, incandescente por vezes, durante as suas brilhantes e caleidoscópicas improvisações. Integram o grupo Hamid Drake, percussionista extraordinário ligado às energias da “great black music”, Jeff Parker, jovem guitarrista de Chicago associado também a diversos projectos de pós-rock, Harrison Bankhead, veterano contrabaixista que ainda dobra no violoncelo e piano, e Josh Abrams, também no contrabaixo e Guimbrí, o baixo tradicional marroquino utilizado pelos Gnawa.

Em Junho deste ano escrevemos: “O saxofonista é um dos músicos que melhor combina o som e energia “old school” com uma modernidade elegante que marca cada um dos seus temas ou improvisos. Simplicidade, invenção, espiritualidade, instinto e espontaneidade são palavras que descrevem bem a sua música. Por momentos, como no tema de abertura, “Planet E”, com uma secção rítmica fenomenal propulsionada por dois contrabaixos, Anderson aproxima-se como nunca antes do som mercurial de Wayne Shorter. Por outras, como em “Strut Time”, marcado pelo diálogo com o violoncelo de Bankhead, parece-nos envolver-se no mesmo raciocínio que perseguia Coltrane, em improvisações labirínticas que se equilibram a si próprias, de forma precária mas surpreendentemente sólida.”

Seis meses depois, o impacto desta gravação consolidou-se ainda mais,

Reafirmando um momento de excelente forma do saxofonista de Chicago

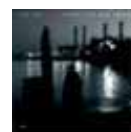
projectando-a como a mais importante editada este ano. Para além da força e beleza do som, reforça a sua importância o facto de se tratar de uma música de cariz universal, equilibrando de maneira notável forma e improviso, estrutura e instinto. Música que se constitui, de forma quase simbólica, como inspiração conciliadora das múltiplas linguagens e abordagens do jazz.

Enrico Rava
The Words and the Days
ECM / Dargil



É, para muitos, o herdeiro da chama poética de Miles Davis. Comparações

2 à parte, é um dos mais brilhantes improvisadores europeus. “The Words and the Days”, registo superlativo para o seu novo quinteto, vem na sequência de uma série de obras de referência de um jazz europeu “cool”.



David Torn
Prezens
ECM / Dargil

Alquimista do estúdio e guitar-hero futurista, projecta a sua marca no jazz contemporâneo.

3 A seu lado, três dos maiores improvisadores norte-americanos: Tim Berne, Craig Taborn e Tom Rainey. Música atmosférica, densa e progressiva, que destila de forma única o orgânico e o sintético.



Brian Groder
Torque
Latham Records

10 Ainda no início de 2007, este registo do trompetista Brian Groder apanhou-nos de total surpresa. O impacto de ouvir as linhas fortes e incisivas criadas pela “front-line” de Groder com o veterano saxofonista Sam Rivers foi grande, libertando ondas de choque que se farão sentir por muito tempo. Foco, agilidade e uma empatia criativa rara. R.A.



Mário Laginha Trio
Espaço
Clean Feed / Trem Azul

11 2006 e 2007 foram, para Mário Laginha, anos de regeneração intensa. Após anos de partilha musical com a cantora Maria João, procura os seus próprios pontos de referência. Primeiro com o excelente “Canções e Fugas”, e agora com “Espaço”, registo referência do jazz português actual. Com Bernardo Moreira e Alexandre Frazão, Laginha voa alto na exuberância melódica e rítmica do seu novo trabalho. R.A.



Evan Parker / John Edwards / Chris Corsano
A Glancing Blow
Clean Feed / Trem Azul

12 Três músicos de excelência num encontro de duas gerações distintas de improvisadores; de um lado, o veterano saxofonista Evan Parker e o contrabaixista John Edwards, do outro, o menino prodígio da improvisação livre mundial, o baterista Chris Corsano. R.A.



Alípio C. Neto Quartet
The Perfume
Comes Before the Flower
Clean Feed / Trem Azul

13 Com uma actividade imparável desde que chegou, há anos, ao nosso país, o brasileiro Alípio Neto depressa se tornou num caso sério do jazz criativo nacional. Depois de dois registos editados sob a designação de colectivos, editou o registo que faz justiça ao seu enorme talento. É energia pura, comunicação musical intensa e um caso raro na associação entre forma, improvisação e espiritualidade. R.A.



Orquestra de Jazz de Matosinhos
Invites Chris Cheek
Fresh Sound New Talent / Dwtiza

14 O talentoso saxofonista Chris Cheek é um dos músicos estrangeiros que têm colaborado com a Orquestra Jazz de Matosinho. A Orquestra deu, nos últimos três anos, um salto qualitativo gigante que culminou, em 2007, na edição de “Portology” e “Invites Chris Cheek”. Este último veio renovar a esperança de um jazz português com impacto e relevância internacionais. R.A.



João Lencastre's Communion
One!
Fresh Sound New Talent / Dwtiza

15 Com “One!” o baterista realizou uma das estreias discográficas mais impactantes de sempre, no nosso país. Para além disso, realiza a assinalável proeza de conseguir reunir um conjunto pouco provável de grandes talentos (Bill Carrothers, Phil Grenadier, Demian Cabaud e André Matos) e com eles gravar um registo cuja consistência é característica do trabalho de músicos bem mais experientes. R.A.

Ornette Coleman

um ano intenso

No Festival Jazz em Agosto da Fundação Gulbenkian foi o mais intenso músico em palco.

Rodrigo Amado

Em Abril deste ano, Ornette Coleman ganhava o prestigiado Prémio Pulitzer para a área da música, constituindo a primeira ocasião em que este foi atribuído a um improvisador. Três meses depois, o saxofonista, com 77 anos, sofreu um colapso em palco que deixou angustiada a comunidade jazz mundial, pensando-se que seria o fim da sua brilhante carreira. Mas não. Ornette é daquele tipo de homens dos quais se diz já não se fazerem hoje em dia. Em Agosto já estava recuperado e em forma para realizar um memorável concerto no Festival Jazz em Agosto da Fundação Calouste Gulbenkian. O melhor e mais intenso músico em palco, na opinião de muitos. E este foi apenas um de muitos concertos realizados por todo o mundo, na digressão de promoção ao seu mais recente registo, "Sound Grammar". 2007 foi, sem dúvida, um ano marcante para Ornette, que, retribuindo, nos brindou com um dos anos mais intensos da sua carreira.

Saxofonista, trompetista, violinista e compositor, é, conjuntamente com Louis Armstrong, Charlie Parker, Miles Davis e John Coltrane um dos cinco grandes inovadores do jazz. A sua música, baseada no conceito de improvisação melódica independente das mudanças de acordes, foi descrita um dia pelo pianista Paul Bley como o "missing link" entre o bebop e o puro fogo do free-jazz. As suas improvisações em "cascata", livres na direcção e no timbre, revolucionaram a

Aos 77 anos continua a projectar a sua música como "a forma do jazz que está para vir"

forma como o saxofone é tocado no jazz, e as suas composições "harmolódicas", numa combinação única e altamente pessoal de harmonia, melodia e ritmo, alteraram para sempre as convenções existentes, criando uma nova linguagem. Durante anos consecutivos das mais duras contrariedades, o saxofonista nunca cedeu à tentação de adaptar o seu estilo musical para facilitar a integração.

É um dos grandes ícones do jazz vivos, e o seu exemplo constitui uma forte inspiração para gerações sucessivas de músicos que acreditam na intuição, liberdade e originalidade como forças internas de uma música que se quer vibrante, em constante mutação, numa ligação directa aos tempos que vivemos.

Aos 77 anos, na linha da frente do jazz contemporâneo mundial, continua a projectar a sua música como "a forma do jazz que está para vir".



André Fernandes

estímulo para o jazz

É, porventura, o mais activo músico de jazz nos nossos palcos.

Paulo Barbosa

Tem vindo a afirmar-se como uma das forças maiores do jazz nacional através da sua participação em projectos com destacada relevância no panorama jazz do nosso país, vários dos quais na qualidade de líder. Constituem ainda sinais inequívocos dessa afirmação o convite de Lee Konitz para integrar o seu noneto, as sucessivas solicitações por parte da Orquestra Jazz de Matosinhos e o crescente reconhecimento do seu trabalho por parte da crítica nacional e internacional.

Ao longo dos últimos anos, o guitarrista e compositor sido um forte estímulo para a qualidade do jazz praticado no nosso país, quer no papel de professor (muitos dos seus jovens alunos começam agora a fazer ouvir a sua voz), quer nas suas frequentes prestações como "sideman" nos mais variados projectos. É, porventura, o mais activo músico de jazz nos nossos palcos.

Não menos determinante nesta sua faceta de catalisador da actividade jazzística é a responsabilidade assumida pelo músico na editora Toneofapitch, cuja criação se justifica, nas palavras do próprio, pelo facto de que "em Portugal, na altura, não havia nenhuma editora de jazz, embora o número de projectos de grande qualidade da autoria de várias gerações de 'jazzmen' portugueses continuasse a crescer em quantidade e qualidade", o que terá gerado uma vontade de "abrir uma porta de registo e divulgação de excelente música que estava a desaparecer no tempo sem deixar rasto".

É na própria Toneofapitch que Fernandes tem registado as várias etapas da sua carreira como líder, com os álbuns "Osso", "Howler", "Timbuktu" e o mais recente "Cubo", editado ainda a tempo de integrar, sem reservas, a nossa lista dos melhores do jazz de 2007. O novo quarteto de André Fernandes, com Mário Laginha, Nelson Cascais e Alexandre Frazão, torna-se assim num dos casos mais sérios

no panorama jazzístico português.

Nas palavras de Nelson Cascais, as composições do guitarrista pautam-se por "uma enorme contemporaneidade, que tem mesmo algo de futurista". Trata-se, de facto, de música nova, genuína e insubordinável, sob o ponto de vista estilístico, a qualquer rótulo. É um todo absoluto, resultante da maturação de uma visão desde sempre eclética, até um estado de autenticidade no qual inspirações diversas se ligam de forma imperceptível, sem cheiro a cola e sem pesponsos visíveis. É a definitiva consolidação de um universo musical próprio, o qual, embora assente numa escrita de complexidade harmónica apreciável e plena de intervalos pouco usuais, tem o condão de arrebatador o ouvinte da forma mais assertiva. O carácter ilusoriamente simples da música de André Fernandes prende-se, em boa medida, com a sua cativante riqueza melódica, mas acima de tudo com a incondicional entrega dos quatro músicos a um projecto em relação ao qual partilham uma crença sem reservas. A este propósito, é Nelson Cascais quem se confessa impressionado com "a forma como, com estes músicos, se torna tão fácil e intuitivo tocar uma música que, na verdade, nada tem de simples!" - interessante indicativo da condição à qual André Fernandes conseguiu elevar a sua música.

Como diz Mário Laginha, "é admirável a maneira como André Fernandes escapa sempre ao óbvio, sem nunca virar costas à essência da música". É que mais se lhe poderia pedir?

Tem vindo a afirmar-se como uma das forças maiores do jazz nacional



RUIJO FERREIRA SANTOS



Bach

para **ouvir** e ouvir...

O som do violino de Viktoria Mullova nas Sonatas para violino e cravo, de J. S. Bach - com a cumplicidade do cravista Ottavio Dantone - é de uma beleza incisiva. *Cristina Fernandes*

Com a gravação de cinco Concertos para violino, de Vivaldi, realizada em 2005 com Il Giardino Armonico, Viktoria Mullova tinha já demonstrado a sua plena adaptação ao violino barroco, à estética e às práticas de execução históricas. A forma brilhante como tem demonstrado nos últimos anos a sua adesão ao universo da música antiga resulta ainda mais surpreendente se pensarmos que se trata de uma intérprete que fez extensa carreira internacional no âmbito do violino moderno e que se formou no seio da escola russa, com um estilo e uma linguagem radicalmente diferentes, apoiados na herança do Romantismo.

Em 2007, o álbum duplo dedicado às Sonatas para violino e cravo, de J. S. Bach, com o cravista Ottavio Dantone, veio reforçar este percurso, impondo-se como uma referência na discografia destas obras. Unindo um virtuosismo técnico, que não será alheio à sua sólida preparação no âmbito da escola russa,

com um conhecimento inteligente e perspicaz do discurso musical de Bach à luz das interpretações historicamente informadas, Mullova encontrou uma espécie de "terceira via", como lhe chamou o crítico francês Gaetan Naulleau. O som do seu violino Guadagnini de 1750 é de uma beleza incisiva, o desenho das linhas melódicas é esculpido nos mínimos detalhes sem jamais perder a fluência, as evocações polifónicas da música de Bach surgem com grande nitidez e uma cumplicidade perfeita com Dantone.

É música que apetece ouvir e reouvir, de uma energia contagiante nos andamentos rápidos (ou mesmo fulgurante como no "Allegro" final da Sonata em Mi Maior BWV 1016 ou no jogo concertante do "Allegro" inicial da BWV 1019) mas também de uma delicada e nobre inspiração nos andamentos lentos. Sublime o "Adagio ma non tanto" da Sonata BWV 1016 pela respiração e pelo "cantabile" imaculado

Viktoria Mullova
tinha já demonstrado
a sua plena
adaptação ao violino
barroco, à estética
e às práticas de
execução históricas

ou o primeiro andamento ("Largo") da Sonata em Dó menor BWV 1017.

Ottavio Dantone é uma parceiro ideal, possuindo uma técnica e uma eloquência empolgantes. Longe de ser uma figura subalterna é um participante de pleno direito no discurso e demonstra uma forte personalidade tanto nas Sonatas com baixo contínuo como nas que possuem cravo "obbligato". Como complemento às Seis Sonatas para violino e cravo BWV 1014 a BWV 1019, foram ainda registadas uma transcrição da Sonata em Trio nº 5, BWV 529, originalmente para órgão, e a Sonata em Sol Maior BWV 1021. Além do violino, ambas são interpretadas com um conjunto formado por órgão (com Ottavio Dantone), viola da gamba (Vittorio Ghielmi) e arqualaúde (Luca Pianca), que lhes confere um colorido irresistível.



J. S. Bach
Sonatas
Viktoria Mullova
(violino), Ottavio
Dantone (cravo)
Onyx (2 CD)



Volodos Plays Liszt
Arcadi Volodos (piano)
Sony Classical



Quando surgiu o primeiro disco de Volodos, com um estonteante programa de transcrições, o pianista foi anunciado por alguns como o futuro Horowitz e por outros como um mero virtuoso. Quando saiu o registo com Schubert, pareceu confirmar a sua posição mas ainda deixou dúvidas. Agora, com Liszt, consegue o que, curiosamente, Horowitz dizia ser necessário para interpretar o maior virtuoso da história da música: ser ao mesmo tempo anjo e diabo. Com obras dos "Cadernos de Peregrinação", as "Lendas", os "Funerais" das "Harmonias Poéticas e Religiosas" e uma "Rapsódia Húngara", Volodos mostra-se como um dos melhores intérpretes de sempre do piano. Como dizia Horowitz, para ser mais do que um virtuoso, primeiro, é preciso ser virtuoso. Isso já Volodos provou. Este é o seu disco de consagração. R.P.



Emmanuel Nunes
Emmanuel Nunes
Remix Ensemble, direcção
Peter Rundel
Remix/Casa da Música



Um belo disco de duas obras de Emmanuel

Nunes, interpretado por um dos grupos que melhor conhece a sua música e que mais a tem divulgado dentro e fora de Portugal nos últimos anos, o Remix Ensemble. Emmanuel Nunes é dos compositores portugueses mais conhecidos na Europa. Este disco permite a sua descoberta também pelo público português. A abrir o apetite para a estreia da sua ópera "Das Märchen", em Janeiro. P.B.



Johann Sebastian Bach
Missa em Si menor BWV 232
Mechthild Bach, Daniel Taylor, Marcus Ullmann, Raimund Nolte
Kammerchor Stuttgart
Barockorchester Stuttgart
Frieder Bernius
Carus 83.211



Recorrendo a efectivos de dimensões médias, esta notável interpretação da Missa em Si menor consegue o justo equilíbrio entre a força exaltante das passagens corais mais grandiosas e a transparência da textura musical. Frieder Bernius realça de forma fascinante as linhas mais graves (vocais e instrumentais) e escolhe andamentos que conferem o impulso e a respiração ideal ao discurso de Bach. A luminosidade do magnífico Kammerchor Stuttgart e a definição rítmica são outros pontos a realçar numa versão que se caracteriza por uma energia vibrante mas também pela serenidade contemplativa. C.F.



Joseph Haydn
Quartetos opus 9
London Haydn Quartet
2CD Hyperion CDA67611



O disco de estreia para a Hyperion do London Haydn Quartet, agrupamento formado por especialistas no domínio da música Barroca, é um fenómeno de requinte ao nível sonoro e uma surpresa muito agradável que mostra como os conhecimentos estilísticos no domínio da música antiga podem beneficiar música de outros períodos, nomeadamente do Classicismo. Apesar de existirem no mercado mais duas versões com instrumentos de época, esta foi uma das revelações do ano: não só dos intérpretes mas da própria música que ganha um outro colorido. R.P.



Movimentos da música antiga

O PANORAMA COMEÇA A MOVIMENTAR-SE EM PORTUGAL, MULTIPLICANDO-SE COM NOVAS INICIATIVAS. **CRISTINA FERNANDES**

Ainda estamos longe dos padrões internacionais, mas o panorama da música antiga em Portugal começa a movimentar-se e a multiplicar-se em novas iniciativas. A maior parte deve-se à existência de uma nova geração de jovens intérpretes que se têm especializado no estrangeiro, sobretudo na Holanda, mas não só. Muitos deles, como o flautista António Carrilho, desdobram-se em vários agrupamentos (Banchetto Musicale Lusitania, Azizi e La Nave Va, entre outros) e mantêm colaborações internacionais (por exemplo, o Quinteto Kassiopeia, que está a gravar a integral dos madrigais de Gesualdo, é formado por portugueses e holandeses). O Sete Lágrimas Consort lançou o seu

primeiro disco ("Lachrimae #1") na sua própria editora e tem sido responsável pela direcção artística do Festival Terras sem Sombra no Baixo Alentejo, importante foco de divulgação de jovens intérpretes portugueses nesta área. Paralelamente continuam em actividade grupos como o Ensemble Barroco do Chiado ou A Imagem da Melancolia, entre outros. Em Portugal a formação na domínio da música antiga é ainda insuficiente, mas tem aumentado. Na Escola Superior de Música de Artes do Espectáculo do Porto funciona uma licenciatura em Música Antiga que possui uma orquestra dirigida por Ana Mafalda Castro, a Academia de Música Antiga de Lisboa continua a organizar cursos regularmente e a orquestra Divino Sospito tem apostado também na formação com "masterclasses" no CCB e os Encontros do Espírito Santo, em Évora, com cursos e concertos onde participaram grandes figuras internacionais da música barroca. A possibilidade de os agrupamentos portugueses trabalharem com músicos internacionais de primeiro nível foi também posta em prática pela Orquestra Barroca da Casa da Música, que trabalhou recentemente com Fabio Biondi.

A Imagem da Melancolia

É a falar que a música se entende

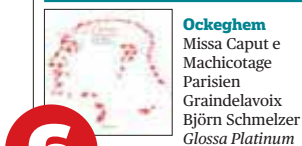
A MÚSICA NÃO SE EXPLICA? EXPLICA-SE. VEJA-SE A TENDÊNCIA DOS CONCERTOS COMENTADOS, QUE SE AFIRMARAM EM 2007. **CRISTINA FERNANDES**

Optando por formatos muito variados e públicos-alvo bem diferentes, esta nova tendência vem mostrar que se pode falar de música e que é a falar que a música se entende. Os concertos comentados não são coisa de agora. Nos mais variados formatos, sempre foram existindo e considerados como um dos veículos mais eficazes na formação de públicos e na quebra de barreiras entre os intérpretes protagonistas e o público. No entanto, muitas das orquestras internacionais sempre exerceram alguma resistência a este tipo de

abordagem à música, defendendo a velha máxima de que a música não se explica. O caso dos célebres "Concertos para Jovens", dirigidos pelo saudoso maestro Leonard Bernstein em Nova Iorque, permanece no imaginário como um modelo de comunicação efectiva no plano educacional. A nível internacional, o recente trabalho levado a cabo pelos músicos da Orquestra Filarmónica de Berlim e fomentado muito particularmente pelo seu maestro inglês Sir Simon Rattle, quer em concertos ao vivo, quer mesmo em concertos gravados e disponíveis no mercado em DVD, representam a alternativa moderna. 2007 foi um ano de plena afirmação deste formato de concertos pelas mais importantes instituições nacionais, com destaque para a Orquestra Gulbenkian e a Orquestra Nacional do Porto, mas também em diversas orquestras de carácter regional que continuam a desempenhar um papel fundamental na formação de públicos.



Sir Simon Rattle



Ockeghem
Missa Caput e Machicotage
Parisien
Graindelavoix
Björn Schmelzer
Glossa Platinum

6

Desafia as convenções interpretativas da música sacra renascentista através da recriação das práticas de ornamentação do cantochão conhecidas como "machicotage". Os Graindelavoix aplicam essa técnica a uma obra como a Missa "Caput", de J. Ockeghem (c. 1410-1497). Parte da força telúrica da interpretação decorre do uso de vozes não uniformizadas por um ensino do canto académico, mas talvez a melhor definição seja a de Björn Schmelzer: "Libertar a música de Ockeghem (e a polifonia do século XV em geral) das suas conotações pseudo-etéreas, da sua correcção pseudo-profissional e do seu tédio pseudo-histórico." C.F.



Felix Mendelssohn
Sinfonias n.º 4 e 5
La Chambre
Philharmonique
Emmanuel Krivine
Naïve

Quando uma interpretação nos faz gostar muito de uma obra é sinal que deve ser boa. Esta é uma máxima que muito se adapta a este CD. Não tendo dúvidas de que as Sinfonias de Mendelssohn são obras-primas da história da música, a dinâmica conseguida na interpretação de Emmanuel Krivine é de tal forma empolgante que faz deste disco uma das grandes revelações do ano, dando a conhecer um Mendelssohn enérgico e, simultaneamente, harmonioso. Um disco que merece ser destacado por abordar com muito interesse repertório sobejamente conhecido. R.P.

7



Beethoven
Diabelli Variations
Vladimir Ashkenazy
Decca Classics/
Universal

Não são as melhores variações Diabelli de sempre, mas a versão madura e tecnicamente irrepreensível de Vladimir Ashkenazy editada este ano merece um destaque. Ashkenazy viu este ano editadas também duas caixas ("Personal Collection" e o conjunto de todas as sinfonias de Chostakovitch) que premeiam a carreira de um excepcional intérprete e maestro. P.B.

8



Antonio Vivaldi
La Petite Bande
direcção de
Sigiswald Kuijken
Kuijken
Accent

Uma versão das Quatro estações que podia ficar esquecida no meio de tanto Vivaldi editado nestes últimos anos. Kuijken mostra a sua enorme maturidade e conhecimento da música antiga e consegue, da mais conhecida obra do barroco italiano, fazer uma proposta fresca e renovada deste "greatest hit". P.B.

9



Stefano Landi
La morte d'Orfeo
Ensemble
Akadémia
Françoise Lasserre
(direcção)
Zig-Zag
Territoires (2 CDs)

"La Morte d'Orfeo", de Stefano Landi (1586/87-1639), contava com uma única gravação de referência efectuada há 20 anos. Com o registo do Akadémia, surge uma segunda opção que prima pela qualidade e faz justiça à originalidade da obra. O "Orfeo" de Landi não possui um verdadeiro conflito dramático, mas a acção é transmitida por música plena de invenção e de contrastes. Cerca de 20 personagens são repartidas por 13 cantores. As cenas de conjunto contêm passagens deliciosas como a intervenções dos "três ventos", os coros dos Sátiros e das Ménades ou os Ecos que ampliam o canto de Nisa. P.B.

Internacionalização da música portuguesa

MUITOS PROCURAM FORA O QUE FALTA POR CÁ. ISSO NÃO É APENAS NEGATIVO - TEM POSTO NO MAPA-MÚNDI MUITOS MÚSICOS PORTUGUESES **PEDRO BOLÉO**

Há pouco espaço para a quantidade de novos maestros, compositores e intérpretes que têm saído das escolas de Música em Portugal. Ao mesmo tempo, novas gerações de professores e músicos com muita qualidade obrigaram a um alargamento dos horizontes e das oportunidades de trabalho. Muitos procuram fora o que falta por cá. E esse processo não é apenas negativo (insuficiências estruturais da música portuguesa) - também tem posto no mapa-múndi muitos músicos portugueses e grupos que aqui se formaram. Uma quantidade impressionante de jovens músicos em quase todos os instrumentos, grupos criados em Portugal como o Divino Sospiro na música antiga, o Remix Ensemble ou o Miso Ensemble na contemporânea, maestros como Pedro Amaral ou Joana Carneiro, compositores como Miguel Azguime, António Pinho Vargas ou o já consagrado (em França e na Alemanha) Emmanuel Nunes são apenas alguns sinais de uma tendência de internacionalização da música portuguesa que vai continuar. Para além do reconhecimento que obtêm "lá fora", os músicos portugueses trazem também uma experiência rica de encontros, festivais, colaborações e até de formas diferentes de produção artística que pode, se for potenciada, dar frutos também "cá dentro". Em vez de lamentar apenas a falta de reconhecimento em Portugal e de fazer irrealistas (e até xenófobas) propostas "proteccionistas" aos músicos portugueses (preferi-los em relação aos músicos de outras nacionalidades, como há quem sugira), talvez seja hora de alargar os horizontes, assumir a necessidade e a possibilidade de "internacionalização" dos músicos, exigindo e criando mais oportunidades de trabalho em Portugal, obviamente, mas aceitando também o desafio de tocar no mundo, seja em Espanha ou na Austrália, e não apenas repetir discursos chauvinistas.

Miguel Azguime



DAVID CLIFFORD

Música erudita "goes" pop e vice-versa

UMA TENDÊNCIA QUE SE ACENTUOU. INTÉRPRETES DE MÚSICA ERUDITA FAZEM INCURSÕES NA POP E VICE-VERSA. EM CARREIRAS PARALELAS OU EM ASSUMIDO "CROSSOVER" **CRISTINA FERNANDES**

Não é uma tendência nova, mas tem-se acentuado e reforçado tanto a nível internacional como nacional. Intérpretes de música erudita fazem incursões na pop e noutros estilos e vice-versa, em carreiras paralelas ou em assumido "crossover". São frequentes os programas mistos ou os festivais de música erudita que abrem as suas portas ao jazz ou à world music. Na memória de muitos melómanos estará ainda o concerto de Anne Sophie von Otter que abriu a temporada Gulbenkian de 2006/2007 com música dos Abba, que tanto dividiu o público. O disco que Sting gravou no final de 2006 com canções de John Dowland suscitou reservas entre os adeptos da música antiga, mas continuou a vender muitas cópias em 2007 e o contratenor Andreas Scholl gravou este Verão na Sony um disco pop com canções da sua autoria. Outro contratenor, Gérard Lesne, registou na Zig-Zag Territoires um CD híbrido ("Colors") com músicos de jazz como o pianista Bruno Angelini, o contrabaixista Jean Philippe Viret e o eclético baterista Ramon Lopez. Em Portugal, a Orquestra Metropolitana de Lisboa tem colaborado com a Big Band do Hot Club e estreou Fados Sinfónicos, de Álvaro Cassuto, com Kátia Guerreiro. A Orquestra do Algarve tem também acompanhado fadistas. O festival Primavera Musical de Castelo Branco, vocacionado para a música erudita, deu a ouvir o Jacques Morelenbaum - Trio Cello Samba, Mário Laginha e Bernardo Sasseti com um concerto dedicado a Zeca Afonso, e o Festival de Espinho contou com a cantora de jazz Stacey Kent. A Casa da Música, por definição "a casa de todas músicas", apresentou Uri Caine em Mozart, Michel Camilo e Tomatito (jazz e flamenco), Mário Laginha e Maria João com a Orquestra Nacional do Porto, entre outros cruzamentos, e em 2008 promete ir mais longe com o Remix Ensemble a fazer incursões no fado (com Cristina Branco) e no jazz (com Peter Erskine).

Conflitos no São Carlos: uma oportunidade perdida?

Mas que ópera?

HOUVE CONFLITOS NO TEATRO NACIONAL DE SÃO CARLOS. MAS A ÓPERA EM PORTUGAL MOSTROU VITALIDADE POR OUTRAS VIAS **PEDRO BOLÉO**

A ópera não parece ter morrido, bem pelo contrário. Os conflitos no Teatro Nacional de São Carlos que opuseram o antigo director Paolo Pinamonti e o Ministério da Cultura e que resultaram na nomeação de um novo director (Christoph Damman) parecem ter sido uma oportunidade perdida para uma discussão mais profunda sobre a ópera e as características que deveria ter o principal teatro de ópera nacional. No entanto, a ópera em Portugal mostrou vitalidade por outras vias: foi ano de cursos de encenação de ópera na Gulbenkian e, antes disso, da criação de duas óperas contemporâneas para o ciclo "Estado do Mundo", que comemorou os 50 anos daquela instituição. Estas óperas puseram intérpretes, compositores e encenadores a criar de formas novas,

a enfrentar as dificuldades da produção de um teatro musical, e a confrontar formas de fazer, ideias e estéticas... no mundo. Mas houve também uma tendência forte de descentralização da ópera que é "exigida" por novos públicos e por alguns poderes locais. Para haver teatro musical fora do "centro", é preciso das duas uma: ou muito dinheiro para importar produções caras de ópera já feitas (coisa que pode acontecer quando uma câmara municipal quer associar prestígio e luxo à sua governação), ou estruturas de criação e produção mais ligeiras e criativas que surjam nos centros urbanos mais pequenos (é o caso das primeiras experiências operáticas no Teatro da Guarda e de experiências de pequenas companhias de ópera estáveis ou ocasionais, que são ainda poucas). A composição de óperas, ou de outras formas novas que combinem música e teatro, também não parece estar em crise. Há muitos intérpretes, encenadores, compositores e técnicos interessados no teatro musical, talvez como nunca antes em Portugal. 2007 foi também, a pretexto dos 500 anos do Orfeu de Monteverdi, ano de discussão sobre a necessidade e o futuro da ópera, em que se ouviram alguns discursos mais ou menos banais centrados na ideia de que a ópera é um pilar cultural da "identidade europeia". Mas do que o teatro musical, precisa é de dinâmicas novas e de rupturas estéticas - não é de elogios, monumentos ou museus.

Remix Ensemble



Um ano especial para Emmanuel Nunes

Foi especial 2007 para a sua obra: retrospectivas alargadas, várias gravações... Aguarda-se a estreia, para Janeiro, da sua primeira ópera. *Pedro Boléo*

Emmanuel Nunes (Lisboa, 1941) alcançou o estatuto de compositor português mais reconhecido internacionalmente na década de 80 e, desde então, a sua carreira tem sido solidamente consolidada no âmbito da criação musical, com a divulgação das suas obras pelos mais importantes agrupamentos de música contemporânea e instituições musicais, bem como do ensino, na Europa, sendo de destacar a sua carreira académica no Conservatório de Paris.

O ano de 2007 foi especial para Emmanuel Nunes por um grande número de acontecimentos de sobeja importância que coincidiram de uma forma concertada na mesma altura. O compositor viu a sua obra ser alvo de retrospectivas alargadas nas cidades de Paris, Berlim, Porto e, com particular destaque, em Estrasburgo. Nesse âmbito são de destacar diversas estreias mundiais protagonizadas pelo Ensemble Intercontemporain na Cité de La Musique em Paris ("Lichtung III"), pelo Remix Ensemble na Fundação Gulbenkian em Lisboa ("Épures du serpent vert IV") e por Christophe Desjardins no Festival Música de Estrasburgo ("La main noire"). Estes dois últimos agrupamentos/intérpretes (Remix Ensemble sob a direcção de Peter Rundel e Christophe Desjardins) lançaram discos inteiramente dedicados a obras de Emmanuel Nunes que em 2007 recolheram grandes elogios da crítica especializada.

Mas este foi igualmente o ano da sua residência artística na Casa da Música, onde dirigiu três seminários para jovens compositores e estudantes, dando seguimento ao seu legado

É grande a expectativa com que se aguarda a sua primeira ópera ("Das Märchen"), com estreia marcada para o Teatro Nacional de São Carlos já em Janeiro

pedagógico. Na mesma instituição viu as suas obras interpretadas pelo Coro Gulbenkian, a Orquestra Nacional do Porto e o Ensemble Modern, para além do já citado Remix.

A expectativa com que se aguarda a sua primeira ópera ("Das Märchen"), com estreia marcada para o Teatro Nacional de São Carlos já em Janeiro, e a continuação da retrospectiva da sua obra no Festival MaerzMusik 2008 de Berlim são sinais muito significativos da franca actividade e interesse no seu trabalho que confirmam o estatuto internacional de Emmanuel Nunes no panorama da criação musical contemporânea.



PEDRO CUNHA



MIKHAIL PLETNEV A editora Deutsche Grammophon lançou em 2007 as integrais das sinfonias e dos concertos para piano e orquestra de Beethoven pelo pianista e maestro russo Mikhail Pletnev. Um feito notável a confirmar o seu lugar de excelência no panorama internacional. **R.P.**



ANA QUINTANS Uma das vozes mais brilhantes da nova geração de cantores portugueses. Numa preenchida agenda destaca-se a colaboração com William Christie e Les Arts Florissants. Ao registo "Judicium Salomonis", de Charpentier (Virgin) adicionou o "Requiem" de Fauré, direcção de Michel Corboz (Mirare), e "As Sementes do Fado", com o cravista Marcos Magalhães e o guitarrista Ricardo Rocha. **R.P.**



Cecilia Bartoli a reinvenção da ideia de diva

Uma Maria Callas do nosso tempo, mas mais próxima, mais quente e mais vendável. *Pedro Boléo*

Para além da voz que tem, é um interessante fenómeno de mercado deste ano. Apesar da relativa resistência à “crise da indústria discográfica” (que tem obrigado a uma revisão dos meios de produção e distribuição dos “conteúdos” que afecta todas as músicas), a música clássica também tem de criar as suas figuras populares e de reinventar as estratégias “agressivas” de “marketing” para lançar as suas novas estrelas.

Bartoli não é uma novidade no mercado, mas é uma figura que reúne qualidades invejáveis: virtuosismo fora do comum e imagem de versatilidade, competência e qualidade “acima de qualquer suspeita”, mas também de cantora “acessível” a todos, no tipo de repertório que aborda (barroco, clás-

sico e romântico) e na forma livre, prazerosa e ligeira como lida com a música (mesmo tratando-se de ópera e de música “erudita”, pouco associadas a esses adjectivos pela grande maioria dos consumidores). Para além disso, tem legiões de fãs que seguem a sua voz como poucos e vende muito acima da média para um produto da “clássica”. A sua voz fora do vulgar impede os críticos de dizerem muito mal dela, mesmo quando faz discos menos geniais e musicalmente algo “fáceis”, como foi o caso do sucesso deste ano, “Maria”. Este disco reinventa a ideia de diva (como as divas da pop), ligando Bartoli a uma figura mítica do passado - a cantora Maria Malibran e a sua vida trágica. A estratégia de “marketing” altera-se: já não

Mas o que pode ainda Bartoli inventar a seguir sem ser um “Bartoli and friends”? Ou melhor: o que inventarão para ela?

basta vender uma excelente cantora, é preciso fazer de Bartoli um mito ou uma extraterrestre - mulher forte e espectacular, com uma voz doutro planeta -, mas que mantém a sua humanidade e a sua proximidade dos ouvintes. Uma voz que se pretende afirmar como uma “divina absoluta”, uma Maria Callas do nosso tempo, mas mais próxima, mais quente e mais vendável. A ópera dá-lhe papéis para brilhar e legitimação “séria”. O mercado dá-lhe o resto, entre sessões fotográficas, mecanismos publicitários e formas de produção semelhantes às vozes das estrelas pop.

Mas o que pode ainda Bartoli inventar a seguir sem ser um “Bartoli and friends”? Ou melhor: o que inventarão para ela?



DIVINO SOSPIRO Além de ter gravado os concertos de Boccherini, com o excelente violoncelista Gaetano Nasillo, para a prestigiada etiqueta francesa Zig-Zag Territoires, a orquestra barroca Divino Sospino viu o seu primeiro CD/DVD (com a Sinfonia nº 40 e Serenata Notturna K386, de Mozart) chegar ao top de vendas no Japão na loja Tower Records com 2800 cópias vendidas numa semana. **C.F.**



PEDRO CARNEIRO Percussionista, e maestro, de projecção internacional, é dos que não fica a lamentar as insuficiências do panorama português. Foi um dos impulsionadores da nova Orquestra de Câmara Portuguesa, projecto indispensável para lançar e dar experiência profissional a jovens músicos e maestros portugueses. **P.B.**

Césariny

antologia genial

Esta antologia não inclui inéditos. Mas um tão amplo consenso só pode mesmo ter ficado a dever-se a uma grande razão. *Luís Miguel Queirós*

Não são nada evidentes os motivos que levaram as muitas pessoas que escrevem sobre livros no Ípsilon a designar como um dos “livros do ano” esta antologia de Mário Cesariny, que não inclui um único poema inédito. Mas um tão amplo consenso só pode mesmo ter ficado a dever-se a uma grande razão.

Dado que as regras impostas aos seleccionadores deste “top” os impediam de considerar reedições, deve concluir-se que os que votaram neste título quiseram sublinhar não apenas o talento de Cesariny, mas também a qualidade e originalidade intrínsecas da escolha que esta antologia propõe.

De facto, este é um livro que não existia, e não apenas por reunir num só volume poemas que andavam dispersos. Muitos leitores de Cesariny terão, na sua cabeça, antologias virtuais do poeta, poemas que a memória foi retendo, quer pela sua qualidade, quer por se aproximarem mais do gosto pessoal de cada um. O que distingue “Uma Grande Razão - Os Poemas Maiores” é que, quem escolheu, nem fez uma “antologia pessoal”, no sentido comum do termo, nem escolheu necessariamente os “melhores” poemas. E também não quis ilustrar, numa lógica de representatividade, o modo como a obra de Cesariny foi evoluindo. Cerca de 80 por cento dos poemas aqui incluídos vieram de apenas dois livros, ambos dos anos 1950: “Manual de Prestidigitação” e “Pena Capital”.

Esta é uma antologia que parte de uma convicção forte: a de que existe, na poesia de Cesariny, um núcleo central de “poemas maiores”. Não apenas maiores do que os outros mas, em certo sentido, maiores do que a literatura,

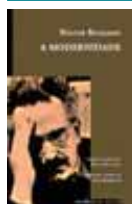
maiores do que aquilo que o “saber fazer” permite alcançar. O Cesariny que aqui se dá a ler é, pois, o poeta inspirado, o mago, o visionário. Atributos que remetem, todos eles, para o auto-retrato mítico do poeta romântico, que muita crítica contemporânea tem procurado desacreditar e, por vezes, com bons argumentos.

No entanto, a unanimidade em torno deste livro parece comprovar que o “génio”, qualidade tão evidente em si mesma e tão embaraçosamente difícil de fundamentar, conserva o seu prestígio intacto. Talvez se trate de uma inescapável fraqueza humana, essa tendência que temos para nos emocionarmos menos com a competência daquilo que sabemos como foi feito do que com o brilho arrebatador desses objectos que ignoramos donde possam ter vindo, e que nos parecem tão nítidos e definitivos na sua inteireza, que nos repugna admitir que possam ter sido esforçadamente construídos com trabalho e razão.

Na lírica portuguesa pós-Pessoa há alguns autores que não serão menores do que Cesariny, como Nemésio, ou Carlos de Oliveira, ou Eugénio de Andrade, entre outros que se poderiam citar. Mas só um partilha com ele essa mesma confiança radical no poder demiúrgico da palavra poética. E, por isso mesmo, embora este livro inclua uma nota em que se atribui a selecção dos poemas aos editores - uma estranheza só explicável, aliás, pelo propósito de ocultar o nome do verdadeiro organizador do volume -, é difícil evitar a suspeita de que a escolha se ficou a dever a esse único outro génio da nossa poesia contemporânea. Falamos, claro, de Herberto Helder.



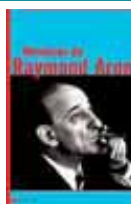
Uma Grande Razão: os Poemas Maiores
Mário Cesariny
Assírio & Alvim



A Modernidade
Walter Benjamin
Assírio & Alvim

Reunindo os textos sobre Baudelaire e ensaios e fragmentos de estética e sociologia da arte, este livro magnífico expõe a admirável impureza de um pensamento fulgurante que não

3 apenas produz conceitos, antes acolhe procedimentos do que podemos designar como um pensamento por figuras e imagens. A noção de modernidade que se vai investigando ao longo destes textos é uma construção à qual ainda hoje regressamos quando queremos entender quem somos e de onde vimos. M.G.



Memórias
Raymond Aron
Guerra & Paz

Nasceu no mesmo ano de Sartre, estudou nas mesmas escolas, divergiu quase sempre do mais mediático intelectual francês do pós-guerra. Mas a História deu quase sempre razão a este “espectador comprometido” que foi um dos mais lúcidos pensadores de um século marcado pelos extremismos irredentistas. Ler as suas “Memórias”, por fim editadas em Portugal, é revisitar o período que vai da ascensão dos totalitarismos ao fim da Guerra Fria e verificar como muitas das polémicas em que Aron se envolveu permanecem actuais. E os seus argumentos certos. J.M.F.



A Morte de Theo Van Gogh
Ian Buruma
Presença

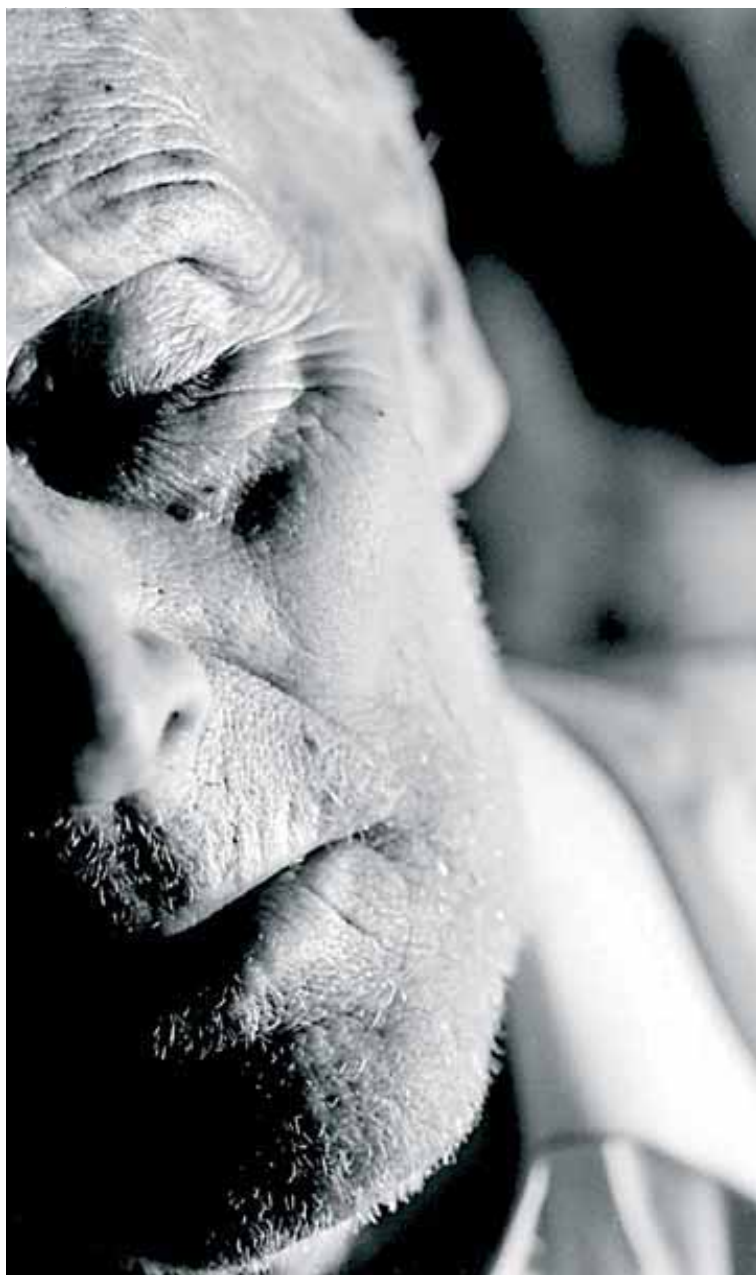
5 É difícil recomendar um livro com uma capa destas. Isso obriga a dizer o que este livro não é: não é um panfleto com grandes proclamações sobre os temas da moda, o Ocidente, o Islão, as “civilizações”. É um ensaio no sentido aproximativo do termo, fragmentário, construído sobre pequenas biografias. O grande recurso de Buruma é a sua aptidão para pintar retratos sociológicos, traçando rapidamente um meio e uma genealogia. Combina ideias com reportagem, mas as histórias nunca são meras “ilustrações” de uma tese. É jornalismo no melhor sentido. I.N.



Na Praia de Chesil
Ian McEwan
Gradiva

Ian McEwan constrói uma trama psicologicamente densa com um mínimo de recursos sobre um par amaldiçoado na sua noite de núpcias, em 1962, colocando o erotismo a par da angústia e do medo, num crescendo de grande tensão dramática. McEwan mantém o leitor em suspensão da primeira à última cena, demonstrando como, em pouco mais de cem páginas, desenvolve uma tragédia que recria a complexidade das relações entre os sexos, o peso da cultura familiar e as consequências das alterações sociais e políticas. “Na Praia de Chesil” é uma história cruel e acutilante sobre as relações humanas, relatada com uma contenção perturbante. H.V.





ADRIANO DI MENDI

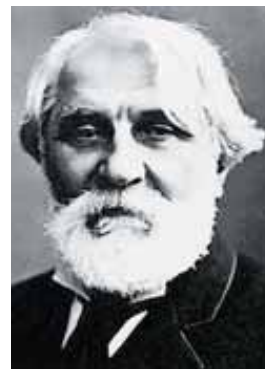
Turgueniev

de olhos muito abertos

O melhor livro do escritor russo parece estar em condições de poder ser ainda um dos maiores romances do século XXI. *Mário Santos*



Pais e Filhos
Ivan Turgueniev
Relógio D'Água



GAZETTE BOOK FOUNDATION

ESCOLAS: DE ADEILINO GOMES, EDUARDO PITTA, HELENA VASCONCELOS, HAZEL COUTINHO, IVAN NUNES, JOSÉ MANUEL FERNANDES, JOSÉ RICO DIRETIVO, LUIS MIGUEL QUERÓS, MANUEL GUSMÃO, MÁRIO SANTOS, PÍDIO MEIA, TERESA DE SOUSA

2

Nabokov disse que "Pais e Filhos" era "um dos maiores romances do século XIX". Mas o melhor e mais conhecido livro do escritor russo Ivan Turgueniev (1818-1883) sobreviveu bem ao século seguinte e parece estar em condições de poder ser ainda um dos maiores romances do século XXI. Como recentemente afirmava o escritor australiano Robert Dessaix, "na verdade, tudo o que hoje são os vossos [nossos] dilemas está descrito em 'Pais e Filhos' com uma incrível acuidade de visão, poesia e verdade".

Com aquela atenção aos detalhes, às pequenas oscilações da alma e da paisagem, que qualifica a prosa de Turgueniev (alguém capaz de observar e descrever, por exemplo, "um sorriso negligente"), "Pais e Filhos" é, no fundo, a história de uma passagem de testemunho geracional, com os característicos conflitos e desilusões. Pois tudo, o amor, a amizade, a família ameaça o jovem que se debruça para a vida adulta (alusão a Paul Nizan). Tal

passagem é, aliás, malograda no caso do protagonista deste romance, o impaciente nihilista Bazarov, jovem revoltado quase sem causa, que sofre o amor, ou a impossibilidade dele, como uma indignidade e uma tragédia anunciada. O insone Bazarov, alguém de quem se pode dizer que, "de olhos muito abertos, olhava furioso para a escuridão" e "as recordações de infância não tinham poder sobre ele". Lírico e crepuscular, o romance de Turgueniev entorna sobre nós uma melancolia doce que vicia como uma dor de dentes. Século e meio depois, "Pais e Filhos" foi finalmente traduzido do russo para português, sem a mediação de outras línguas.

Como disse Robert Dessaix, "na verdade, tudo o que hoje são os vossos [nossos] dilemas está descrito em 'Pais e Filhos' com uma incrível acuidade de visão, poesia e verdade"



A Estrada
Cormac McCarthy
Relógio D'Água

7

Sobre a terra devastada por uma catástrofe sem nome, duas personagens caminham. Um adulto e uma criança. Pai e filho. Numa peregrinação que desola e angustia, pois o objectivo - a sobrevivência - é improvável e incontáveis são os perigos do caminho. Mas não podem parar. E não há regresso. Outros sobreviventes atravessam o cenário de "dia seguinte", mas como descobrir no meio deles os "homens bons" cuja existência o adulto profetiza para consolo seu e da criança? Negro e também inesperadamente esperançoso, o último romance de McCarthy pode ser lido como uma única (e até um pouco sentimental) metáfora da vida. Mas "A Estrada" é também puro cinema escrito, um "road movie" à espera de ser filmado. M.S.



Metamorfoses
Ovídio
Cotovia

8

Ainda há fomes que se resolvem em fartura? Parece que sim. No caso de Ovídio (43 a.C.-17), pelo menos. Nos últimos dois anos, sucederam-se traduções novas e fiáveis de livros do poeta latino, culminando naquela que é (dois mil anos depois, enfim) a primeira tradução portuguesa "integral" da sua obra maior, "Metamorfoses". Maiores e mais perenes do que as de outro grande clássico grego ou latino, são inumeráveis as metamorfoses que este livro gerador de livros operou e continua operando na cultura ocidental. História das mil e uma formas a que o caos foi submetido, "Metamorfoses" é um livro de mil e uma histórias, a arca de um tesouro inesgotável, um prodígio de invenção e fábula. M.S.



Tudo o Que Sobe deve Convergir
Flannery O'Connor
Cavalo de Ferro

9

A Cavalo de Ferro prossegue a edição da ficção completa da americana Flannery O'Connor (1925-1964). Depois do romance "Sangue Sábio" (1952) e dos contos "Um Bom Homem é Difícil de Encontrar" (1955), saiu a colectânea póstuma "Tudo o Que Sobe Deve Convergir" (1965), nove magníficos retratos do Sul racista e fundamentalista.

O'Connor, que morreu com lúpus aos 38 anos, foi uma escritora católica torturada e uma das grandes contistas do cânone ocidental. P.M.



As Benevolentes
Jonathan Littell
Dom Quixote

10
ex-aequo

Ainda se escrevem grandes épicos. O romance que consagrou Jonathan Littell, "As Benevolentes", aí está para o provar. O título reporta a Ésquilo, que dedicou uma das tragédias da "Oresteia" precisamente às Euménides, ou seja, às Benevolentes. Tendo presente esta analogia, o exercício mnemónico do narrador, dando conta do passado sem poupar na abjeção, ganha o sentido que a primeira frase insinua: "Irmãos humanos, deixem-me contar-vos como foi que se passou." Dir-se-ia que Max Aue nos fala do lado de fora da condição humana, logo ele, que dissecou os recessos da alma com torpeza e afino. O Holocausto é um mero pretexto. Eduardo Pitta



10. Século Passado
Jorge Silva Melo
Cotovia



Sabíamos que Jorge Silva Melo era um escritor de teatro e cinema e para teatro e cinema. Este livro confirma que ele é, independentemente do género que atribuíamos a estes textos, um escritor. Um escritor que viaja entre as várias artes inventando com elas e entre elas o seu mundo. Um mundo em que a cultura é o espaço público da individuação social e em que a singularidade pode pretender à complexa tarefa do testemunho. M.G.

Miguel Pais do Amaral



DANIEL ROCHA

O ano da concentração das editoras

AGITAÇÃO NO MERCADO DOS LIVROS. CONCENTRAÇÃO EDITORIAL. DEPOIS DE 2007, NADA VOLTARÁ A SER COMO ANTES. ISABEL COUTINHO

Foi um ano de agitação na indústria livreira portuguesa e a tendência é para a concentração editorial. Os grandes grupos conseguem ter um maior poder negocial quando se trata da compra de grandes títulos internacionais, mas, quando ao lado dos editores trabalham gestores de marca, nada certamente voltará a ser como antes.

As editoras ASA, Caminho, Texto Editores, Edições Nova Gaia e a Gailivro foram adquiridas pelo grupo do empresário Miguel Pais do Amaral, antigo patrão da Media Capital, que tem como objectivo "fazer o maior grupo editorial de língua portuguesa e chegar aos mercados africano e brasileiro", mesmo que isto demore dez anos a concretizar. Isaías Gomes Teixeira, administrador executivo do grupo, já o disse publicamente.

Ainda este ano, a editora Teorema, de Carlos Veiga Ferreira, foi adquirida pelo fundo de capital de risco de dimensão ibérica Explorer Investments, juntando-se às editoras Oficina do Livro, Casa das Letras (antiga Editorial Notícias), Estrela Polar e Sebenta. A Explorer não está interessada no mercado escolar (que é detido pela Porto Editora e pelo grupo de Amaral), mas quer ser "o maior grupo português" de edições gerais. Soube-se na semana passada que a editora Gradiva, de Guilherme Valente, é uma das que poderão vir a fazer parte do grupo da Explorer Investments (o negócio está bem encaminhado) e que a Pergaminho também tem sido disputada.

O mercado editorial português estava pulverizado e era pequeno, em oposição ao mercado da distribuição e do retalho. Foi para acabar com esse desequilíbrio entre o canal de distribuição e o de produção que o grupo de Pais do Amaral decidiu concentrar. Vão construir uma grande gráfica em Moçambique que imprima livros para esse país, Cabo Verde e Angola. Querem, enfim, proporcionar aos países lusófonos a circulação daquilo que se produz dentro da língua portuguesa. Algo que nunca foi feito. Ao adquirir a Texto Editores, conseguiu entrar em Moçambique (onde a editora detém 50 por cento do mercado de livros escolares, e isto é 95 por cento do mercado editorial). Com a compra da Editorial Caminho, ficou também com 70 por cento da Ndjira, que é a principal editora moçambicana em termos de edições gerais. "Temos Angola, temos Moçambique e agora só falta o Brasil", afirmou num debate Isaías Gomes Teixeira, lembrando que o grupo espanhol Santillana é o número dois no mercado escolar brasileiro. "Arriscávamo-nos a que um grupo espanhol fosse o maior grupo de língua portuguesa". Por outro lado, não deixa de ser irónico que a editora que mais autores portugueses publica, as Publicações Dom Quixote, já pertença ao Grupo Planeta, o maior grupo editorial de língua espanhola.

A concentração aconteceu em outros países há décadas. Nos EUA, por exemplo, o maior grupo editorial é alemão e, depois da concentração, o que está a acontecer agora é que há cada vez mais editores independentes, mais livrarias independentes e mais canais de distribuição.

Entre 2005 e 2006, o sector livreiro português registou um aumento de cerca de 2,3 por cento de vendas, com uma facturação global de 530 milhões de euros, segundo um estudo sobre volume de vendas do mercado editorial em Portugal da consultora espanhola DBK. A mesma empresa prevê para 2007/2008 um crescimento anual de dois a três por cento.

Por agora, a única certeza é que as compras dos grandes grupos não vão ficar por aqui.



O Que Foi Passado a Limpo. Obra Poética (1965-2005)
Armando Silva Carvalho
Assírio & Alvim



Esta compilação de Armando Silva Carvalho reúne 40 anos de trabalho poético. Um bom pretexto para confirmarmos que, desde "Lírica Consumível" (1965) até ao recente "Sol a Sol" (2005), a obra deste autor desenha um dos percursos mais singulares da poesia portuguesa contemporânea. Pouco dado a ornamentos retóricos, o registo de Armando Silva Carvalho pode ser irónico, violento ou de um lirismo mais apaziguado, mas é sempre altamente pessoal. Releia-se, por exemplo, "Armas Brancas" (1977), com o seu estranho e exacto relato dos dias que se seguiram ao 25 de Abril. Uma lírica que faz questão de ser indigesta. L.M.Q.



Coleção da Obra essencial de Pessoa
Edição de Richard Zenith
Assírio e Alvim



Este sexto e penúltimo volume da Obra Essencial de Fernando Pessoa reúne, em edição bilingue, o essencial da poesia em inglês. O volume é organizado por Richard Zenith, que optou por transcrever na íntegra os livros de poesia inglesa que Pessoa publicou em vida, e ainda a obra póstuma "Mad Fiddler". Do restante, que é muito, procura apresentar o mais relevante, sem grandes preocupações de revelar inéditos, ainda que acabe por incluir alguns. No excelente prefácio, Zenith mostra como, a dada altura, aquele que se viu a si mesmo como o poeta português que iria superar Camões, pensou seriamente em tornar-se um poeta de língua inglesa. L.M.Q.



Todo-o-Mundo
Philip Roth
Dom Quixote



"Oh, a despreocupação, e o cheiro da água salgada e o ardor do sol na pele". Meras recordações terminais de um animal moribundo, um bicho da terra agonizante, um homem. Ou todo-o-mundo. O último livro de Roth é a crónica de um massacre anunciado: a velhice. Triste e agónico livro este que conta a decadência de um corpo masculino prometido à escuridão da terra e sem metafísica que o console. É que o corpo do protagonista, mais do que qualquer outro atributo seu, é o verdadeiro protagonista desta história. "Todo-o-Mundo" pode não ser o melhor Philip Roth. Mas é um Roth. M. S.



Poesia 1963/1995
Vasco Graça Moura
Quetzal



Obras como "Modo Mudando" e "Semana Inglesa", dois dos 14 livros reunidos em "Poesia 1963-1995", trouxeram à poesia portuguesa uma respiração contrariada pela doxa dos anos 1960. Lidos agora sem preconceito, vemos que alguns dos grandes poemas do autor (e da língua que é nossa) vêm já desse tempo, e que mesmo o famoso "regresso ao Real", decretado no pós-Abril, se antecipou afinal à vulgaridade. Em Vasco Graça Moura, o 'continuum' da tradição não inibe um largo espectro de harmónicas, do linguajar mais corriqueiro à declinação erudita, fundindo a releitura dos clássicos com situações factuais. E.P.

O nome de Salazar vende?

EM 2007 ASSISTIU-SE À PROFUSÃO DE OBRAS SOBRE SALAZAR E SOBRE O ESTADO NOVO. A EXPLICAÇÃO ESTÁ NO FRENESIM EDITORIAL QUE SE SEGUIU AO CONCURSO OS GRANDES PORTUGUESES. **MARIA JOSÉ OLIVEIRA**



António de Oliveira Salazar

Se houvesse um ranking das palavras mais recorrentes nos títulos dos livros publicados este ano em Portugal, Salazar estaria nos lugares cimeiros. Um olhar sobre os escaparates das livrarias é suficiente para contarmos uma mão cheia de volumes que ostentam na capa o nome (e, por vezes, também a fotografia) de António de Oliveira Salazar – são biografias, ensaios, memórias, ficção e Banda Desenhada.

Mesmo deixando de fora os filmes, as peças de teatro (e um musical) e os documentários televisivos que abordam a história do século XX em Portugal (reportando-se sobretudo ao período do Estado Novo), poder-se-á afirmar que Salazar está na moda no que concerne ao mercado editorial? Assiste-se a um frenesim provocado pelos resultados do concurso Os Grandes Portugueses (Salazar “venceu” com mais de 40 por cento dos votos dos espectadores) e ao consequente despertar do interesse dos portugueses por temáticas em torno da ditadura? A moda está para durar? Sim, sim e sim, são as respostas dos especialistas ouvidos pelo Ípsilon: os historiadores Irene Flunser Pimentel (Prémio Pessoa 2007) e Pedro Aires Oliveira e a responsável pelo departamento editorial da Esfera dos Livros (editora que apostou em força no passado recente do país), Sofia Monteiro.

Os três concordam que a controvérsia suscitada pelo concurso da RTP1 teve influência no catálogo das editoras e quebrou

“um tabu”, já que “a figura de Salazar quase não era tocada se não a nível académico”, diz Sofia Monteiro. Essa influência notou-se também na escolha dos títulos – romances (“O Assassino de Salazar”, de Joel Costa, por exemplo) e até investigações académicas sobre o regime não escaparam à imposição de encaixar o apelido do ditador em qualquer lado. “Espero que para o ano não haja tanta preocupação em colocar o nome dele nos títulos”, desabafa Irene Pimentel, co-autora de “As Vítimas de Salazar”, livro sobre os aparelhos repressivos da ditadura.

A editora das Esfera dos Livros não adianta muito sobre esta possibilidade, embora vá afirmando que é preciso “olhar para Salazar de uma maneira objectiva, livre e descomplexada”. Assegura, contudo, que a história do regime corporativo será tema de novos lançamentos. Na calha está já uma biografia do General Humberto Delgado (2008 será o ano dos opositores à ditadura e dos resistentes antifascistas?) e Sofia Monteiro diz que continua a ser “fundamental conhecer as outras figuras do Estado Novo que ainda não foram trabalhadas”.

Irene Pimentel já não acredita muito no prolongamento desta “moda”, adivinhando “um certo cansaço” para 2008. Tem, contudo, uma certeza: o “boom” de livros sobre o Estado Novo e sobre Salazar “iluminou” as obras de investigação histórica. Que, desde meados da década de 90, eram arrumados para os fundos das estantes das livrarias e raramente surgiam nas montras. Isto significa, aponta Aires Oliveira, que a novidade deste ano foi o interesse dos leitores por este género de obras.

Quanto à edição de ensaios ela remonta sobretudo aos finais dos anos 1990, quando a abertura dos arquivos de Salazar, da PIDE e, mais tarde, de Marcelo Caetano (depositados na Torre do Tombo), permitiu aos investigadores aceder a materiais inéditos de estudo, explica o historiador. O resultado das pesquisas, vertidos para teses de mestrado e de doutoramento, já é editado há mais de uma década. E continuará a sê-lo. Porventura sem a obsessão de colar o nome de Salazar nos títulos.

África regressa (renovada)

HÁ UMA NOVA GERAÇÃO A ESCRIVER SOBRE ÁFRICA E JÁ NÃO SÃO AS MEMÓRIAS DA GUERRA. **ALEXANDRA PRADO COELHO**

Não foi, claro, a entrada de África na literatura portuguesa. Mas em 2007 assistimos a uma confirmação: há uma nova forma de olhar para África; há uma nova geração a escrever sobre África. Já não são as memórias da guerra, que marcavam livros de Lobo Antunes ou Lídia Jorge, mas é uma relação mais descomplexada a que se encontra em livros como “Niassa”, a estreia do jornalista Francisco Camacho, ou “As Sete Estradinhas de Catete”, memórias de uma infância em Angola, de Paulo Bandeira Faria, autores que avançaram em caminho já aberto por Francisco José Viegas (“Lourenço Marques”), Pedro Rosa Mendes (“Baía dos Tigres”) ou Miguel Sousa Tavares (“Equador”). Publicaram-se também estudos/testemunhos como “África no Feminino: As Mulheres Portuguesas e a Guerra Colonial”, de Margarida



Calafate Ribeiro, sobre a experiência das mulheres que acompanharam os maridos, militares portugueses, para África durante a guerra colonial, e “Passagens para África. O povoamento de Angola e Moçambique com Naturais da Metrópole (1920-1974)”, de Cláudia Castelo, dois títulos entre muitos. E o ano terminou com novos lançamentos: “Fala-me de África”, de Carlos Vale Ferraz (pseudónimo de Carlos Matos Gomes), e “A Balada do Níger”, que se apresenta como “um conjunto de histórias acerca de vários países africanos, um trajecto entre o Sara e o Serengeti, que intervala a ficção e a não-ficção”, obra de estreia de outro jornalista, Amílcar Correia.



Aprender a Rezar na Era da Técnica
Gonçalo M. Tavares
Caminho

16 “Aprender a Rezar na Era da Técnica” conclui uma tetralogia de livros muito negros e com capa negra, ciclo a que Gonçalo M. Tavares chamou “O Reino”. Este romance é a história de um cirurgião (Lenz Buchmann) atraído pelo poder político como forma de curar as doenças colectivas mas que vê a sua ambição desfeita quando ele próprio adocece. O estilo seco, analítico e pessimista do autor do multipremiado “Jerusalém” (2005) faz de Gonçalo Tavares o mais sólido escritor de ideias da nova geração. P.M.



Shakespeare, Uma Biografia.
Peter Acroyd
Teorema

17 Das suas origens rurais até à vida em Londres, Shakespeare foi, também, filho, pai, marido, poeta, actor e dramaturgo. Acroyd recria a sua vida desde os primeiros anos, passando pelo seu casamento e vida familiar, o seu suposto (e escondido) catolicismo, a sua relação com outros autores e com o volátil meio teatral, bem como a forma como absorveu a tradição clássica e a cruzou com contos populares e mitos. Retrata um homem que evolui com o seu tempo, que conheceu o esplendor da era isabelina e, também, a censura e o lado negro da vida cidadina, com a erupção de pestes, a criminalidade e a competitividade entre actores e dramaturgos. O “inventor do humano” é aqui mostrado em toda a sua genialidade e como um homem do seu tempo. HV.



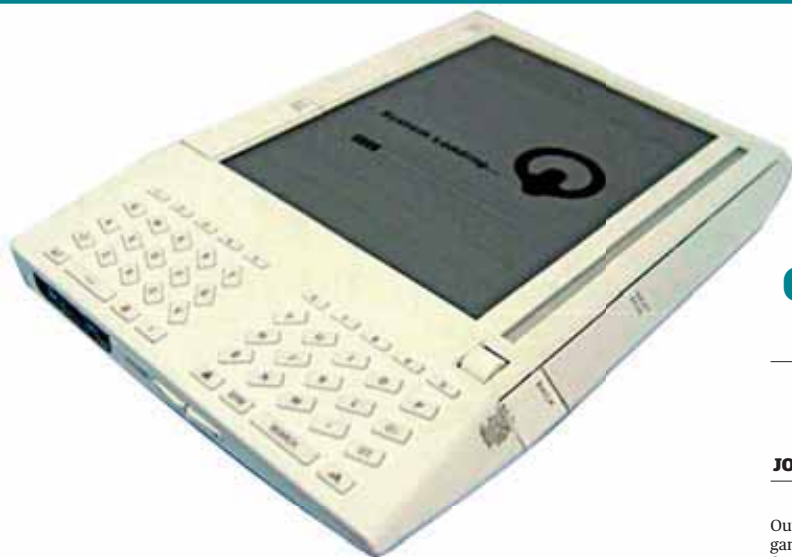
Orlando Furioso
Ludovico Ariosto
Cavalo de Ferro

18 É um gigantesco poema épico de 40 000 versos rimados, agrupados em 46 cantos. Conta-nos as guerras entre Carlos Magno e os Mouros. Lê-se como um romance de aventuras, numa linguagem desprestigiada a fazer lembrar as “canções de gesta”. Não é uma narrativa linear no tempo; há interrupções e analepses, o que permite que a leitura possa ser também feita “ao acaso”, apenas pelo prazer de fruir uma tradução apuradíssima em todos os pormenores. É um monumento literário. (Esta edição – a primeira integral em Portugal – inclui 450 gravuras de Gustave Doré.) J.R.D.



A Rússia de Putin
Anna Politkovskaja
Pedra da Lua

19 A “Rússia de Putin” não é sobre a grande política e os seus jogos mundiais. É sobre a vida das pessoas de carne e osso, vítimas ou algozes, boas ou más, frágeis ou poderosas, na mais veemente denúncia do que significa a nova “ordem e estabilidade” que se instalou na Rússia desde que o antigo tenente-coronel do KGB sucedeu a Boris Ieltsin no Kremlin. É a história verídica de “uma democracia a desaparecer”. A indómita jornalista russa escreveu-o em 2004. No dia 7 de Outubro de 2006 pagou com a vida a sua audácia. É um livro indispensável para quem quer perceber o novo poder russo e a sua personagem central. T.de S.



Os “e-books” e o futuro do livro

O LANÇAMENTO DO NOVO “E-BOOK” VOLTOU A GERAR O DEBATE SOBRE O FUTURO DO LIVRO. **ISABEL COUTINHO**

Em Novembro, a maior livraria “online” do mundo, a Amazon.com, lançou o Kindle, um dispositivo para ler livros em formato digital e voltou a discutir-se o futuro do livro e dos “e-books”.

O aparelho só funciona nos EUA (por causa do protocolo usado na sua ligação de banda larga) e não se sabe quando estará disponível na Europa, mas a forma como foi recebido pelos americanos poderá mudar a indústria editorial a nível mundial. O que por agora se sabe é que a livraria norte-americana esgotou o seu “stock” de Kindle e não haverá mais até ao Natal. Jeff Bezos, o director executivo da Amazon, conseguiu mudar a distribuição dos livros mundialmente. Não se sabe se com

o Kindle vai mudar também a maneira como lemos livros, mas já conseguiu baixar os preços dos “e-books”. Os livros em formato digital para outros dispositivos de leitura que utilizam a mesma tecnologia e-Ink do Kindle (o Sony Reader ou o iLiad) também baixaram de preço.

Este foi também o ano em que os departamentos de marketing das editoras começaram a mudar os circuitos de promoção do livro utilizando a Internet. Os blogues, o “podcasting” e os vídeos com “trailers” de livros passaram a ser a grande aposta. Nas feiras do sector - em Londres, Nova Iorque e Frankfurt - os editores mostraram receio: será que, com o avanço tecnológico, a Internet, o Print-on-Demand (impressão a pedido) e a banalização dos “e-books”, não se lembrarão os autores de se ligarem directamente aos seus compradores e leitores, sem precisarem de editores ou livreiros? Discutiu-se muito o crescimento do mercado dos audiolivros e se vamos passar a ler livros nos telemóveis (também por causa do iPhone), como já o fazem os japoneses. Foi também o ano em que agentes e editores inverteram as coisas: andaram à caça de “best-sellers” em versão digital para depois os imprimirem em papel.

Os novos lá fora

PRÉMIOS OU TRADUÇÕES, OS NOVOS AUTORES DÃO MAIS UM PASSO NA INTERNACIONALIZAÇÃO. **JOANA GORJÃO HENRIQUES**

Ouvimos falar deles porque ganharam prémios ou porque foram traduzidos: 2007 foi mais um passo na internacionalização da literatura em português para novos autores, sobretudo para os de lá de fora que agora os começam a descobrir. Além do Prémio Portugal

Telecom de literatura para Gonçalo M. Tavares com “Jerusalém” (ver texto ao lado), dois autores furaram o muro do mercado anglo-saxónico, onde escritor estrangeiro raramente entra. “The Book of Chameleons”, como foi traduzido “O Vendedor de Passados”, deu ao escritor angolano José Eduardo Agualusa o Independent Foreign Fiction Prize, o primeiro prémio do jornal britânico “The Independent” para um escritor africano e o mais valioso para tradução literária no Reino Unido (14,6 mil euros); José Luís Peixoto teve a sua obra “Nenhum

Olhar” traduzida em inglês por Richard Zenith (“Blank Gaze”); saiu no Reino Unido na editora Bloomsbury, a mesma de “Harry Potter”; o romance de José Rodrigues dos Santos, “Codex 632”, entrou no catálogo do Gotham Group, uma agência ligada à representação de realizadores de cinema, produtores, argumentistas e escritores que trabalha com autores das principais editoras americanas como a HarperCollins, a Simon&Schuster e a Houghton, e com as principais produtoras de cinema de Hollywood. Como dizia o tradutor de Agualusa num trabalho que publicámos no Ípsilon, este é um mercado dominado pela “escrita doméstica”, onde não há o hábito de aprender outras línguas e é fácil ser “isolacionista” - literária e linguisticamente. Houve quem falasse de “falta de cosmopolitismo da língua inglesa”. Os números confirmam o pouco peso dos escritores estrangeiros no mundo em inglês: juntos, o Reino Unido, os Estados Unidos, o Canadá, a Austrália e a Nova Zelândia publicam pouco mais de três por cento de novos livros traduzidos. Para o ano, Portugal vai continuar a fazer parte desse pequeno número: o “Codex 632” vai sair nos EUA, pela chancela da William Murrow, uma das principais editoras da HarperCollins, e será colocado à venda nas livrarias dos grupos Barnes&Noble e Borders, as duas principais cadeias livrescas dos Estados Unidos.



José Eduardo Agualusa

ROD CAUDERCO



Personas Sexuais
Camille Paglia
Relógio D'Água



Com um atraso de 17 anos, chegou à edição portuguesa a obra-prima de Camille Paglia, “Personas Sexuais”, uma obra provocadora e perturbadora sobre arte e decadência na cultura ocidental, da pré-história à pop. Paglia respeita o cânone, ao mesmo tempo que descarta “a ideia modernista de que a cultura se estilhaçou em fragmentos desprovidos de significado”. Literatura, cinema, homossexualidade, rock ou pornografia, nada voltou a ser como dantes depois deste livro. E se os capítulos dedicados a Oscar Wilde fundam os “Queer Studies”, nem por isso a autora faz vénia à ortodoxia dos departamentos de género. E.P.



Gente Independente
Halldór Laxness
Cavalo de Ferro



É a história épica de Bjartur, uma das personagens mais inesquecíveis e mais fascinantes da literatura do último século: heróico, brutal, poético, cínico, teimoso e infantil. É o romance de um homem obcecado pela sua independência económica (como metáfora de um povo então asfixiado pela dominação dinamarquesa). Numa Islândia feudal, miserável, onde tempestades de neve quase irreais gelam a paisagem e as pessoas, tem lugar esta saga moderna. Um livro para ler ao som dos Sigur Rós. J.R.D.



Balada para Sérgio Varella Cid
Joel Costa
Casa das Letras



A genialidade de um intérprete misturada com o prazer da aventura, a vertigem da transgressão, a escroqueria. Tudo envolto num clima de mistério, com pontas múltiplas por desenlaçar. História de vida de um pianista cujo percurso até ao seu desaparecimento, no Brasil, necessita da liberdade que só a ficção autoriza. Uma viagem magnífica pelo homem, pelo piano e pelo português mundo da música erudita (nunca antes descrito de maneira tão soberba), entre 1935 e 1981. Num livro que continua à espera de ser descoberto pelos leitores. A.G.



Como Falar dos Livros que Não Lemos?
Pierre Bayard
Verso da Kapa



Livros que não conhecemos; que esquecemos; que folheámos; de que ouvimos falar. A única categoria que este professor de literatura não contempla é a de livros que efectivamente lemos. Porque a manobra retórica de Bayard consiste em demonstrar que nunca nos apropriamos inteiramente de um livro: não o deglutimos. O nosso conhecimento é parcial: a distinção entre o que lemos e não lemos muito mais porosa do que costumamos admitir. Este é um extraordinário ensaio, em que a fronteira entre o argumento e sátira nunca se torna explícita, cujo humor nunca é declarado, e que é um convite a uma relação criativa com as ideias e os livros. I.N.

Jonathan Littell

o autor da “obra-prima”

Um americano que agora é francês foi o acontecimento literário do ano passado em França. Acaba de chegar a Portugal. *Isabel Coutinho*

Jonathan Littell publicou “Les Bienveillantes” na prestigiada Gallimard (traduzido na Dom Quixote como “As Benevolentes”) aos 39 anos, uma primeira obra com 900 páginas que escreveu em francês. “Best-seller” em França, já vendeu mais de um milhão de exemplares em todo o mundo, foi o livro mais cobiçado na Feira do Livro de Frankfurt 2006 e é também Prémio Goncourt 2006 e Grand Prix de la Académie Française. Foi traduzido em Itália, Espanha, Portugal e só daqui a algum tempo é que terá a tradução para língua inglesa. Littell quando escreveu o livro ainda tinha nacionalidade americana, agora já é francês e vive em Barcelona. É filho de Robert Littell, antigo grande repórter da revista “Newsweek” (especialista em Médio Oriente) e um dos mestres de romances de espionagem (está publicado pelas Publicações Europa-América). Na altura da saída do livro, a revista “Le Nouvel Observateur” deu-lhe capa e escreveu “é a obra-prima da ‘rentree’” e a crítica francesa foi unânime.

Jonathan Littell, que agora tem 40 anos, publicou nos Estados Unidos um primeiro romance de ficção científica quando tinha 20 anos mas, como não lhe dá muito crédito, a Gallimard promoveu “Les Bienveillantes” como sendo a sua “primeira obra literária”. Nasceu em Nova Iorque, mas foi para França aos três anos e depois regressou à América onde viveu dos 13 aos 16. Antes de escrever ficção, fazia traduções.



ANNE CHRISTINE POUJOULAT/AF

Um Verão encontrou William Burroughs e este encontro abriu-lhe novas dimensões, explicou ao “Le Figaro”: o escritor ofereceu-lhe “Festim Nu” e a partir daí Littell começou a interessar-se por Blanchot, Genet, Sade e a traduzir as suas obras, mas nunca as chegou a publicar. Regressou à

Europa, foi para a Bósnia como “freelancer” e acabou a fazer ajuda humanitária durante sete anos numa ONG contra a fome, passou pela Tchetchénia e pelo Afeganistão. Foi ao ver uma fotografia de uma mulher, um ícone da propaganda soviética de guerra, morta pelos nazis à chegada a Mos-

covo, que começou a pensar no livro e assim esteve durante 15 anos. Só em 2001 é que começou a escrevê-lo a tempo inteiro. Esteve um ano a investigar e em viagens e o primeiro manuscrito escreveu-o em quatro meses, contou ao jornal “El Mundo”.



WORDSONG

Al Berto/Pessoa

Ao vivo no Grande Auditório do CCB

HOJE

Sexta / 21h

Bilhete Único €15 • À venda em: FNAC | Worten
Lojas Viagens ABREU | Bliss | ticketline.pt | www.ccb.pt

1ª PARTE LULA PENA

CONVIDADOS

LULA PENA Voz / TOM CHANT (Cinematic Orchestra) Saxofone

NUNO REBELO Guitarra / VÍTOR RUA Clarinete

TÓ TRIPS (Dead Combo) Guitarra / FLAK (Rádio Macau) Guitarra

GUI (Xutos e Pontapés) Saxofone / RITA SÁ e NUNO FRANCO Vídeo

JOÃO RAMOS MARQUES e PEDRO SILVA Cenografia



+ info: 21 340 73 40 | www.wordsong.net

Gonçalo M. Tavares

só falta “Jerusalém” – o filme

Com 16 livros a serem traduzidos e edições que vão da Índia a Taiwan, o multi-premiado “Jerusalém” já foi ou está a ser editado em várias línguas. *Alexandra Lucas Coelho*

Aos 37 anos, com 23 livros publicados em seis anos, Gonçalo M. Tavares está a terminar o libreto da ópera “Jerusalém”, uma proposta que partiu do compositor Vasco Mendonça, com encenação de Luís Miguel Cintra e réguas previstas para a Culturgest, em começo de 2009.

Antes, no Outono de 2008, deverá estreitar “Jerusalém”, a peça d'O Bando. Dois acontecimentos que reflectem o impacto do mais premiado e editado livro de Gonçalo M. Tavares.

“Jerusalém” – por ordem cronológica, terceiro tomo da tetralogia O Reino, depois de “Um Homem: Klaus Klump” e “A Máquina de Joseph Walser”, e antes do recente “Aprender a Rezar na Era da Técnica” (edições Caminho) – ganhou este ano o Prémio Portugal Telecom de literatura, numa edição que pela primeira vez contemplava os vários países de língua portuguesa, não apenas o Brasil, e tinha candidatos como Saramago, Lobo Antunes, Mia Couto, João Ubaldo Ribeiro ou Rubem Fonseca.

Num momento de expansão internacional da obra de Gonçalo M. Tavares, com 16 livros a serem traduzidos e edições que vão da Índia a Taiwan, passando pela América do Sul, “Jerusalém” já foi ou está a ser editado em várias línguas.

Em 2007, para além do último livro da tetralogia, este autor publicou ainda “Breves Notas Sobre o Medo” (Relógio D'Água) e ganhou o Grande Prémio de Conto da APE por “Água, Cão, Cavalo, Cabeça” (Caminho).



Livros/Figuras

Cormac McCarthy

apareceu

Não costuma aparecer. 2007 foi de glória mediática consentida. *Mário Santos*

O escritor norte-americano Cormac McCarthy (1933-) é ou tem sido uma espécie de “figura pública” por omissão: uma daquelas personagens de que se fala sempre, não por “aparecerem” em todo o lado mas, justamente, por não “aparecerem” onde era talvez suposto que o fizessem. McCarthy, afinal, nunca recusou nem prémios (e recebeu vários) nem bolsas (e obteve várias), viajou, casou mais do que uma vez, tem filhos e amigos, deu duas ou três entrevistas. Mas com apenas isto ganhou fama de intratável e solitário. Precipitação equívoca. O ano de 2007 foi, para ele, de glória mediática consentida: ao perfazer 74 anos, recebe o Prémio Pulitzer e dispõe-se a ser entrevistado (pasmem) por uma vedeta da televisão norte-americana, Oprah Winfrey. Tudo por causa de “A Estrada”, o seu romance mais recente, que consegue ainda ser elogiado pelos críticos e, ao mesmo tempo, ser um “best-seller”, com tiragens superiores a um milhão de exemplares. O ano não termina sem a estreia do filme que os irmãos Coen realizaram a partir do romance anterior de McCarthy, “Este País Não É Para Velhos”. Os dois livros foram publicados em Portugal em 2007, pela Relógio D'Água.

Cormac McCarthy



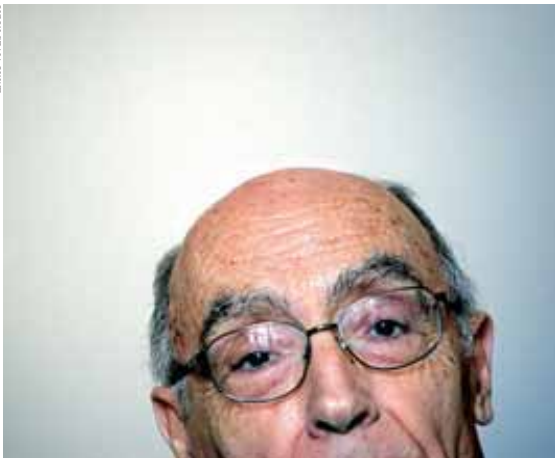
J. K. ROWLING A autora britânica terminou, este ano, a série de Harry Potter com o sétimo livro. Conseguiu que uma história para crianças cativasse adultos e tivesse fãs em todo o mundo, manter o suspense até ao fim, gerou lucros exponenciais e deixou o mundo editorial numa busca incessante de um herói sucessor. **LC.**



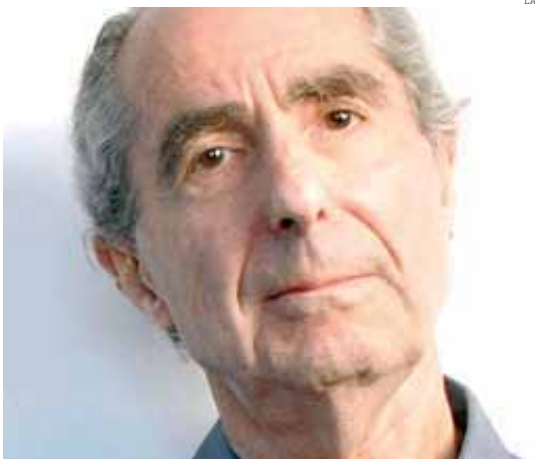
RHONDA BYRNE Com uma mensagem que não faz mais do que reciclar o que foi dito pelos livros de auto-ajuda, a australiana conseguiu revolucionar o mercado mundial do género. Peça, acredite, receba: pode ter o que deseja é a mensagem de “O Segredo”. Em Portugal vendeu 265 mil exemplares em seis meses. **LC.**



AMÉRICO AREAL Vendeu a empresa familiar Asa e investiu na Byblos, que pretende ser a livraria com maior fundo editorial do país (150 mil títulos). Com 3300 m² fica nas Amoreiras, em Lisboa, mas à data da abertura ainda não funcionava em pleno. A ver se com o tempo o seu sonho de novo conceito de livraria se concretiza. **LC.**



JOSÉ SARAMAGO Em 2008 passam dez anos da data em que José Saramago recebeu o Prémio Nobel. O escritor, que já vendeu um milhão de livros nos EUA desde que há 12 anos ali foi publicado, este ano comemorou o seu 85.º aniversário e o brasileiro Fernando Meirelles adaptou ao cinema "Ensaio sobre a Cegueira" (o seu livro preferido dos americanos). A exposição "La Consistencia de los Sueños" dedicada à sua obra inaugurou-se na Fundação César Manrique, em Lanzarote, nas Canárias, com cerca de 500 documentos originais que são a prova de que numa época em que se pensava que Saramago não tinha escrito, entre 1944 e 1953, ele produziu muito. **IC.**



PHILIP ROTH O americano foi durante décadas um "indiscutível discutível", amado e detestado. Mas nos últimos 15 anos tornou-se quase num indiscutível: escreveu alguns dos romances mais poderosos, ganhou os prémios literários americanos e surge nas apostas dos Nobelizáveis. O prolífico Roth (em 2007 saiu "Exit Ghost") é hoje um dos poucos romancistas com reconhecimento mundial. **P.M.**

Prémio 2007 Pessoa



Parabéns
**Irene
Pimentel**

IRENE FLUNSER PIMENTEL



a história da
PIDE



Temas & Debates

Círculo de Leitores

Gatz

2007 foi **melhor** com eles

Espectáculo ímpar que passou um pouco despercebido: os nova-iorquinos Elevator Repair Service com esta adaptação de “The Great Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald. *Rui Pina Coelho*

A verdade é que este espectáculo ímpar passou um pouco despercebido. Talvez estivéssemos todos a guardar forças para as duas semanas de Festival de Almada que se avizinham. Talvez fosse o apelo do Verão acabado de se estreiar. Talvez fossem as sete horas de espectáculo... Seja qual tenha sido a razão, a verdade é que passou um pouco despercebido. Mas é também verdade que 2007 foi um ano melhor porque em Junho se apresentaram os nova-iorquinos Elevator Repair Service com esta adaptação de “The Great Gatsby”, de F. Scott Fitzgerald, na Culturgest. Talvez “adaptação” não seja o melhor termo: tratava-se de uma leitura integral da obra de Fitzgerald, da primeira à última palavra. O ponto de partida era muito simples: um qualquer funcionário chega a um qualquer escritório, decrepito e desarrumado e, à falta de computadores que trabalhem sem problemas, enceta languidamente a leitura de um livro - abre uma gaveta ao acaso e começa a ler “The Great Gatsby” em voz alta. Pouco a pouco os seus colegas vão chegando e, muito subtilmente, vão substituindo as interjeições mudas que utilizam para qualquer tarefa do escritório (assinar documentos, receber corres-

pondência...) para progressivamente passarem a figurar as personagens da obra. E assim vamos escutar toda (!) a obra de Fitzgerald - o funcionário/leitor será, obviamente, Nick, a testemunha participante da trágica vida de Jay Gatsby e de uma América perdida. O que transforma esta exploração dos limites do texto teatral ou da matéria dramática (e que recupera o legendário número do cómico Andy Kaufman) numa fulgurante experiência teatral é também a revisão da história e do lugar de Nova Iorque no mundo que o espectáculo propõe. O facto de o espectáculo ser colocado num escritório desarrumado e meio sujo tem duas consequências imediatas: liberta a imaginação do espectador para a criação de um espaço onírico e sinaliza a moderna Nova Iorque - também ela confusa, desarrumada e decrepita -, sobretudo depois do 11/9. E, neste jogo de mutação entre referentes temporais, conseguimos ver na parada de festas e jantares dos “loucos anos 20” o hedonismo contemporâneo e descobrir em “The Great Gatsby” uma lúcida anatomia do fim do sonho americano e dos anos Bush. E, abreviando julgamentos críticos, não havia ninguém no público que acabadas as sete horas não tivesse o ensejo de voltar ao início e começar nova sessão maratona.

1

Gatz
Pelos Elevator
Repair Service



ARIANA SWART



A Minha Mulher
De José Maria Vieira
Mendes. Encenação de
Solveig Nordlund

O projecto de Solveig Nordlund teve um início e um final feliz, graças a uma série de opções que obtiveram os melhores resultados: o texto encomendado a José Maria Vieira Mendes ganhou um merecido prémio, os actores escolhidos souberam interpretá-lo com extrema lucidez e o inferno familiar retratado teve a tradução adequada na cenografia de Ulisses Cohn. Um trabalho coeso e uma encenação dinâmica, que privilegiou a

3

trivialidade do cómico para acentuar a tragédia grotesca de um país sem memória, a resvalar para a senilidade. R.M.

Mnemopark
Pelo Rimini Protokoll

“Mnemopark”, dos suíços Rimini Protokoll, chegou a Portugal já com reputação internacional e etiquetado como uma experiência de “teatro-documentário”. O espectáculo, que tinha várias aspectos singulares (a reconstituição da Suíça em ponto pequeno; a interpretação por modelistas amadores que contavam as suas próprias experiências; a projecção vídeo do que o comboio que viajava por esta Suíça miniatura ia filmando; a dimensão lúdica da sequência narrativa), evocava uma Europa que já não consegue existir: a da Alemanha dividida, a dos campos cultivados e a dos anos de prosperidade; e

4

constatava-se que essa já não é a Europa da União Europeia, dos campos de golfe e das crises sucessivas. Nas suas memórias idealizavam uma Europa simétrica e perfeita - para sempre perdida. Um espectáculo potentíssimo! R.P.C.



CHRISTOPHE BATAUD DE AGUI

O Resto do Mundo
Pelas Visões Úteis

É apenas uma viagem de táxi para três pessoas e seria injusto compará-la com os outros espectáculos, mas pelo menos este faz algum sentido. Embora pareça ficção, o táxi é a sério, a cintura externa do Porto



existe e o dia escurece durante o percurso. As consequências são reais no que a ficção pode ter de real. A imaginação e a memória do espectador mudam. Depois da “performance”, nada continua na mesma. As palavras de Joseph Conrad e a arte da companhia iluminam agora “o Porto para lá da circunvalação”. J.L.F.

5

Júlio César
Pelo Teatro da Cornucópia, no São
Luiz

Foi um espectáculo de uma inteligência dramática e de um desassombro ímpares (mesmo para os padrões habitualmente elevados da Cornucópia). Na primeira vez que, em Portugal, se apresentou “Julius Caesar”, de William Shakespeare, este espectáculo ecoou as convulsões pós-25 de Abril, a guerra no Iraque e, metaforicamente, todas as guerras e todas as revoluções. Radicando a sua leitura na intemporalidade e na universalidade do texto de Shakespeare, fazia



6

JOANA BOURGARD



Excepcional

“Contos em Viagem”

Fernando Mota extraiu sonoridades imprevistas dos instrumentos, Carla Galvão deu expressão ao cenário sonoro num jogo físico vibrante. *Rita Martins*

Sob a direcção atenta de Miguel Seabra e partindo de uma dramaturgia exemplar de Natália Luiza, a actriz Carla Galvão e o músico Fernando Mota criaram um espectáculo excepcional. Os objectos de uso doméstico que se espalhavam pelo espaço cénico eram os instrumentos musicais de Fernando Mota, que deles extraiu sonoridades imprevistas para criar emoções e atmosferas. Carla

Galvão deu expressão ao cenário sonoro num jogo físico vibrante. As histórias e poemas dos autores cabo-verdianos foram ditos, cantados, dançados e interpretados por uma actriz que associa uma intuição criativa extraordinária ao controlo rigoroso do corpo, à precisão do gesto e à fluidez do movimento. Num estado quase hipnótico, o espectador percorreu narrativas, descobriu personagens, visitou lugares distantes que se tornam próximos no contacto com as palavras vivas que ainda guardam a memória das gentes das ilhas.

Contos em Viagem / Cabo Verde
Pelo Teatro Meridional



PATRICIA VOZAO

simultaneamente uma corajosa interpretação da nossa história recente, denunciando a tirania e a estupidez da guerra. R.P.C.

Turismo Infinito

Encenação de Ricardo Pais

Um teatro dentro da cabeça de Fernando Pessoa, onde ressoa a constelação de poemas e heterónimos, ao ponto de começar a ressoar na nossa cabeça. O espectáculo, que vai entrar em digressão, assenta no poder das palavras e em pequenos artifícios teatrais, de absoluta potência cénica. Pessoa é um dos nossos heróis literários e é essa imagem do artista que é tudo, metáfora da cidadania, espelho das crises



DANIEL PINHEIRO

e contradições do século XX, que é fixada e redobrada neste espectáculo. J.L.F.

Libração

As Boas Raparigas

Uma dramaturgia minimal sobre o medo e o desejo do outro, que assenta como uma luva na geração que teria 30 anos no ano 2000 e que, com a passagem dos anos, parece destinada a procurar a fé e a esperança em visitas nocturnas a parques infantis. Nada a fazer? Solitárias, as mulheres desta peça esperaram tanto por algum ser imaginário que as salvasse que deixaram de saber reconhecer as pessoas e as coisas reais. J.L.F.

O Construtor Solness

Encenação de Carlos Aladro

Carlos Aladro dirigiu com cuidado um colectivo generoso, que se entregou à difícil tarefa de deslindar a complexa peça



de Ibsen e descobrir a sua universalidade. Beatriz Batarda e Luís Miguel Cintra destacaram-se pela forte cumplicidade e pela inteligência na abordagem de um texto obscuro, tornando inteligíveis as ambiguidades da relação Solness/Hilde e mantendo viva a perplexidade que o texto provoca. Sintomático do bom teatro, o espectáculo suscitou o prazer e a reflexão – sobre a contingência da acção humana, as suas imprevisíveis consequências e a incapacidade de, no limite, sermos incapazes de controlar as nossas vidas. R.M.

Hamelin

Pelos Artistas Unidos

“Hamelin”, de Juan Mayorga, inspirava-se no processo da Casa Pia e num outro caso com feições semelhantes ocorrido em Sevilha. De grande dinamismo e inteligência, foi um espectáculo audaz e, teatralmente, extremamente desafiador – mas o mais perturbante foi a maneira como o tema da pedofilia foi tratado: sem clichés e sem a busca do “monstro perfeito”. R.P.C.



ESCOLHAS DE JORGE LOUBAÇO FIGUEIRA, RITA MARTINS E RUI PINA COELHO

William Shakespeare vezes vinte

QUANDO SE OLHAR PARA A HISTÓRIA DAS ENCENAÇÕES DE SHAKESPEARE EM PORTUGAL, 2007 SERÁ PARA SEMPRE UM ANO ESPECIAL. **RUI PINA COELHO**

Uma marca óbvia deste ano teatral foi a atenção dada à matéria teatral shakespeariana, quer através de adaptações ou de revisitações, quer em montagens mais canónicas ou outras mais livres, por estruturas de pequena dimensão ou em grandes produções. Ainda que por motivos de comemorações ou celebrações tenha sido dada também atenção a Carlo Goldoni e a Henrik Ibsen, estes dois autores juntos não superaram os 21 espectáculos

destaque mais notório é para a excelência da "Tragédia de Júlio César", do Teatro da Cornucópia. Um espectáculo magnífico na recriação da palavra shakespeariana em confronto doloroso com a nossa história mais recente. Mas poderíamos também sublinhar a humildade e generosidade (e talento!) de Diogo Infante no seu "Hamlet", articulando os seus vastos recursos expressivos com um trabalho eminentemente colectivo. Mais fracturante terá sido o "Ricardo II", de Nuno Cardoso: implantado num campo de futebol, com os actores em calções e camisolas, convocava os tiques nacionais e a criação icónica da ideia de nação. Dramaturgicamente provocador e um espectáculo incontornável para pensar o percurso de Shakespeare em Portugal. Mas tivemos também o "Macbeth", de Bruno Bravo, protagonizado por João Lagarto: um espectáculo desequilibrado e que não soube harmonizar as diferentes ideias de teatro que continha. E houve também tempo para a fluência e leveza da encenação de Demarcy-Mota de "Tanto Amor



contabilizados na CETbase (base de dados para a história do teatro em Portugal do Centro de Estudos de Teatro da Faculdade de Letras de Lisboa), onde se incluem espectáculos apresentados a partir de textos de William Shakespeare ou outras encenações onde a relação entre o texto e o espectáculo não é tão directa. O

Desperdiçado", no Teatro D. Maria. Como nota negativa somente o incompreensível e disparatado "Hamlet" de André Gago. Enfim, por tudo isto, quando se olhar para a história das encenações de Shakespeare em Portugal, 2007 será para sempre um ano a olhar com especial atenção (e com alguma nostalgia...).

Teatro/Tendências



O ano da dramaturgia de Peixoto e Vieira Mendes

NOS TEATROS NACIONAIS E MUNICIPAIS, DOIS JOVENS AUTORES FORAM ESPECIALMENTE REQUISITADOS: JOSÉ LUÍS PEIXOTO E JOSÉ MARIA VIEIRA MENDES. **RITA MARTINS**

Olhando o panorama teatral de 2007, é de salientar a saudável disposição, por parte das instituições, para estimular e desenvolver a dramaturgia portuguesa contemporânea. Nos teatros nacionais e municipais, dois jovens autores foram especialmente requisitados: José Luís Peixoto e José Maria Vieira Mendes.

E este foi um ano "dramático" para o poeta e romancista José Luís Peixoto. "Anathema", peça escrita para a companhia belga STAN, integrou a programação do Festival de Almada; depois de "À Manhã", o autor voltou a responder ao convite de Jorge Salavisa e criou, em colaboração com um excelente elenco, o espectáculo "Quando o Inverno Chegar", também apresentado no Teatro Municipal S. Luiz; "Pum, o Tiro", esteve no Urgências 2007 e o seu romance "Cemitério de Pianos" inspirou as visões de Luís Castro - uma viagem subjectiva ao universo ficcional do livro. Não há dúvida - o teatro "chama" por José Luís Peixoto. O autor retribui com humildade, deixando contagiar-se pela experiência dos actores e com eles

aprendendo a caminhar num território que lhe é, à partida, pouco familiar. Talvez por serem encomendas, que implicam o cumprimento de prazos, e também devido às diferentes concepções estéticas exigidas para cada espectáculo, a escrita para teatro de Peixoto é, por enquanto, hesitante e exhibe algumas fragilidades que se manifestam na previsibilidade das personagens e de algumas situações ou ainda na tendência para descrever e integrar nos diálogos o que poderia ser apenas sugerido. No entanto, os enredos e as paisagens ficcionais são interessantes e prometedores, como se viu em "Quando o Inverno Chegar".

Por sua vez, José Maria Vieira Mendes publicou "Onde Vamos Morar" e "A Minha Mulher" (vencedora do Prémio Luso-Brasileiro de Dramaturgia António José da Silva), tendo a última tido estreia no Teatro Nacional D. Maria II; para o grupo Teatro Praga escreveu "O Avarento" e a peça foi levada à cena no Teatro Nacional S. João. O dramaturgo, que começa a escrever no teatro e para o teatro com os Artistas Unidos, em 1998, revela uma notável maturidade e domínio da linguagem teatral, concebendo a cena como um espaço sensível, capaz de ser transfigurado pela palavra e pelo corpo dos actores. O jogo entre a expressão e a contenção, entre a palavra e o silêncio, guarda zonas vazias, passíveis de serem exploradas pelos intérpretes, cria ritmos e respirações. Numa escrita fragmentada, Vieira Mendes propõe um teatro interventivo e reflexivo, que questiona o lugar de uma geração à deriva.

No final deste ano de 2007, o balanço é francamente positivo e, acreditando que esta não seja apenas uma moda passageira, espera-se que a maré de incentivos faça parte de uma política continuada e consequente, que pode fortalecer e diversificar a nova dramaturgia - a existente e a futura.



"O Avarento" esteve em cena no Teatro Nacional São João



PEDRO VALDEZ

O Teatro da Palmilha Dentada irá estreiar "Bucket" em Janeiro

A via das micro-companhias

NO PORTO, ANDÁMOS OS ÚLTIMOS DOIS ANOS A CONTAR AS MICROESTRUTURAS DE PRODUÇÃO TEATRAL PELOS DEDOS DE UMA MÃO. EM 2007 PERCEBEMOS QUE ELAS JÁ SÃO MAIS DO QUE AS MÃES.

INÊS NADAIS

É possível que um dia venham a dar muito que falar - e também é possível que não venham a dar em nada. No Porto, andámos os últimos dois anos a contar as microestruturas de produção teatral pelos dedos de uma mão até percebermos, em 2007, que elas já são mais do que as mães: Teatro da Palmilha Dentada, Mau Artista, Estufa, Primeiro Andar, Teatro do Frio, Teatro Meia Volta e Depois à Esquerda Quando Eu Disser, Radar 360, Erva Daninha, Tenda de Saias, e é altamente provável que isto não seja tudo. Sintoma da profunda desagregação do tecido teatral da cidade no pós-Porto 2001 - com a extinção do apoio camarário às companhias da cidade e o progressivo apagamento do Rivoli Teatro Municipal, agora entregue

oficiosamente a La Féria - e da crise de financiamento de 2005, a proliferação destas pequenas estruturas alternativas de produção parece corresponder à emergência de uma quarta geração do teatro no Porto. É cedo para perceber o significado desta nova vaga, mas o caminho percorrido permite assinalar os mínimos denominadores comuns: estamos a falar de companhias mínimas que funcionam à margem dos circuitos institucionais da produção e do financiamento sustentado (ou funcionavam: na primeira semana de 2008, cinco destas nove vão estar num festival organizado pelo Teatro Nacional S. João, o que não podia ser mais institucional), numa lógica de auto-emprego (prolongando, por vezes, as experiências dos projectos de fim de curso da Escola Superior de Música e de Artes do Espectáculo do Porto) e de faça-você-mesmo que não recusa, por exemplo, a terceira via do café-concerto (mas que também a sabe usar como trampolim para outro tipo de teatro, como se viu este ano com o primeiro Shakespeare dos Mau Artista, "R. III"). A ESMAE (através da cedência do Teatro Helena Sá e Costa e da Fábrica, onde várias destas companhias estão instaladas) e a Tertúlia Castelense têm sido os "pivots" deste movimento. Mas 2008 é o ano em que as microcompanhias começam, salvaguardadas as devidas distâncias, a chegar à Broadway...

Música ao quadrado

Promoção de Natal Fnac:
um MP3 SAMSUNG YP-S5 de 2GB,
4GB ou 8 GB com oferta de
5 CD's à escolha

fnackianos.
têm algo mais

fnac

www.fnac.pt

Ativando para a troca por CD's no maior sistema de comércio de 40,31 de 22/11/2007 até 31/12/2007 e mediante apresentação do ticket de compra comprovativo da compra do produto que deu lugar à emissão do presente voucher. Não confunda com o sistema de troca de produtos em dinheiro. Não confundir com outras promoções. Em caso de revogação do produto que deu lugar à emissão do presente voucher, o voucher devolvido ao "Bom dia Fnac", ou o valor do offer será devolvido ao valor a devolver ao cliente. Informar de que condições aplicáveis e até ao prazo de validade do voucher.

Peixoto e Vieira Mendes

para o ano há mais

José Maria Vieira Mendes viu uma peça sua consagrada com o Prémio António José da Silva. José Luís Peixoto estreou três peças. Foram os nomes da dramaturgia portuguesa contemporânea mais falados este ano. *Maria José Oliveira*

José Maria Vieira Mendes, de 31 anos, viu o seu trabalho, iniciado em 1998, consagrado com o Prémio António José da Silva para autores luso-brasileiros por "A Minha Mulher" e estreou três peças (esta, "O Aparento" e "Domingo").

José Luís Peixoto, de 33 anos, romancista e poeta, viu a sua incursão na literatura dramática traduzir-se em quatro estreias ("Anathema", "Quando o Inverno Chegar", "Visões Sobre Cemitérios de Pianos" e "Pum, o Tiro") e uma reposição ("À Manhã").

O Ípsilon proporcionou um encontro entre os dois autores (conheceram-se pessoalmente em... Budapeste, há dois anos) no Espaço Karnart, em Lisboa. A sala, que actualmente acolhe uma peça de Peixoto ("Visões Sobre Cemitérios de Pianos"), foi uma escolha com mensagem: no final deste ano, o espaço vai fechar as suas portas. A associação "merece ter um lugar" adequado àquele que já possui no "panorama cénico" nacional, defende o autor de "Cal". Vieira Mendes acrescenta que a falta de espaços próprios é um problema "assustador", sobretudo em Lisboa e no Porto, onde os grupos se confrontam com a ausência de salas

Ao longo de 2007, não viram todas as peças um do outro. Mas os seus percursos cruzaram-se no programa "Urgências"

para fazer circular as suas criações.

Ao longo de 2007, não viram todas as peças um do outro. Mas os seus percursos cruzaram-se no programa "Urgências", no Teatro Maria Matos, para o qual Vieira Mendes e Peixoto escreveram as peças curtas "Domingo" e "Pum, o Tiro".

O que é que lhes interessa no teatro? Sabemos de antemão que as respostas são diferentes. Até porque, no caso de Peixoto, a dramaturgia sur-

tiu-lhe inesperadamente, através de encomendas que ele aceitou. Ele sempre leu teatro e é um espectador assíduo de espectáculos, mas os convites para se aventurar no texto dramático deram-lhe uma nova relação com a escrita. "Para os outros géneros tive sempre um período de experimentação pessoal. No caso do teatro escrevi para ser logo encenado. Isso fez com que experimentasse uma relação diferente com a escrita", diz. "Interessa-me criar textos que possibilitem um grande número de leituras", afirma, em resposta à pergunta feita a ambos.

São as "recompensas" que o teatro devolve que lhe permitem fazer comparações com o "feedback" da sua obra romanesca e poética: aponta o contacto com o público, os actores, os encenadores, os cenógrafos, o figurinistas. "O resultado é muito humano. No teatro há pessoas que tomam as palavras e que as vivem".

O teatro já entrou nele, reconhece Peixoto. E, apesar de o epíteto dramaturgo já surgir na sua apresentação, o autor ressalva que ainda não se identifica como tal. "Não me considero um dramaturgo". Neste momento, o que ele quer mesmo é "aprender". "Ainda não escrevi a



peça sobre a qual eu possa dizer 'nasci para escrevê-la'", justifica.

Vieira Mendes, que possui um currículo composto por obras dramáticas e traduções de teatro, tem uma resposta um tanto ou quanto diferente. Porque aquilo que mais o fascina é o diálogo entre "duas artes que usam materiais diferentes": a literatura e o teatro enquanto território marcado pelo "corpo, espaço e

tempo". O autor de "T1" serve-se de uma frase de Heiner Müller ("a literatura deve oferecer resistência ao teatro") para melhor explicar os seus desígnios. "A literatura deve desafiar as formas do teatro. Quero escrever peças que procurem oferecer coisas novas", frisa, apontando ainda que lhe interessa "minar" o teatro. 2008 vai ser o ano da sua internacionalização - estreias na Alemanha, Suécia,



Jorge Salavisa

Teatros

quando entram na cidade

O Maria Matos e o São Luiz entraram na cidade. A provar que os espaços municipais fazem falta. *Joana Gorjão Henriques*

No ano pós-Rivoli - leia-se, depois de Rui Rio ter lavado as mãos da programação cultural no Porto e ter entregue o Teatro Municipal Rivoli a Filipe La Féria -, dois teatros lisboetas solidificaram a sua relação com Lisboa, provando que, mesmo numa cidade com a sua própria dinâmica cultural, os espaços municipais fazem falta - e fazem sobretudo sentido quando ganham o seu espaço, não se sobrepondo à programação de ninguém.

Reinaugurado há mais de um ano, o Teatro Maria Matos, no centro de

uma Avenida de Roma que se deita cedo, já faz parte da cidade. Diogo Infante, de 40 anos, director, diz que sim, que se sente "naturalmente muito feliz com os resultados não apenas numéricos" - espera chegar aos 50 mil espectadores no final do ano -, mas por "nos termos conseguido impor na cidade". O teatro criou uma identidade "visível e reconhecível" e desta identidade faz parte "uma ideia de um espaço vivo, jovem, contemporâneo, fresco". Diogo Infante, que também participa em produções do teatro que

dirige (está em cena com a reposição de "Dúvida", ao lado de Eunice Muñoz) reconhece que "há uma colagem" do teatro à sua "pessoa", e que isso foi "assumido": "Tentei que fosse uma mais-valia. Tenho todo o prazer que haja uma identificação, embora ambicione para o Maria Matos uma autonomia" - que não será para já.

Virado para uma programação onde tem sido dominante a dramaturgia anglo-saxónica (não é propositado, acontece que esta dramaturgia reflecte temáticas actuais e é de hoje que ele



BRUNO VIVES RUBIO

Teatro/Figuras



BUT GAUDENCIO



Espanha e Escócia, continuação da residência artística em França, mais estreias em Portugal, uma encomenda para as comemorações dos 400 anos do nascimento do Padre António Vieira...

Sobre propostas futuras, Peixoto fala unicamente em duas - um texto para teatro de rua e uma ópera para crianças, baseada em Orfeu e Eurídice -, preferindo não adiantar mais

nada sobre os novos "desafios" que já lhe lançaram.

Ambos reconhecem ser optimistas quanto à nova dramaturgia portuguesa e ao aparecimento de novos autores. Mas partilham o lamento sobre o facto de a crítica teatral olhar unicamente para as peças que sobem aos palcos lisboetas. "Temos de vir sempre a Lisboa mostrar as peças?", pergunta Vieira Mendes.

quer falar), o Maria Matos veio ainda ocupar um espaço vazio na programação teatral. "Acredito que é possível um teatro comercial de qualidade, com uma temática fácil mas não facilitado, um teatro político, que nos devolve questões", diz o director. A aposta ainda não está ganha - "estou feliz, mas não satisfeito" -, houve "altos e baixos", houve momentos em que se questionou se "devia ou não ter tido mais cuidado" e há projectos que geraram um "movimento de curiosos" e se tornaram das "coisas com mais sucesso": as terças-feiras no café com os cantores improváveis e as bandas emergentes.

É também a aposta em jovens uma das marcas que Jorge Salavisa tem imprimido gradualmente no São Luiz. Cinco anos depois de reaberto, o teatro impõe-se como um projecto que aposta em criadores a quem o seu director, de 68 anos, lança propostas (como a estreia no teatro do realizador Marco Martins com um texto do romancista José Luís Peixoto, "Quando o Inverno chegar", de quem já tinha produzido "À Manhã", pelo Teatro Meridional). E onde num dia se pode ver uma tragédia shakespeariana pela Cornucópia, no outro o fadista Camané a experimentar ser

cantor de outras paragens e no anterior o humorista Bruno Nogueira a estreiar-se num espectáculo a solo. É este contraste, a que se juntam ainda programas com artistas acabados de sair da escola, que Salavisa quer que se mantenha - e experimente-se ir ao São Luiz a diversas horas do dia para ver como o público muda.

Salavisa não discorda da ideia de que o São Luiz chega a uma maturidade (66 mil espectadores na anterior temporada). O sucesso de um teatro municipal depende disto: ser "aberto à cidade, generoso, ter uma diversidade enorme dentro do bom gosto e da qualidade - ir da danceteria a um texto como 'Júlio César' -, ser um espaço vivo, de prazer, de descoberta".

Para o ano, podemos todos descobrir aqui outra Lisboa e outros lisboetas: a Lisboa de África, dos países de Leste e do Brasil. Jorge Salavisa propôs ao Teatro Meridional trabalhar sobre África, ao Teatro Praga com os países de Leste e ao Bando com o Brasil. E o B.Leza vai mudar-se para o São Luiz durante seis dias. Quem disse que um teatro municipal pertence apenas a uma cidade?



Diogo Infante

PEDRO VALDEZ

ACTORES SECUNDÁRIOS Actores secundários com desempenhos notáveis: Gonçalo Waddington, Nuno Lopes, João Pedro Vaz e Pedro Gil. São quatro actores num estado de maturação interessantíssimo. Já todos tiveram momentos de excelência e todos vão construindo carreiras multifacetadas: no cinema, na televisão, na encenação... Em 2007, no teatro, não assumiram protagonismo, mas tiveram interpretações de antologia: Waddington no seu "dandy" tuberculoso em "Quando o Inverno chegar" (encenação de Marco Martins) - aterrorador; Nuno Lopes num Marco António, apolíneo e sedutor em "A Tragédia de Júlio César" (encenação de Luís Miguel Cintra); João Pedro Vaz como João de Gande, em "Ricardo II" (encenação de Nuno Cardoso) pelo prazer de ouvir um grande actor dizer um grande texto; e Pedro Gil no "Foder e ir às compras" (encenação de Gonçalo Amorim), dominando em absoluto a tessitura da personagem. Fica a certeza de que para o ano há mais. **R.P.C.**



FRANCISCO FRAZÃO Há anos mais felizes do que outros. E a programação para teatro da Culturgest deste ano deu-nos muitas horas de felicidade. Ainda que não andem por ali os grandes "blockbusters" dos circuitos internacionais, o que chega vem invariavelmente com selo de qualidade. Foi o ano dos absolutamente magníficos "Gatz" e "Mnemopark", mas foi também o ano de mais uma edição dos PANOS, das comemorações do aniversário da Sra. Domicília, Antonio Latella, Stan. Venham mais assim. **R.P.C.**

O regresso

de Madalena Victorino

A coreógrafa regressa a um projecto de grande visibilidade e em nome próprio, depois de anos dedicados ao Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém. *Tiago Bartolomeu Costa*

"Caruma" marcou o regresso de Madalena Victorino a um projecto de grande visibilidade e em nome próprio, depois de vários anos dedicados meritoriamente ao Centro de Pedagogia e Animação do Centro Cultural de Belém. Foi um dos vários projectos que assinou este ano, mas o mais completo e de maior alcance, inclusive de circulação nacional. Da sua relação próxima com o outro, aquele que permanentemente observa o espectáculo em busca de resposta que o faça compreender, ou organizar o mundo, a coreógrafa soube retirar o prazer da descoberta e o fascínio da partilha. Foram esses dois elementos, fundadores de um olhar sobre o mundo - naquilo que na arte se pode entender como intervenção -, que deram a "Caruma" a tradução certa e justa sob a forma de um espectáculo-poema que cruzava memórias reais com ficção, espaços ficcionados com outros só vividos em sonhos, corpos expectantes e outros experimentados, frases a dizerem coisa nenhuma e palavras insuficientes. No seu percurso, longo e marginal, Madalena Victorino

Na verdade, e mais do que uma coreografia, "Caruma" era um estado de alma que se respira fundo

soube sempre urdir teias que nos fizessem acreditar nas potencialidades de um palco feito do chão que pisamos quotidianamente. Casas abandonadas, antigas fábricas ou quintas foram palco para a sua dança humanista, mais do que comunitária. Com "Caruma" invertiu a cena e a perspectiva, e reinventou os espaços exteriores na crueza dos palcos cénicos, trazendo para o centro, pleno dessa caruma seca, os corpos que, normalmente, ficariam sentados a ver pretensas representações de si. Seguindo uma dramaturgia que abria várias portas, tantas quantos os participantes (incluindo aqui os espectadores, mesmo os desconfiados, sentados em roda), "Caruma" unia as várias pequenas histórias, as micro-narrativas que constroem a vida, fazendo no palco uma coreografia de saberes e sentidos que se prolongam muito para lá do tempo do espectáculo. Na verdade, e mais do que uma coreografia, "Caruma" era um estado de alma que se respira fundo. E onde até o imaginado cheiro das pinhas a arder na fogueira se converte em movimento.

Caruma
De Madalena Victorino
Companhia Instável,
Culturgest



1



Return to Sender - Letters from Tentland

De Helena Waldmann
Fundação Gulbenkian

Nesta peça feita com iranianas que vivem na Alemanha, o corpo vestido com uma tenda era a figura central e a manipulação do objecto, aliada a textos escritos e falados, explorou toda a sua versatilidade na produção de movimento, imagens e metáforas. A obra de Helena Waldmann é inequívoca e ácida na forma como denuncia, com amargura e humor, uma condição de inferioridade da mulher e dos imigrantes, e reivindica a mudança urgente da posição que estes ocupam no mundo. PV.

Tritone
De Sílvia Real
Culturgest

A senhora Domicília foi de férias e o mundo desta exemplar e dedicada mulher expandiu-se. Mas nem por isso Sílvia Real deixou a coerência da trilogia esbater. O quarto de hotel (antes foi a casa e o local de trabalho)

...e se transformava um dantesco quebracabeças deu-lhe a margem crítica para explorar uma relação entre cenografia, dramaturgia e corpo, através de um iter-ego que não é mais que um ente ensitivo. "Tritone" na sua rectidão, o apurar de uma ideia simples e de um discurso raro. TBC.



Plasticization +

They look at me and that's all they think
De Nelisiwe Xaba
O Estado do Mundo/CAM

Os dois solos foram um murro no estômago, como já não esperávamos neste desassossegado mundo pretensamente multicultural. Porque surgiam de surpresa, desmontando conceitos vagos como "o outro" e combinando elementos que não teriam importância não fosse ganharem uma dimensão de denúncia a qual não escapamos. A sul-africana Nelisiwe Xaba expôs as consequências das nossas acções do passado libertando-se do olhar "do estrangeiro". TBC.



Moon Water
De Lin Hwai-min,
Cloud Gate Dance
TheaterTaiwan
Olga Cadaval

Existe algo de visionário nesta assombrosa obra de difícil categorização, que formula, imersa em tons negro e prata e ao som de Bach, uma simbiose brilhante de conceitos e técnicas teatrais do ocidente e do oriente. A filosofia taiosta e as técnicas corporais de uma Ásia ancestral associaram-se à conquista formalista do corpo e do espaço cénico da dança teatral ocidental. Um testemunho subtil e surpreendente sobre a contemporaneidade no outro lado do globo, e acerca da simetria dos processos de apropriação cultural. LR.

Petit Psaume du Matin
De Josef Nadj e Dominique Mercy.
CCB

Um bellissimo exercício de cumplicidade, admirável trabalho sobre o afecto entre dois homens que, em desassomburada fruição da maturidade, partilham memórias, o fascínio por viagens, e a sua própria cultura performativa. Uma peça onde circularam com desenvoltura as linguagens do teatro físico, da mímica e da pura dança, e onde esteve presente uma nota "chaplinesca". Mas foi ainda uma ode aos corpos experientes e artisticamente cultos. LR.





SUSANA RIVERO



2008 Vallée

De Mathilde Monnier e Philippe Katerine, Teatro Camões

Philippe Katerine convidou Mathilde Monnier para coreografar e co-dirigir um espectáculo para o seu álbum "Robots après tout". A coreógrafa respondeu com uma encenação muito própria mas bastante proporcionada que seguiu uma estrutura fragmentada de faixas e enfatizou de forma imprevisível o universo caracterizado pelo disco: as rotinas quotidianas e a vida pública na

2

sociedade parisiense, com a consequente experiência íntima do indivíduo, ora no aconchego do bairro, ora na grande concentração de anónimos de uma capital. Surgiam aqui críticas perspicazes que elogiavam a liberdade de expressão, evocavam a democratização do poder e ridicularizavam os regimes opressivos. A música fez referência a diversos estilos e épocas, sublinhando uma atitude rebelde e irónica. A dança foi trabalhada posteriormente, de forma muito clara e simples, sem preconceitos ou receios de a popularizar e tornar acessível a um público mais alargado. "2008 vallée" era entretenimento sofisticado que se desfrutava com imenso prazer. O humor era como uma patine kitch, que desconcerta a formalidade dos elementos visuais e coreográficos e a complexidade dos significados. Cómico, perspicaz, desinibido e afável, são adjectivos adequados a este encontro refrescante, entre a música pop electrónica e a dança contemporânea, que retrata a cultura francesa. Paula Varanda

Dança/Figuras

A casa da dança

Em 2007 a CNB celebrou três décadas de existência. Foi o ano em que Ana Pereira Caldas e Mark Deputter cessaram funções. *Luísa Roubaud*

O convite lançado por Ana Caldas a Mark Deputter (director do Festival Alcantara e prémio Almada em 2004) para programar o Teatro Camões a partir de 2006 prognosticava uma nova estratégia e expressava uma ideia, fundamental no momento que a dança portuguesa atravessa: a de que a necessidade de manter viva a tradição romântico-clássica, matriz patrimonial da dança teatral ocidental, é uma responsabilidade social, cultural e histórica, que não antagoniza o espaço da criação e pensamento contemporâneos, nem o da intervenção comunitária. São dimensões que se potenciam reciprocamente.

A única companhia de dança do Estado traria a si o desígnio de abranger um espaço transversal aos diversos segmentos do público e da criação. Apostando na versatilidade da programação e dos intérpretes, a par das obras clássicas, a CNB apresentou autores contemporâneos de diferentes tendências e nacionalidades. Simultaneamente, a programação do TC alargou-se a outras vertentes: produziu obras de autores como Pina Bausch ou Rui Horta; promoveu ciclos temáticos, que trouxeram coreógrafos nacionais e estrangeiros e apelaram à participação da comunidade não profissional; estabeleceu parcerias com festivais e outros espaços culturais da cidade; investiu na criação para a infância. Estas novas sinergias reflectir-se-iam ainda no nível técnico-artístico da própria CNB: a sua credibilidade encontrava finalmente uma via de afirmação. Em estado embrionário ficariam o Serviço Educativo e os Estúdios Coreográficos (espaço de programação aberto a primeiras experiências de criação).

A afluência ao TC cresceu exponencialmente e foi notório o cruzamento entre sectores do público e da criação habitualmente dissociados. O espaço artístico esvaziado com a extinção do Ballet Gulbenkian estava de algum modo a ser acolhido e reenquadrado segundo premissas actualizadas e numa perspectiva de serviço público.

Ana Caldas e Deputter desenharam um programa ambicioso cujos frutos resultaram do seu empenho e visão estratégica. Um projecto a que só a continuidade pode trazer coerência. Em 2007 a CNB celebrou três décadas de existência. Foi o ano em que ambos cessaram funções. É justo render-lhes destaque.

Paraíso

De Olga Roriz, Companhia Olga Roriz/TNSCarlos Festival de Música de Leiria

8

Não há dramaturgia, há momentos. Não há mensagem, há letras de canções que falam por si. Não há personagens, há corpos que esboçam códigos e se esfumam num cenário vazio e aparentemente abandonado. E há o amadurecimento de uma ideia, liberta de qualquer revisitação pós-moderna. "Paraíso" é Olga Roriz a fazer o que sabe melhor: a construção de um imaginário o que vive da sua imensa teatralidade, revelando a complexidade das relações humanas. E as mulheres, na linha da frente, como sobreviventes. T.B.C.



Bullit

De Arco Renz, Companhia Kobalt Works Teatro Camões

Como pode um angustiante jogo de privação da visibilidade, e a frieza binária de um ambiente high-tech produzir tal envolvimento? Como pode um som electrónico estridente (o colectivo português Drumming) acompanhar a velocidade aguda dos movimentos, e daí irradiar uma impressão de serenidade e contenção? Com base numa dramaturgia abstracta, e a subtil incorporação de técnicas orientais, a peça operou, de modo rigoroso e original, a partir de paradoxos perceptivos. Vislumbrou-se

9

uma fábula, perspicaz e inquietante, sobre um mundo em permanente aceleração. L.R.

Masculine

De Paulo Ribeiro, Teatro Municipal Maria Matos

Uma estrutura coreográfica para o grande público, simplificada mas exigente em precisão e energia, que suportava uma sátira sobre estereótipos comportamentais muito familiares à sociedade portuguesa, invulgarmente comentados através da dança contemporânea. Paulo Ribeiro deu um espaço generoso e bem merecido aos já afamados intérpretes Miguel Borges, Peter Michael Dietz, Romulus Neagu e Romeu Runa, cujas qualidades expressivas, físicas e comunicativas podemos conhecer ou rever, e apreciar. P.V.



10

ESCOLHAS DE LUÍSA ROUBAUD, PAULA VARANDA E TIAGO BARTOLONI COSTA



PIERO CUNHA



"Paraíso", de Olga Roriz, à esquerda. À direita, o espectáculo "Quiet Please"

Para lá da dança no feminino

INDEPENDENTEMENTE DOS NÚMEROS, É MESMO NA ACUIDADE DAS PROPOSTAS DELAS QUE PODEMOS ENCONTRAR O ESTADO DO MUNDO. **TIAGO BARTOLOMEU COSTA**

Oitenta por cento dos espectáculos de dança apresentados em Portugal este ano foram, segundo as nossas contas, assinados por mulheres. Seria normal, a dança sempre foi uma disciplina dominada pelo sexo feminino. Até na programação temos vindo a assistir, em Portugal, e ao contrário da maior parte dos países europeus, à paridade. Contas feitas por alto dão mesmo um empate. Mas independentemente dos números, é mesmo na acuidade das suas propostas que podemos encontrar, o estado do mundo. Exemplos do melhor que por cá se mostrou, a nível internacional: "2008 Vallée", de Mathilde Monnier, que na sua irrisão disciplinar transforma a cena num campo de batalha palavroso e degenerativo; "Return to Sender", de Helena Waldmann, forçando-nos a olhar o outro como semelhante; "It's not funny!", de Meg Stuart, rasgando as moralidades e expondo a decadência da sociedade contemporânea; os solos de Nelisiwe Xaba a revelarem a

inconsistência do equilíbrio multicultural; o mundo relevado por Cuqui Jerez, em "Space Odyssey" (2001), como grande pantomima tragicómica; ou como grande palco de confronto ético e étnico em "Quiet Please!", de Nina Rajanari. E no plano nacional: o ciclo que o Teatro Nacional S. João dedicou a Né Barros, as peças de Olga Roriz, Madalena Victorino e Sílvia Real. Quase todas elas dando conta de uma vitalidade que vai para lá da diferenciação de género, da quotização programática, da ideia da dança ser mais ou menos feminina. Dão conta, precisamente, de um olhar outro sobre o mundo, provavelmente menos militante, porque mais nos interstícios da realidade. Indo fundo pela argumentação sólida sem necessidade de enfrentar. Somente expondo. É certo que se poderá dizer que o que aqui se aplica, serviria bem para outros nomes e outros anos. Provavelmente. Mas não será somente uma coincidência nem uma tentativa de provar o improvável. 2007 foi, de facto, um ano no feminino, porque foi nos espectáculos "delas" que vimos aquilo em que nos tornámos: vis, pequenos, burgueses, ineficazes, impotentes, levianos, ridículos na nossa segurança ocidental, incapazes de ver sem julgar, de ser sem impor, de querer sem roubar. Tristes, humanamente tristes. E isto nada tem de feminino ou masculino. Mas foi preciso que, mesmo inadvertidamente, elas se juntassem (ou as juntassem) para nos perguntarem: e agora?

O efeito-Ásia

COM ORIENTAL SUBTILEZA, UM "EFEITO-Ásia" FEZ-SE SENTIR NA DANÇA QUE VIMOS EM 2007. **LUÍSA ROUBAUD**

Do hip-hop a "Giselle", da valsa vienense ao kuduro angolano, do katali hindu à dança-teatro europeia: em toda a dança existe um subtexto que nos fala do lugar e do tempo em que vivemos. A emergência da Ásia no panorama geopolítico e cultural tornou-se uma realidade contemporânea iniludível. E, com oriental subtileza, um "efeito-Ásia" fez-se sentir na dança que vimos em 2007. Diferente do fascínio pelo exotismo de muita da dança modernista do início do século, ou da atracção por um vazio nirvânico, patente nas coreografias de um certo pós-modernismo, o traço asiático na dança actual encontra novas particularidades. Tão-pouco estamos perante a físico-espiritualidade das artes marciais ou da meditação, subjacente ao "body-mind centering" ou à improvisação contacto, abordagens que serviram a preparação dos intérpretes-criadores e a valorização dos processos da criação, implícita nos "work in progress" das Novas Danças europeias e americanas; ainda menos perante a mera introdução de atmosferas plásticas vagamente orientais. Um mundo que a circulação de pessoas, informação e imagens tornou mais pequeno tem propiciado o surgimento de linguagens híbridas, não exactamente inesperadas, mas muitas vezes surpreendentes. Tal foi o caso de "Moon Water" (Olga Cadaval), ou de "Bullit" (T.Camões), expressão das vivências americano-euro-asiáticas de Lin Hwai-min (Taiwan), e de Arco Renz (Alemanha). "Aculturação" ou "influência de", são designações que deixaram de se lhes adequar. No peculiar "Quiet, Please!" (Estado do Mundo) Nina Rajanari acelerou vertiginosamente o Bharatanatyam (dança clássica indiana), numa insólita condensação de imagens de



uma Índia ancestral e do frenético quotidiano da "city" londrina. A seu modo, também "Como é bom tocar-te", de André Mesquita (Cinema S. Jorge), vai beber a um reservatório que já tem como adquirida a herança de códigos corporais comuns. Estas paradoxais personas da nossa contemporaneidade sinalizam outras corporeidades onde se pressentem, na era pós dança-teatro, novos caminhos para a dança teatral. Na aparência, um retorno ao "movimento puro" e a um certo tecnicismo. Mas de facto os paradigmas são outros: no lugar do ímpeto ocidental para o domínio do espaço é a energia concentrada e mantida no interior do corpo que projecta o movimento para a superfície, qual metáfora de outros modos de sentir e estar no mundo; a dança aproxima-se da hipnose ou do transe e, desse modo, a formas de espiritualidade. Por distante que pareça de uma "dança de manifesto", aqui subjazem declarações políticas e problematizações profundas sobre as novas identidades em construção no mundo de hoje.



FRANCISCO CAMACHO Coreógrafo, intérprete e director artístico de uma estrutura independente, destacou-se este ano pela sua participação em "Blessed". A coreógrafa Meg Stuart criou especialmente para ele esta peça a solo, imbuída de uma atmosfera existencial de abismo e tragédia que é familiar a ambos. É sem dúvida a interpretação de Camacho, imersa na personagem, rigorosa, envolvente e original, que melhor transmite as qualidades coreográficas e dramáticas, e onde reside a sua mais valia. **PV.**



TÂNIA CARVALHO Há no seu universo particular uma estranheza que atrai. Seja porque não deixa de lado um formalismo coreográfico que, no contexto actual, quase parece deslocado, seja porque na sua abordagem filosófica há um desprendimento em relação às múltiplas interpretações que resgata o corpo de um turbilhão ausente de emotividade. Peças recentes como "Uma lentidão" que parece uma velocidade e "Barulhada" dão conta desse princípio de fidelidade ao equilíbrio entre racionalidade e emoção. **T.B.C.**



ANTÓNIO PINTO RIBEIRO criou o fórum O Estado do Mundo assinalando os 50 anos da Gulbenkian e um lugar preponderante e transversal da arte. Conjugando discursos práticos e teóricos, envolvendo comunidades, confrontando o tradicional e o contemporâneo e investindo no espectacular e no experimental, o projecto juntou obras criadas ao abrigo de diferentes classificações artísticas e estimulou uma reflexão sobre questões que se desenvolvem em contextos locais mas que têm relevância à escala global. **PV.**



Tiago Guedes
coreografou
este ano
"Matrioska"

Coreografar para públicos jovens

EM 2007, CERCA DE UM TERÇO DAS ESTREIAS DE CRIAÇÕES COREOGRÁFICAS DE NÍVEL PROFISSIONAL FORAM DIRIGIDAS A CRIANÇAS E JOVENS. **PAULA VARANDA**

A dança contemporânea tem um lugar periférico em relação ao centro das atenções da sociedade em que se inclui e das manifestações culturais mais reconhecidas pelos que financiam, os que promovem e os que usufruem. Para contrariar esta posição desfavorável os criadores têm repensado o conteúdo e o objectivo das suas obras, atentos à necessidade de

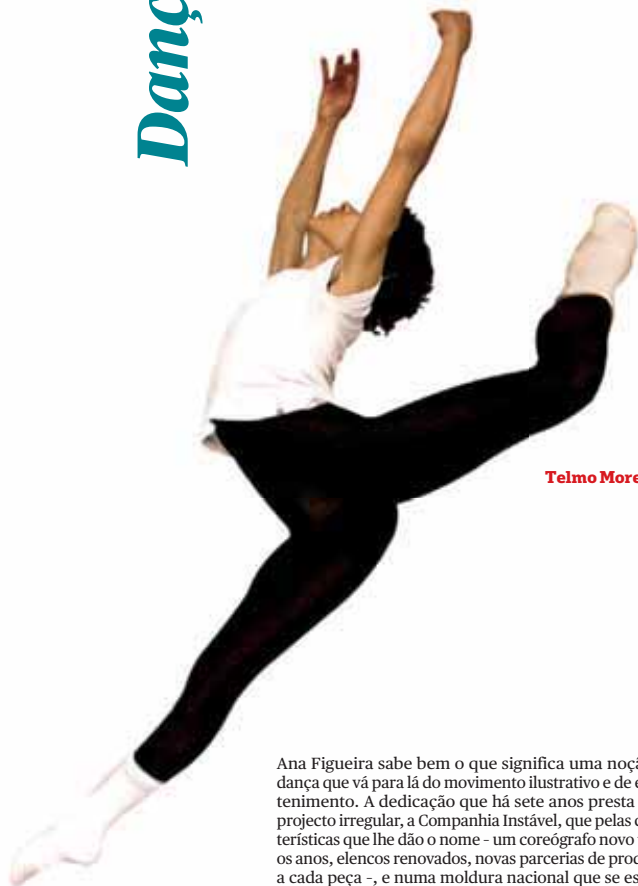
conhecer e sensibilizar novos públicos. Esta tendência não é nova e dela decorrem vários tipos de abordagem no processo criativo. Mas é relevante o facto de em 2007, cerca de um terço das estreias de criações coreográficas de nível profissional, serem peças dirigidas para ou acessíveis a crianças e jovens e terem alargado significativamente o número e origem dos espectadores envolvidos. Em quase todo o território surgiram e circularam trabalhos que formam um repertório artístico alternativo na cena nacional, como é o caso de "Uma Bailarina na Escola" de Aldara Bizarro e "Matrioska" de Tiago Guedes. Por outro lado, uma oferta de espectáculos de qualidade é fundamental para contextualizar as novas oportunidades de integração da dança no sector pedagógico que têm surgido, nomeadamente, com as actividades de enriquecimento curricular implementadas pelo Ministério da Educação.

Dança/Figuras

Casos exemplares

Ana Figueira e Telmo Moreira, a programadora e o bailarino.

Tiago Bartolomeu Costa



Telmo Moreira

Ana Figueira sabe bem o que significa uma noção de dança que vá para lá do movimento ilustrativo e de entretenimento. A dedicação que há sete anos presta a um projecto irregular, a Companhia Instável, que pelas características que lhe dão o nome - um coreógrafo novo todos os anos, elencos renovados, novas parcerias de produção a cada peça -, e numa moldura nacional que se esforça por não ser precária, tornou-se aposta ganha em "Caruma", de Madalena Victorino. Um labor que se verifica também na resposta à nomeação, em Maio, para o cargo de direcção artística do Teatro Aveirense, permitindo, por exemplo, e num teatro cujo passado recente se verificou atribulado, encontrar caminhos alternativos para uma programação, como aquele que quer desenvolver um diálogo frutífero e concreto entre a dança e tecnologia.

Telmo Moreira tem 15 anos e conquistou em Abril o Prémio de Melhor Bailarino Europeu no Youth American Grand Prix em Nova Iorque, para além de ter sido um dos laureados do exigente Prix de Lausanne, na Suíça. O mérito cabe-lhe por inteiro e deseja-se-lhe brilhante carreira, mas os prémios de Telmo Moreira, como outros que se querem ver conquistados brevemente por parte da Escola de Dança do Conservatório Nacional, através de talentos-robôs, ameaçam tornar-se uma obsessão para uma escola que deveria pugnar por um reconhecimento do seu trabalho de conjunto, em vez de fabricar, lançar e iludir bailarinos que dificilmente se integrarão num país sem companhias de repertório duráveis. Já para não falar do espírito de competição pouco saudável que criam entre alunos numa idade susceptível.



A arte

e a vida de Robert Rauschenberg

A mostra de Serralves veio afirmar a importância histórica deste conjunto de obras de Rauschenberg e a oportunidade de a ver após uma primeira apresentação nos EUA confirma a integração do Museu de Serralves no circuito internacional. *Óscar Faria*



Zidane - Um Retrato do século XXI
de Douglas Gordon e Phillippe Parreno

No âmbito de uma longa tradição, o retrato, Douglas Gordon e Phillippe Parreno fixaram a solidão de um dos nomes maiores do futebol mundial: Zinedine Zidane. Uma obra que se distancia da multidão, do jogo, para revelar a infinitude de um rosto, o enigma de uma existência; contra o mundo. Na transição entre as artes plásticas e o cinema. O.F.

3



João Pedro Vale
Nascido a 5 de Outubro
Lisboa, Galeria Filomena Soares

Uma individual de João Pedro Vale veio confirmar a extraordinária capacidade inventiva deste escultor, com peças que ensaiavam uma desconstrução dos mitos portugueses mais arreigados. Esculturas em sal, tapetes persas feitos de guardanapos de papel colorido e até cópias em plasticina de obras basilares da contemporaneidade em Portugal testemunhavam a maturidade de um percurso bem pensado. L.S.O.

4

Jorge Queiroz

Museu de Arte Contemporânea de Serralves

As infinitas possibilidades do desenho. Abstracção e figuração. Diferença e repetição. Macro e micro. Uma permanente desterritorialização de linhas, cores, e formas. Figuras sem cabeça; paisagens turbulentas. Cenários onde o maravilhoso se afirma como um dos poucos lugares possíveis contra a retórica do contemporâneo. O.F.



5

Ingenuidades. Fotografia e Engenharia

Lisboa, Fundação Calouste Gulbenkian

O que faremos da Terra onde habitamos foi o conceito escolhido por Jorge Calado para dar corpo a uma mega-exposição de fotografia que trouxe à Gulbenkian dezenas de autores com obras que demonstravam olhares fascinados, horrorizados ou encantados pela técnica. L.S.O.



6



1

Robert Rauschenberg
Museu de Arte Contemporânea de Serralves

Entre o expressionismo abstracto e a arte pop, Rauschenberg (n.1925) inaugurou uma outra possibilidade para a arte americana do século XX. Depois de ter conhecido o sucesso com as suas "combines", retirou-se, por motivos de saúde, para a ilha de Captiva, na Florida. Foi aí, no início dos anos 1970, que produziu um corpo de trabalho com materiais recolhidos do quotidiano, cartões, pneus, madeira, etc. Este conjunto de obras até hoje tinha sido pouco conhecido e estudado. A mostra de Serralves veio afirmar a importância histórica destas obras e a oportunidade de a ver após uma primeira apresentação nos Estados Unidos confirma a integração do Museu de Serralves no circuito internacional.

São 65 trabalhos que dão a conhecer um período menos conhecido de um dos nomes mais relevantes da arte da segunda metade do século XX. Nessa fase do seu percurso, como nota João Fernandes em texto incluído no catálogo da exposição,

a obra de Rauschenberg "adquirira uma importância fundamental na desconstrução do ensimesmamento e da autonomia com que o expressionismo abstracto do pós-guerra tinham isolado a arte e a vida." O director do MACS sublinha ainda que Rauschenberg "reinventara novas possibilidades para a utilização da tradição ainda recente do 'objecto encontrado', restabelecera uma relação com a arte das primeiras vanguardas artísticas do século XX, redefinindo novos caminhos para a colagem e a assemblage, configurando um novo contexto conceptual para a realização do monocromo (...), reabrindo caminhos que, por exemplo, os dadaístas tinham inaugurado mas que se encontravam esquecidos e abandonados na suas heresias e na sua vitalidade em muita da arte acontecida no pós-guerra (...)"

A biografia de Rauschenberg inclui exposições, colaborações com coreógrafos, performances, tendo hoje a sua fundação, organização sem fins

Foi no início dos anos 1970 que produziu um corpo de trabalho com materiais recolhidos do quotidiano, cartões, pneus, madeira, etc

lucrativos dedicada à investigação médica, educação, meio ambiente, os sem-abrigo e a arte. Afectado por problemas de saúde, continua a trabalhar todos os dias, à noite, no seu estúdio em Captiva. Este é o artista que disse: "A pintura relaciona-se quer com a arte, quer com a vida. Nenhuma pode ser feita. (Tento agir no intervalo entre as duas)."



Museu Berardo
Centro Cultural de Belém

Inaugurou com pompa e circunstância no Verão, e desde o início foi um sucesso de público, que ocorreu em massa e em família, para ver o fenómeno Berardo mais que para apreciar arte contemporânea. O novel director, François Chougniet, conseguiu realizar uma montagem excelente a partir da extensa colecção reunida durante anos por Francisco Capelo e Joe Berardo, com um percurso que alia a função didáctica da historiografia da modernidade ao destaque dado a algumas peças de qualidade indiscutível, como a escultura-pintura de Frank Stella, à entrada, ou a sala de Cabrita Reis. As exposições temporárias que marcaram os últimos meses do ano, salvo uma excepção, não desmereceram das expectativas criadas, apresentando-nos visões originais e nada fáceis sobre um percurso histórico, por um lado ("Um teatro sem sem teatro"), e, por outro, a contemporaneidade na Europa Central.

A integração de artistas portugueses na exposição permanente não será uma das menores virtudes do museu, já que, talvez por provincianismo ou complexo de inferioridade descabido, ela estava excluída da montagem anterior, no Sintra Museu de Arte Moderna. Apesar dos reparos que algumas vozes do "art set" nacional fizeram ao museu na altura da inauguração, o Museu Berardo e a sua colecção conseguem já ter o aval que a notoriedade internacional entretanto ganha garante. A globalização tem destas coisas: a qualidade avalia-se cada vez mais à escala internacional e cada vez menos o que se passa dentro de portas, se não consegue ter ecos nas capitais da arte, pouco interessa. L.S.O.

2

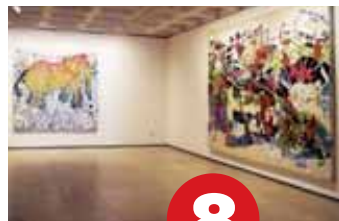
João Tabarra

G
ZDB e Galeria Graça Brandão

Constituiu um momento singular no âmbito do contexto artístico nacional. Dividido em dois momentos, a exposição revelou um corpo de trabalho consistente - fotografia e vídeo -, uma produção exemplar e sobretudo um autor que se afirma cada vez mais como protagonista de um género dado a enormes equívocos: a arte política. A classe operária está mais próxima da Via Láctea... O.F.



7



Gabriel Abrantes
Buttocalypse
Lisboa, Galeria III.

Foi uma das revelações do ano: depois de uma colectiva sem ecos com o grupo Orgasmo Carlos, Miguel Abrantes surgiu na III com uma individual de pintura onde a violência marcava as imagens. Esculturas de pano de grande formato, semelhantes a bonecos acentuavam as referências escolhidas: da televisão aos filmes de acção, dos "graffiti" à imprensa mais popular. A presença na Arte Lisboa, alguns meses depois, onde mostrou uma "Casa da Música" tridimensional que abrigava animais, confirmou esta linha corrosiva, irada, e também irónica. L.S.O.

8

João Queiroz

Chiado 8/Culturgest

A invenção da paisagem. Aquarelas que acontecem "entre" o desenho esquecido algures e a pintura, última estação de um trajecto durante o qual a imanência devém arte. Memórias de intensidades colhidas em vários lugares, os trabalhos apresentados no Chiado 8 aproximam-nos dos diferentes modos de existência; eles dizem-nos quanto é inesgotável a relação entre um corpo e a natureza. O.F.



9



10

António Júlio Duarte
Do Natural
Lisboa Módulo

Um universo artificial, feito de imagens de um exotismo de exportação, de participantes de uma feira erótica ou de tronos e reis de pechisbeque - mas também do quotidiano indiferente - habita as fotografias de António Júlio Duarte, um dos fotógrafos mais interessantes da actualidade. Com um talento ímpar para captar o excesso, o desvio, a assimetria e qualquer coisa que poderíamos chamar o sinal da queda, teve uma excelente exposição individual este ano. L.S.O.

Joe Berardo

o ano do triunfo

É graças ao dinheiro fresco de Joe Berardo que os portugueses podem ver uma exposição permanente de arte contemporânea no país. *Luísa Soares de Oliveira*

Com a assessoria de Francisco Capelo, Joe Berardo começou nos anos 80 uma colecção de arte moderna e contemporânea que iria longe. No início da década seguinte, instalou-a no antigo edifício do casino, em Sintra, onde, sob a direcção de Maria Nobre Franco, mostrou uma colecção internacional equivalente a muitas outras que existem pelo mundo. Mas a sua ambição já, na altura, era outra: instalar um museu com o seu nome no Centro Cultural de Belém, em Lisboa, e conseguir um bom acordo com o Estado português para a manutenção desta instituição e a aquisição futura do acervo.

Depois de vários episódios dignos de novela televisiva, agora já sozinho, este foi o ano da consagração de Berardo: não só conseguiu tudo o que quis, como provou sem equívocos que é possível transformar uma colecção razoável num conjunto excelente.

Contudo, se vimos bem, sempre foi assim. Sempre o dinheiro fresco,

Foi Berardo a pessoa que se substituiu ao Estado na sua função de aquisição da arte actual, de conservação do património da criação contemporânea, e até, em boa medida, da promoção da arte portuguesa no estrangeiro

porque não se embaraça com a tradição, compra o que é novo, o que está na moda, o que é "cutting edge", para usar a terminologia do mundo das artes. E também sempre o dinheiro fresco, pelo menos desde o tempo dos Médicis, fez compras polémicas que provocaram ataques de urticária a quem não conseguiu levar uma fatia do bolo. Foi o que aconteceu em Portugal, previsivelmente. Se formos a ver, no entanto, foi Berardo, e ainda o é, a pessoa que se substituiu ao Estado na sua função de aquisição da arte actual, de conservação do património da criação contemporânea, e até, em boa medida, da promoção da arte portuguesa no estrangeiro.

É bom que haja alguém em Portugal assim, agora que Governo e instituições particulares tradicionalmente ligadas ao mundo das artes preferem outras opções. Afinal, é graças à sua teimosia que os portugueses podem ver uma exposição permanente de arte contemporânea no país.

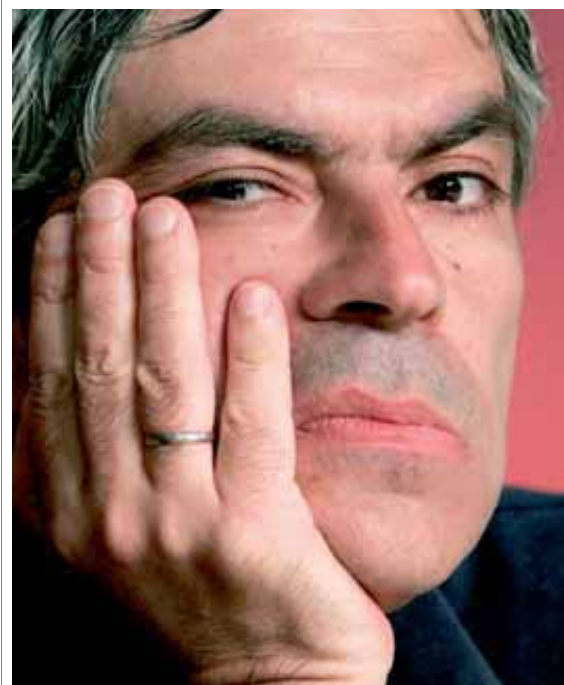
Exposições/Figuras



Pedro Costa

um cineasta entre artistas

O olhar de determinados cineastas permite-nos redescobrir não só o cinema como a imagem, em geral - na vida, na pintura, na fotografia, no vídeo... Pedro Costa é um desses cineastas. É por isso que os museus lhe estão a abrir as portas. *Vanessa Rato*



Em 1993 Manoel de Oliveira disse assim o que ama no cinema: "Uma saturação de signos magníficos banhados pela luz da sua ausência de explicação." Jean-Luc Godard ter-se-á identificado de tal forma com a ideia que em 1996 a retomou (e lhe deu forma) em "For Ever Mozart". Dez anos depois o Centro Georges Pompidou usou-a também - para cautionar a exposição com que pegou na cinematografia de Godard e a elevou ao estatuto de obra de arte.

A 11 de Maio de 2006, inaugurou a pequena mas polémica "Voyage(s) in utopie", que mostrava imagens de filmes de Godard em ecrãs plasma como objectos de arte autónomos, devedores de nada a não ser de si mesmos, da sua lógica interna.

Apesar de "Voyage(s)" ter ficado longe do sucesso crítico antecipado, já este ano o Pompidou voltou a trabalhar a ideia de que a prática cinematográfica de determinados realizadores persegue e contém um olhar que nos permite redescobrir não só o cinema como a imagem, em geral (na vida, na pintura, na fotografia, no vídeo...). E que por isso lhes devemos dar lugar nos museus.

Até dia 7 "Correspondances" junta o espanhol Víctor Erice e o iraniano Abbas Kiarostami, mostrando passagens de filmes de ambos, lado a lado, como instalações, e os trabalhos em

pintura (Erice) e fotografia (Kiarostami) em que ambos prolongam (ou sintetizam?) o seu olhar.

Os fluxos entre o e cinema e as artes plásticas são tão antigos quanto o próprio cinema. Contudo, nunca como agora cineastas e artistas trocaram de lugares assim, tomando em mãos não só as estratégias e inquietações, mas também os circuitos de validação uns dos outros.

Em Portugal, ao longo dos últimos anos, Pedro Costa (n.1959) foi-se tornando num símbolo desta nova forma de ascensão de um certo cinema de autor, conquistando espaço nos museus nacionais e estrangeiros.

Em 2003 foi convidado pela curadora Catherine David a fazer parte de "True Stories" no Centro de Arte Contemporânea Witte de With de Roterdão. Em finais de 2005 Serralves decidiu cruzar a sua obra com a do escultor Rui Chafes, e, enquanto há dias "Juventude em Marcha" (2006) era escolhido pela Associação dos Críticos de Cinema de Los Angeles como o melhor filme do ano na categoria Independente/Experimental, o autor de "Sangue" (1989), "Casa de Lava" (1995), "Ossos" (1997) e "No Quarto da Vanda" (2000) preparava-se para participar em nova exposição, desta vez no Luxemburgo, onde está entre os 30 artistas de "Portugal Agora", a maior exposição

Em 2006 a revista "Cinema Scope" declarou: "Pedro Costa é um dos maiores cineastas do mundo." Este ano, quem sabe, talvez tivesse dito: "Pedro Costa é um dos maiores artistas do mundo." Assim, sem categorias

alguma vez dedicada à arte contemporânea portuguesa por um museu estrangeiro. Em Munique está a preparar nova mostra, esta para 2009, na Haus der Kunst, e, até lá, ainda há Tóquio, talvez no Hara Museum.

Em 2006 Mark Peranson teve a coragem de declarar na "Cinema Scope": "Pedro Costa é um dos maiores cineastas do mundo." Este ano, quem sabe, talvez tivesse dito: "Pedro Costa é um dos maiores artistas do mundo." Assim, sem categorias.

Joana Vasconcelos

a “marca Portugal”

Confirmou-se a subida segura da escultora no índice de notoriedade internacional dos artistas. *Luísa Soares de Oliveira*

O nome de Joana Vasconcelos surge ligado ao Museu Berardo ainda antes da inauguração deste último, em Junho. E não é por acaso. A coisa surgiu devido a duas grandes esculturas em forma de castiçais, mas formadas por porta-garrafas, nas duas entradas do museu. Esculturas feitas com o sentido de oportunidade que se reconhece à escultora: Berardo precisava de peças em grande formato, e Joana Vasconcelos decidiu usar as garrafas de uma conhecida marca de vinhos da propriedade do financeiro.

Este é apenas um dos muitos episódios que pautam a subida lenta e segura da escultora no índice de notoriedade internacional dos artistas. Em Fevereiro, por exemplo, estava no Arco, a feira de arte de Madrid, com uma peça espantosa num “project room” austríaco (um coração de filigrana feito de talheres de plástico), e anunciava que passava a trabalhar em exclusividade com galerias estrangeiras, abdicando das portuguesas.

Em Fevereiro,
no Arco, anunciava
que passava
a trabalhar em
exclusividade com
galerias estrangeiras,
abdicando
das portuguesas

Em Junho, um grande sapato feito em painéis de alumínio, “Dorothy”, era a única peça portuguesa na exposição organizada no jardim do Palazzo Nani Bernardo Lucheschi, no Grande Canal de Veneza, frente ao Palazzo Grassi, do colecionador francês François Pinault, mostra que se autonomizava das representações nacionais da Bienal. Vasconcelos foi convidada pela leiloeira parisiense Artcurial e pela Associação para a Difusão Internacional da Arte Contemporânea (ADIAIC Portugal). Como artista internacional, não como artista portuguesa. E por aí fora. Recentemente, é a única artista plástica a ter o seu rosto espalhado pela imprensa e “outdoors” do país e do mundo na campanha mais recente da “marca Portugal”. Irá longe esta artista apresentada por João Fernandes no início dos anos 90, numa já longínqua exposição colectiva em Serralves.



“MAGNÍFICO.
UM DOS MELHORES DO ANO.”
David Gritten, DAILY TELEGRAPH

“UMA OBRA-PRIMA MODERNA!
BRAD PITT E CASEY AFFLECK
BEM MERECEM OS OSCARS.”
Andrew Sarris, THE NEW YORK OBSERVER

“PODEROSO, POÉTICO
E PROFUNDO!”
Scott Mantz, ACCESS HOLLYWOOD

BRAD PITT CASEY AFFLECK

O ASSASSÍNIO DE
JESSE JAMES **PELO**
COBARDE ROBERT FORD

WARNER BROS. PICTURES APRESENTA
EM ASSOCIAÇÃO COM VIRTUAL STUDIOS UMA PRODUÇÃO SCOTT FREE/PLAN B ENTERTAINMENT. BRAD PITT “THE ASSASSINATION OF JESSE JAMES BY THE COVARD ROBERT FORD” CASEY AFFLECK
SAM SHEPARD MARY-LOUISE PARKER PAUL SCHNEIDER JEREMY RENNER ZOEY DESCHANEL e SAM ROCKWELL INTERIOR NICK CAVE e WARREN ELLIS “PROPS” PATRICIA WORTH
MONTAGEM DYLAN TICHENDOR, A.C.E. CURTIS CLAYTON FIGUEIRA ROGER DEAKINS, A.C.E. “PROPS” BRAD GREY TONY SCOTT LISA ELLZEY BENJAMIN VASBREN
BASEADO NO LIVRO DE RON HANSEN PRODUÇÃO POR BRAD PITT DEDE GARDNER RILEY SCOTT JULES DALEY DAVID VALDES CÉLULA PARA O CINEMA ANDREW DOMINIK
NOS CINEMAS A 3 DE JANEIRO
www.theassassinationofjessejames.com.pt

VENÉZIA 64
Festival de Cinema de Veneza
Vencedor
BRAD PITT
Melhor Actor

Hermitage



Um país de ricos e pobres

INICIATIVAS PONTUAIS CONSEGUEM ORÇAMENTOS MILIONÁRIOS ENQUANTO OUTRAS DEFINHAM POR FALTA DE VERBAS. O PAÍS REORGANIZA-SE - ENTRE RICOS E POBRES, SEM CLASSE MÉDIA. **VANESSA RATO**

Iniciativas com orçamentos milionários para o que é hábito em Portugal. Por exemplo, "Allgarve", que nos meses de Verão deslocou a

sul os circuitos da arte contemporânea e juntou o Ministério da Economia e o Turismo de Portugal a instituições como Serralves (orçamento: seis milhões de euros) - isto enquanto a Câmara Municipal de Lisboa anunciava a não realização, em 2007, das bienais LisboaPhoto e da ExperimentaDesign, mais a fuga para Cascais da ModaLisboa, tudo por falta de meios.

Também exposições individuais sobre Portugal, uma da alemã Candida Höfer ainda em 2006 - no Centro Cultural de Belém, mas patrocinada pelo Banco Espírito Santo (BES) e com comissariado da responsável pela colecção do banco, Alexandra Pinho -, mas outra, do brasileiro Vik Muniz, já em 2007 - no Museu da

Electricidade, com apoio mecénático da Fundação EDP e de novo do BES (orçamento: perto de 500 mil euros, 85 mil euros de produção da exposição e catálogo e o restante para a aquisição de 14 fotografias, dois portfólios de sete obras cada, um para a EDP outro para o BES). Isto enquanto o mesmo Centro de Artes Visuais de Coimbra, que se dispôs a vir a Lisboa comissariar a mostra, definha em Coimbra pela falta de apoios.

Também a primeira exposição do Hermitage de São Petersburgo em Lisboa, para a qual o Ministério da Cultura conseguiu 1,5 milhões de euros em dotações mecénáticas (Turismo de Portugal, BCP, El Corte Inglés, PT, Fnac, IBM...) - foi inaugurada cinco dias depois de,

em Londres, se anunciar o encerramento da sucursal britânica do mesmo Hermitage por falta de fundos e enquanto o meio museológico português se revoltava pela falta de orçamento da rede de instituições afectas ao Instituto dos Museus e da Conservação, a maioria a funcionar no fio da navalha da subsistência (em 2007, o orçamento desse instituto, para toda a sua rede - 29 museus - e para programação e funcionamento, foi de 20 milhões de euros).

O Museu Colecção Berardo de Arte Moderna e Contemporânea a abrir com um orçamento de um milhão de euros por ano para aquisições (500 mil dos quais vindos do Ministério da Cultura), enquanto instituições pré-existentes como o Museu do Chiado - Museu Nacional de Arte Contemporânea, afecto à Rede Nacional de Museus, desistem de fazer aquisições por total falta de verbas.

A que corresponde esta paisagem? A uma estatização da arte? A uma empresarialização?

O Ministério da Cultura, por exemplo, argumenta que na maioria dos casos em que se tem envolvido - como o Hermitage - não há desvios de dinheiros da Cultura, uma vez que se conseguem apoios excepcionais de outros ministérios e privados. Outra via seria pensar que o esforço desenvolvido junto desses outros ministérios e privados para iniciativas pontuais poderia e deveria ser aplicado também na procura de apoios sustentados para entidades e estruturas deficitárias que têm ocupado um papel fundamental no tecido português.



Artistas portugueses em Berlim

Internacionalização, sem deus nem chefe

A INTERNACIONALIZAÇÃO DA ARTE CONTEMPORÂNEA PORTUGUESA VAI-SE FAZENDO À CUSTA DO ESFORÇO INDIVIDUAL DOS ARTISTAS E SEM QUALQUER ESTRATÉGIA CONCERTADA. **VANESSA RATO**

Nas mais importantes bienais, com convites directos de comissários não-ibéricos. Mas

também, cada vez mais, em exposições colectivas internacionais. E também, cada vez mais, em mostras individuais - exposições em nome próprio em galerias, museus ou centros de arte tanto na Europa como nos Estados Unidos. A internacionalização, a eterna pedra no sapato da arte portuguesa, acontece - cada vez mais - mas, ao contrário do que se verifica noutros países, não como resultado de uma política ou estratégia concertada para o sector - antes como a consequência naturalmente ténue da súmula dos esforços individuais dos próprios artistas, às custas de apostas pessoais, geralmente, pouco ou nada apoiadas pelo Estado.

Há dois anos Pedro Cabrita Reis dizia: "O facto é que

internacionalmente o país praticamente não existe, ou seja, não tem qualquer relevância no mercado." O que equivale a dizer que os artistas portugueses "nunca poderão contar com o mesmo efeito propulsor e identificador com que as economias dominantes multiplicam a visibilidade dos seus criadores": "Sem poder usufruir dessa imagem de marca forte, resta aos artistas portugueses continuar a fazer aquilo que parece ter sido sempre feito ao longo de todas as décadas, ou seja, partir para onde tiver que ser e ir construindo cada um a sua própria "internacionalização".

Berlim, mas também Paris e Nova Iorque. Há cada vez mais jovens artistas portugueses a viver em cidades como estas. Não é novo. Novo é que cada vez mais façam a

sua formação e carreira inicial já a partir desses focos, com uma implantação e preocupação quase nula com o circuito nacional. Novo é também o número crescente daqueles que apesar de reconhecimento crítico numa conseguiram integrar-se no circuito galerístico (e portanto comercial) português, conseguindo-o hoje (e de formas cada vez mais interessantes) no estrangeiro.

A capacidade de "exportação colectiva" da "marca Portugal" de que tanto se fala continua e continuará certamente por acontecer. Ainda há uma semana, "Portugal Hoje - A propósito dos lugares de origem" abriu no recém-inaugurado Museu de Arte Moderna do Luxemburgo com 38 artistas plásticos e designers

portugueses de várias gerações, de Helena Almeida, de 73 anos, a Mafalda Santos, de 27 - a maior exposição alguma vez dedicada à arte contemporânea portuguesa por um museu estrangeiro. A curadora principal e directora do museu, Marie-Claude Beau, esperava conseguir em apoios mecénáticos portugueses pelo menos metade do orçamento de 400 mil euros da exposição. Passados dois anos sobre o momento em que começou a preparar a mostra, não consegue esconder a perplexidade pelo que conseguiu: "Menos, muito, muitíssimo menos que isso. E nenhum de empresas. Apenas da Gulbenkian, na última semana, e do Instituto Camões. A TAP abriu-nos uma linha de crédito."